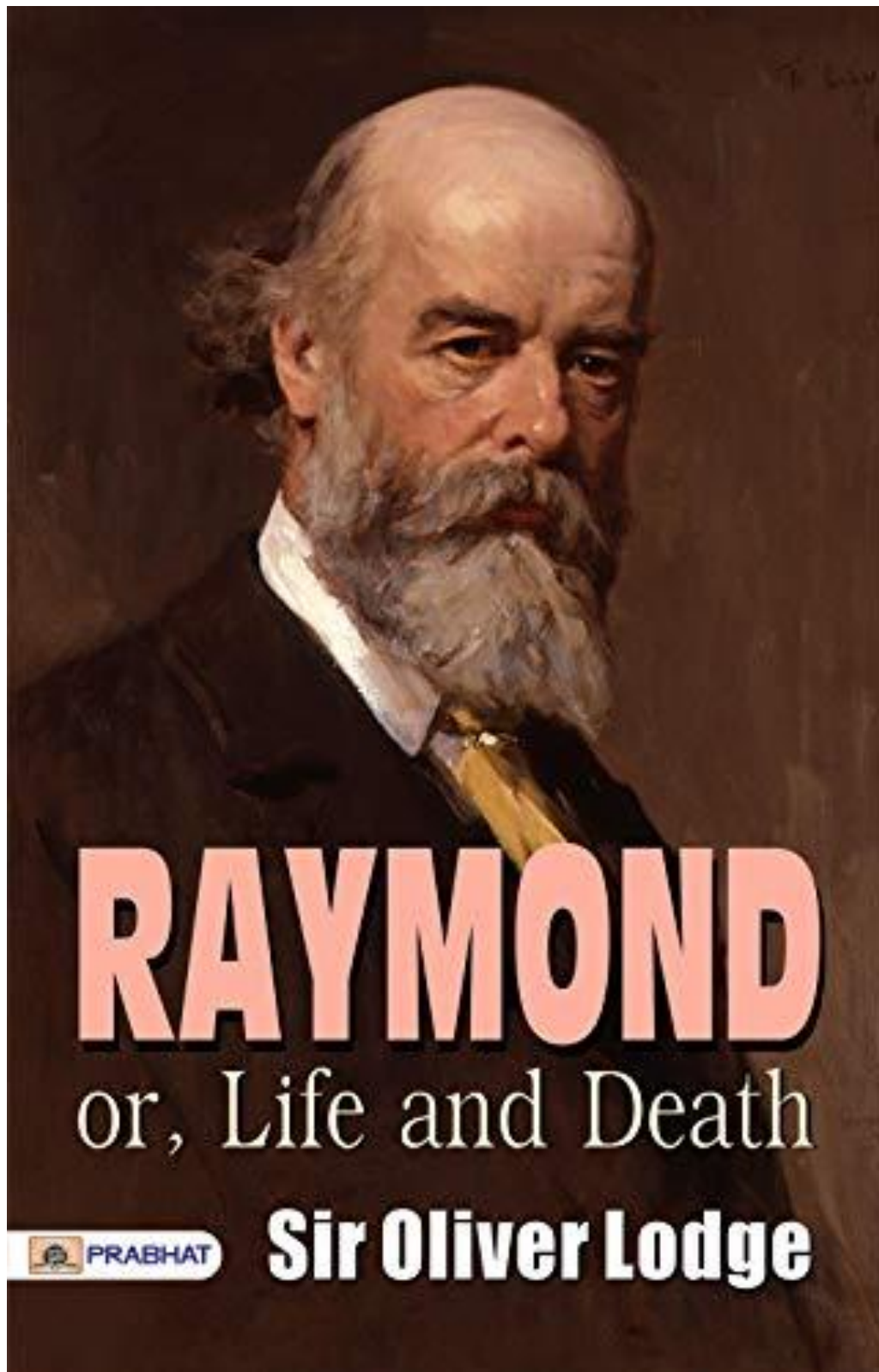
RAYMOND

OU UMA PROVA DA SOBREVIVÊNCIA DA ALMA

Tradução: Amadeu António

Introdução

Esta obra leva o nome do meu filho morto na guerra. Jamais ocultei minha crença de que a personalidade não só persiste, como ainda continua mais entrosada ao nosso viver diário do que geralmente o supomos; de que não há nenhuma solução de continuidade entre os vivos e os mortos; e de que existem processos de intercomunicação bastante efetivos quando o afeto intervém. Como disse Sócrates a Diotima, "o amor vence o abismo" (*Symposium*, 202 e 203).

Mas não é somente a afeição que controla e fortalece o intercâmbio supranormal: o interesse científico e o zelo do missionário também se revelam eficazes; e foi sobretudo graças aesforços desse gênero que eu e outros gradualmente nos convencemos, através de experiências diretas, dum fato que de há muito se tornou evidente para o gênero humano.

Até aqui vim sendo testemunha de ocorrências e mensagens de caráter mais intelectual do que sentimental; e embora muito dessa evidência permaneça inacessível ao público, parte, entretanto, aparece de tempos a tempos nos *Proceedings of Society for Psychical Research* e na minha coleção intitulada *A Sobrevivência do Homem*. Ninguém, portanto, se surpreenderá se agora surjo testemunhando comunicações que me sobrevieram dum modo especial – comunicações de que o sentimento não está excluído, conquanto apareçam como guiadas e dirigidas por um propósito inteligente, interessado em reunir provas. É a razão que me induziu a publicar este livro.

Mensagens inteligíveis e de caráter um tanto misterioso – de "Myers" – chegaram ao meu conhecimento uma semana ou duas antes da morte de meu filho; e quase todas as recebidas depois de sua morte diferem em caráter das que anteriormente recebi por intermédio de vários médiuns. Até essa época nenhuma criatura se me apresentara ansiosa de comunicação; e embora surgissem amigos promotores de mensagens, eram mensagens de gente da velha geração, diretores da *Society for Psychical Research* e antigos conhecimentos meus. Já agora, entretanto, sempre que eu ou alguém da minha família recorremos anonimamente a um médium, a mesma criatura se apresenta, sempre ansiosa de dar provas da sua identidade e sobrevivência.

E tenho que o conseguiu. O cepticismo da família, que nos primeiros meses foi muito forte, acabou vencido pelos fatos. Ignoro em que extensão esses fatos possam ser compreendidos por estranhos. Mas reclamo uma atenção paciente; e se incido em erros, já no que incluo, já no que omito, ou se minhas notas e comentários carecem de clareza, aos leitores peço, em todas as hipóteses, uma interpretação amiga: porque em matéria tão pessoal não ignoro que fico exposto à crueldade e ao cinismo da crítica.

Poderão alegar: por que motivo atribuir tanta importância a um caso individual? Na realidade não lhe atribuí nenhuma importância especial; mas acontece que cada caso individual é de interesse, porque tem plena aplicação nesta matéria a máxima *Ex uno disce omnes*. Se posso estabelecer a sobrevivência de um só indivíduo, *ipso facto* tê-la-ei estabelecido para todos.

Eu já tinha a sobrevivência como provada, graças aos esforços de Myers e de outros da *Society*; mas nunca são demais as provas, e a discussão de um novo caso não enfraquece a evidência já conseguida. Cada vara do feixe deve ser testada, e, a não ser que defeituosa, aumenta a força do feixe.

Basear tão importante conclusão, como seja a prova científica da sobrevivência humana, num facto apenas, sem o apoio lateral de grande número de casos similares, não seria judicioso; porque uma explicação diferente desse caso único poderia surgir. Mas plenamente se justificam o exame da força probante de cada caso cujos detalhes sejam bem conhecidos e a dedução, do modo mais completo e leal possível, da verdade que por ventura nele se contenha.

2ª Parte

O SOBRENATURAL

Peace, peace! He is not dead, he doth not sleep He hath awakened from the dream of life.

Shelley, Adonais

Capítulo VI

A MENSAGEM DO "FAUNO"

Factos preliminares

Raymond entrou para o exército em Setembro de 1914, treinou em Liverpool e Edinburgo e em Março do ano seguinte foi mandado para as trincheiras. Em meados de Julho esteve em casa por alguns dias, de licença. No dia 20 voltou para a frente.

A mensagem inicial de "Piper."

A primeira sugestão que tive de que qualquer coisa má podia acontecer foi uma mensagem de Myers, colhida na América por Sr.ª. Piper, e aparentemente comunicada por "Richard Hodgson," certa ocasião em que uma Miss Robbins estava em sessão em casa de Sr.ª Piper, em Greenfield, New Hampshire, a 8 de Agosto de 1915. De tudo fui informado por Miss Alta Piper, que me enviou a documentação original. Apresento abaixo o relato do que, em certo momento da

sessão da Miss Robbins, depois de tratarem de assunto que dizia respeito só a ela e nada a mim, começou abruptamente deste modo:

Richard Hodgson – Bem, Lodge, conquanto não estejamos aí como outrora, isto é, por em absoluto, estamos suficientemente aptos para receber e enviar mensagens. O Myers diz que você adopta a parte do poeta; e ele, a do Fauno.

Miss Robbins – Fauno?

Richard Hodgson – Sim. O Myers. *Protege*. Ele compreenderá. (Evidentemente referindo-se a Lodge). Que tem você a dizer, Lodge? Bom trabalho. Pergunte à Sr.ª Verral, ela também compreenderá. Assim pensa o Arthur. (Refere-se ao Dr. Arthur Verral, falecido).

Carta da Sr.ª Verral

A fim de interpretar esta mensagem, escrevi à Sr.ª Verral, conforme sugerido, a perguntar-lhe se a expressão O Poeta e o Fauno tinha para ela algum sentido, e se um "protegia" outro. Uma resposta dela chegou breve a 8 de Setembro:

"A citação refere-se ao que diz Horácio sobre a queda de uma árvore que por um triz o não matou; a proteção recebida ele a atribui ao Fauno. Cf. Hor. Odes, II, XVii, 27; III, iv, 27; III, viii, 8. A alusão ao Fauno está na Ode II, xvii, 27-39:

Me truncus illapsus cerebro Sustulerat, nisi Faunus ictum Dextra levasset, Mercurualium Custus virorum.

(Fauno, o guardião dos poetas; "poeta" sendo a interpretação usual dos "homens de Mercúrio").

As palavras citadas são rigorosamente aplicáveis à passagem de Horácio, como imediatamente percebi.

M. de G. Verral.

Deduzo, pois, que desta interpretação da mensagem de Myers, a mim dirigida e evidentemente correta, a significação era que algum golpe iria sobrevir, ou tinha possibilidade de sobrevir, embora eu não pudesse saber qual; e que Myers interviria, aparentemente para proteger-me.

A mensagem chegou-me a 6 de setembro, na Escócia. Raymond faleceu em Ypres a 14, recebendo eu a notícia a 17. "Árvore que cai" é um símbolo de morte usado com frequência, talvez devido a uma errônea interpretação do Eclesiastes, xi 3. Os

demais eruditos a quem fiz a mesma pergunta foram unânimes em referir a citação de Horácio.

Resposta de Mr. Bayfield

Logo depois da morte de Raymond apresentei os fatos ao Rev. M. A. Bayfield, ex-diretor do Eastbourne College, como um incidente interessante para a S. P. R. e declarando, ao mesmo tempo, que Myers não pudera desviar o golpe. Eis a resposta recebida:

"Em nenhuma passagem dos seus poemas Horácio diz claramente que a árvore o apanhou, mas minha dedução é que o fez. Diz ele que Fauno "aliviou", não que "desviou" o golpe. No vosso caso, a significação me parece ser de que o golpe sobreviria, mas não esmagaria; que seria "atenuado" pela asseguração dada por Myers de que o vosso filho ainda vive. Muitas criaturas, quando são assim golpeadas, ficam, como Merlin, as dead, And lost to life and use and name and fam

Isto me parece ter aplicação bem nítida à palavra sobre que Myers insiste e a toda a referência a Horácio".

E no P. S. acrescenta:

"Os versos implicam que ele foi ferido pelo golpe, e na cabeça. Realmente, o perigo foi grande; e sou levado a crer que Horácio não se teria impressionado tanto se não fosse realmente alcançado pela árvore. Há em suas Odes quatro referências ao caso, todas fortalecendo a minha interpretação – e também a da mensagem de Myers, que devia estar bem consciente dos termos da citação dos versos de Horácio – e não teria dúvida de que o poeta não escapara ao golpe, o qual fora rude."

Nota do autor

Embora alguns tradutores de Horácio se atenham à ideia do desvio do golpe, devo frisar que a maior parte dos eruditos consultados deram "aliviou" ou "atenuou" como a boa tradução. O prof. Strong diz: "Não há dúvida que levasset significa enfraqueceu; o galho da árvore caiu e alcançou o poeta, mas levemente, graças à intervenção de Fauno (variante latina de Pan). Levo tem comumente esse sentido, no clássico".

A tradução em prosa de Bryce é clara – "um galho que caiu sobre minha cabeça teria sido o meu fim, se o bom Fauno não atenuasse o golpe". E conquanto na tradução de Conington venha que "o golpe foi detido a meio caminho", sua ideia é a mesma, porque foi detida a morte do poeta, não o golpe:

Me the curst trunk, that smote my skull, Had slain; but Faunus, strong to shield The friends of Mercury, check'd the blow In mid descent.

Informação adicional

Mr. Bayfield também me relembra outra referência que recebi, oriunda de manifestação por meio da escrita automática, em casa ainda de Sr.ª. Piper, e datada de 5 de agosto, a qual me veio ter às mãos conjuntamente com a mensagem do Fauno.

"Sim. No momento, Lodge, tende fé e sabedoria (confiança) em tudo que é maior e melhor. Não haveis sido tão profundamente guiado e cuidado? Podeis responder que não? Graças à vossa fé é que tudo foi e irá bem."

Recordo-me de ter ficado um tanto surpreso com as palavras acima, que me urgiam a admitir que todos – presumivelmente minha família – "tínhamos sido profundamente guiados e cuidados", porque essa advertência parecia dizer que qualquer coisa estava iminente. Mas era alusão muito vaga para me preocupar, e ter-se-ia evaporado da minha cabeça se não fosse o aviso do "Fauno" dado três dias depois, embora por mim recebido juntamente com a mensagem – o que aceitei como uma profecia, realizável ou não. E realmente Raymond foi morto justamente uma semana depois da vinda da mensagem.

Capítulo VII

CONTINUAÇÃO DA MENSAGEM DO "FAUNO"

Há agora que ver como Myers cumpriu a promessa, e que passos deu para atenuar o golpe – que foi terrível. Para isto tenho de recorrer ao relato de sessões havidas aqui na Inglaterra com médiuns meus desconhecidos e assistentes que não lhes revelaram a identidade.

Poderão objetar que minha pessoa é conhecida ou pode ser suspeitada, mas a objeção não se ajusta aos membros de minha família que anonimamente assistiram às sessões arranjadas em Londres por Sr.ª. Kennedy, mulher do Dr. Kennedy, a qual, embora não tendo connosco nenhum parentesco, por mera simpatia promoveu esses passos.

Devo declarar que é praticamente impossível aos médiuns investigarem normalmente e porem-se a par da história das famílias dos seus numerosos clientes, e os que com eles lidam sabem que jamais procuram fazê-lo. Mas no tratar uma sessão não é fácil, salvo em casos especiais, fugir de dar nomes e endereços – o que aparentemente fornece ensanchas e fraudes.

Em nosso caso, e no dos amigos mais chegados, todas as precauções foram tomadas para o mais perfeito anonimato.

EXTRATOS DE ALGUMAS DAS PRIMEIRAS SESSÕES ANÓNIMAS

Foi a 17 de Setembro que tivemos notícia da morte de Raymond; a 25 desse mês a mãe, Lady Lodge, que estava em sessão com a Sr.ª Leonard, por essa altura ainda

não conhecida nossa, recebeu a seguinte comunicação por intermédio da mesinha, aparentemente proveniente de Raymond:

– "DIGA AO PAIZINHO QUE ENCONTREI ALGUNS AMIGOS DELE AQUI."

Sr.ª Lodge – Podes dar algum nome?

O comunicante – Sim. Myers.

(Foi tudo o que ocorreu a respeito nessa sessão.)

DA PRIMEIRA SESSÃO ANÓNIMA DE O.J.L. COM A SR. LEONARD, 27 SETEMBRO 1915

A 27 de Setembro de 1915 fui a Londres e tive, entre o meio-dia e a uma hora, a minha primeira sessão com a Sr.ª Leonard. Entrei no seu apartamento sozinho, como um estranho para o qual um encontro fora anonimamente marcado. Antes de começarmos, Sr.ª Leonard informou-se que o seu "guia" era uma jovem de nome "Feda."

Logo após a médium ter caído em transe, um moço foi descrito em termos que claramente lembravam Raymond, e "Feda" transmitiu as mensagens. O "Paul" nelas referido é o filho morto do casal Kennedy, a quem seus pais pediram que ajudasse a Raymond, caso pudesse. Paul já por diversas vezes se comunicara com a sua mãe por intermédio de Feda. Do relato dessa sessão cito o seguinte:

Feda – Há alguém aqui ainda em dificuldades; não plenamente refeito; de aspecto juvenil; de forma como um lineamento; ainda não aprendeu a equilibrar-se. É um moço de altura um tanto acima da mediana; bem construído, nada espesso ou pesado; bem construído. Mantém-se bem. Não está aqui de muito tempo. Cabelo entre cores. Não me é fácil descrevê-lo, porque ainda não se construiu solidamente como outros o fazem. Tem olhos pardos; cabelos castanhos e curtos; cabeça bem modelada; sobrancelhas também castanhas, não muito arqueadas; nariz bem feito, reto, um pouco mais largo nas narinas; boca bem desenhada e grande, mas não parece grande porque ele traz os lábios apertados; mento não muito forte; rosto oval. Não está ainda completamente construído, mas é como se Feda o conhecesse. Deve estar aqui à vossa espera. Neste momento olha para Feda e sorri; dá uma larga risada como que brincando, e Paul ri também. Diz Paul que ele já esteve aqui, que ele, Paul, o trouxe. Mas Feda vê centenas de pessoas que me dizem que este veio muito recentemente. Sim, já o vi antes. Feda liga a ele uma letra. A letra R.

Ela já veio ver-vos antes, e diz que pensou que sabíeis que ele estava aqui. Feda o apreende por impressão; não é sempre o que ele diz, mas o que ela sente; mas Feda diz que "ele sabe," porque ela captou isso dele.

Feda: Ele acha difícil, segundo diz, mas tem tantos amigos amáveis a auxiliá-lo. Não pensou, assim que despertou que iria ser feliz, mas agora sente-se, e diz que vai ser

ainda mais feliz. Ele sabe que assim que se sentir um pouco mais preparado terá muito que fazer. "Eu praticamente me interrogo," diz ele "se deverei estar apto e serei capaz de o fazer. Dizem-me que serei."

"Possuo instrutores e professores comigo."

Agora está a tentar construir uma letra de nome de alguém. Mostrou-me um M.

Parece conhecer os trabalhos a fazer. O primeiro será cooperar no Front; não acudindo aos feridos, mas ajudando aos que a guerra faz passar. Sabe que quando eles passam e despertam, ainda sentem um certo medo e... uma outra palavra que Feda não conseguiu entender. Feda ouve qualquer coisa como "medo." Muitos continuam lutando, ou pelo menos querem continuar; não acreditam que tenham passado. De modo que vários são requeridos onde ele agora está, para explicar a situação aos "passados" e ampará-los. Não sabem onde estão, nem para que estão aqui.

(Um pouco mais tarde disse:)

"Pensam que digo que sou feliz apenas para os deixar felizes, mas não. Tenho conhecido centenas de amigos. Não os conheço a todos. Tenho conhecido muitos que me dizem que, um pouco mais tarde me explicarão por que estão a ajudar-me. Sinto ter dois pais agora, mas não como se houvesse perdido um e ganho outro. Tenho-os a ambos. O meu velho pai e outro – um pai pro tem."

(Mais tarde "Myers" declarou que o havia "adoptado").

(A esta altura a Feda ejaculou: "Que é isso? Estará correcto?" Oliver Lodge respondeu que estava.)

Saiu-lhe um peso da cabeça há um ou dois dias; sente-se mais vivo, mais leve, mais feliz ultimamente. A princípio sentiu-se confuso. Ele estava desorientado, não sabia onde se encontrava.

"Mas não demorou muito," diz ele, "e penso que fui afortunado; não demorou muito para que me explicassem onde estava."

Mas a alusão indirecta mais admirável, ou aparente alusão, em relação a algo como a mensagem do Fauno, surgiu lá pelo final da sessão, após "Raymond" ter partido, e mesmo antes da Sr.ª Leonard sair do transe.

Feda sente como que uma risca em redor da cabeça dele; sente-lhe uma forte sensação na cabeça e também uma espécie de sensação vazia, como se algo houvesse saído. Uma sensação de vazio ali; também uma sensação quente na cabeça. Mas ele não sabe que está dando essa impressão. Não faz de propósito; eles têm procurado fazê-lo esquecer, mas Feda percebe. Há também nele um barulho, um terrível barulho que corre.

Ele agora perdeu tudo isto, mas não sabe que Feda o sente. “Estou ótimo, diz, sinto-me ótimo! Mas sofri no começo, porque queria tornar claro aos que deixei que tudo ia bem e que eles não deviam sofrer por minha causa”.

Ele retirou-se, mas Feda vê alguma coisa unicamente simbólica; vê uma cruz a cair sobre vós; muito escura, a cair sobre vós; escura e feia; e à medida que cai retorce-se e aparece no outro extremo toda deita luz, luz essa que brilha sobre vós. É uma espécie de azul claro, mas que se torna completamente branco quando os toca. Sim, é o que Feda vê. A cruz parecia escura, mas subitamente retorceu-se e transformou-se numa luz belíssima. A cruz é um veículo para o derrame de verdadeira luz. Vai ajudar muito...

“Sabiam que têm um guia de cor?... ele diz que o vosso filho é a cruz feita de luz; ele é a cruz de luz, e vai ser uma luz que os vai ajudar. Vai ajudá-los a provar ao mundo a Verdade. Foi por isso que construíram a cruz negra que se transformou em brilho. Vocês conhecem essa Verdade; porém, outros eles também a querem conhecer. A feda está a perder o controlo; adeus.”

(Assim terminou a primeira sessão da Sr.ª. Leonard a 27 de Setembro.)

Na tarde desse mesmo dia a Lady Lodge teve a sua primeira sessão, completamente anónima, com Mr. A. Vout Peters, que tinha sido convidado para esse fim, sem que nenhum nome fosse apresentado, em casa da Sr.ª. Kennedy, às 3:30.

Mais uma vez Raymond foi descrito com muito acerto e foram transmitidas diversas mensagens identificadoras. Logo, Moonstone, o “guia” de Peters, perguntou: “Não lidava ele com Química?” Na realidade o meu laboratório é sobretudo de química. Eis aqui o relato da sessão, com anotações entre parêntesis:

DA PRIMEIRA SESSÃO ANÓNIMA DE M.F.A.L. COM PETERS,

27 DE SETEMBRO DE 19165

“Não esteve ele associado à química? Se não, alguém associado a ele esteve, porque vejo tudo quanto diz respeito a um laboratório de química. Esta coisa da química afasta-me dele para me aproximar dum homem vivo em carne e osso (O.J.L., provavelmente); e vejo ligado a ele um homem, um escritor de versos, no nosso lado, intimamente interessado pelo Espiritualismo. Era foi muito inteligente – também ele falecido fora da Inglaterra. (Clara alusão a Myers, que morreu em Roma). Ele já comunicou diversas vezes -- vejo a letra M -- e ele está a ajudar o vosso filho a comunicar. (A presença e a ajuda de Myers também foi mencionada pela Sr.ª. Leonard).

Ele está restabelecido em condições químicas. Se vosso filho não conheceu esse homem, foi dele conhecido. (Sim, o Raymond, dificilmente o terá conhecido porque só tinha 12 anos quando Myers morreu).

Atrás do homem que tem o M no começo do nome e escreveu poesia vejo todo um grupo de pessoas (o grupo da S. P. R., certamente). Todos muito interessados. Não se surpreenda se receber mensagens dessa gente, ainda que a não tenha desconhecido.

(Aqui, Moonstone parou e disse:) É tão importante o que vou agora dizer que quero falar devagar, para que sejam claramente escritas todas as palavras:

NÃO SÓ É A SEPARAÇÃO TÃO LEVE QUE PODEIS OUVIR OS OPERADORES DO OUTRO LADO, MAS UM GRANDE ROMBO FOI NELA ABERTO.

Esta mensagem é para o homem do laboratório de química.

(Considerado o facto de a minha mulher ser inteiramente desconhecida do médium, temos aqui uma mensagem comprovativa de formidável valor evidencial e de identificação. Reporto-me ao meu livro *'A Sobrevivência do Homem'*, onde vem esta passagem análoga do 'túnel': "A fronteira entre os dois estados, o conhecido e o desconhecido, é uma parede grossa, mas que se vai tornando fina em certos pontos; e, do mesmo modo que escavadores de um túnel que partam dos dois extremos, estamos a começar a ouvir, aqui e ali, os golpes das picaretas dos nossos camaradas do outro lado").

Moonstone prosseguiu:

O rapaz -- eu chamo rapaz a todos, por ter falecido com mais de 100 anos quando aqui vivi, pelo que todos não passam de rapazes para mim -- ele diz, ele está aqui, mas diz:

"Até agora tem sido uma coisa da cabeça; agora estou a começar a perceber que é uma coisa do coração."

Mais, a esta passagem o Peters deu um vigoroso salto na cadeira, estalou os dedos excitado, e disse em voz alta:

"Santo Deus! Como o pai vai ser capaz de falar! Com muito mais firmeza do que alguma vez o fez, por lhes tocar o coração."

Numa sessão de Leonard de 12 de Outubro de 1915 -- por cuja altura a nossa identidade já era do conhecimento da Sr.ª Leonard -- disse a 'Myers' que eu entendera a mensagem que ele dera por intermédio de Piper, sobre Fauno e o Poeta; e o único ponto de interesse sobre a resposta ou comentário é que as duas frases seguintes foram enunciadas, pretendendo vir de forma quer indirecta ou directamente de 'Myers':

1. Ele diz que referiu a transição do seu filho].

2. O seu filho vai ser meu.

A subsequente referência a Myers veio a 29 de Outubro, quando, de modo inesperado, tive uma sessão com Peters, num aposento de Londres – sessão anonimamente marcada pelo Sr. J. A. Hill:

Peters caiu em transe e após algumas comunicações transmitiu mensagens de um moço, que fora reconhecido e identificado pelo controlador como Raymond; mais tarde, o guia de Peter, Moonstone, disse o seguinte:

SESSÃO DE O.J.L. COM PETERS, A 29 DE OUTRUBO DE 1915

M. – O sensato método da vossa família de abordar o assunto tem sido o meio de o ajudar a regressar, conforme tem sido capaz de fazer. Se não tivesse conhecimento do que lhe dissestes, aí ser-lhe-ia difícil voltar. Ele mostra-se muito resoluto naquilo que diz. Conhecei F.W.M.?

Lodge – Sim, conheço.

M. – É que vejo estas três letras. Depois delas, conhece um S.T. Consigo captar um S.T. seguido de um ponto; e depois, P. Foram-me mostradas essas letras. Vejo-as sob a forma de luz. O vosso rapaz mostra-me essas coisas.

Lodge – Sim, compreendo (querendo dizer que percebo a alusão ao poema Sr. Paul, de F. W. H. Myers).

M. – Bem, ele diz-me: F.W.M. ajudou-me muito, mais do que supõe.

Lodge – Abençoado seja!

M. – Não, o vosso rapaz ri, e teve motivo para isso; não pense que tenha sido unicamente por uma questão de caridade; teve outro motivo e julga que fortalecendo a vossa personalidade poderá agora realizar o que agora deseja realizar: atacar os equívocos dos tontos, e tornar a Society, *a* Society, diz ele – de algum valor para o mundo... Compreende?

Lodge – Compreendo.

M. – Agora diz "Ele ajudou-me porque comigo, e por seu intermédio, pode romper a barreira que essa gente ergueu. Mais tarde irá falar com eles. Já está no programa e por minha causa irá arrasar com a oposição." Em seguida diz: "Por amor de Deus, meu pai, faça-o! Porque se soubesse e pudesse ver o que vejo: centenas de homens e mulheres destroçados. E se pudesse ver neste nosso lado os rapazes ignorados, lançar-se-ia com todo o ímpeto a essa tarefa. Mas você consegue fazê-lo."

Ele ficou muito sério. Oh, ele quer... Não! Preciso travá-lo, tenho que o impedir, não quero que controle o médium. Não pense mal de mim, mas tenho de proteger o médium; ele não seria capaz de fazer o trabalho que é preciso fazer; o médium não o suportaria, preciso protegê-lo; a emoção seria muito grande, demasiada para ambos, de modo que tenho de evitar que ele controle o médium.

Ele compreende mas quer que lhe diga o seguinte:

“A sensação de ‘passagem’ foi de intensa decepção; ele não fazia a menor ideia da morte. (Pausa).

* * *

Este é um tempo em que os homens e as mulheres viram cair-lhes as aparências; a aparência da convenção, da... da indiferença, foi esmagada, e toda a gente pensa, embora alguns de forma egocêntrica.

Agora, retornando a ele, quão paciente ele é! Não foi sempre assim paciente. Depois da aflição teve um brilho de esperança, por compreender que ia voltar a vós; e por a sua avó ter vindo ter com ele. E depois o irmão dele foi-lhe apresentado. Mas outros também, segundo diz. Myers – “Myerse,” segundo soa; sabe quem é? – veio ter com ele e então ele soube que poderia retornar. Ele teve conhecimento disso.

Agora quer que lhe diga isto: Que da sua morte, que é uma entre milhares, que o trabalho que ele quer fazer... (procuro traduzir a ideia dele por palavras, não as capto *verbatum (sic)* não, não é assim! O que ele diz é que o trabalho em que ele se alistou será levado avante pelo simples facto da sua morte. Agora captei a ideia: Ele quer dizer que com a sua morte, milhares serão beneficiados.

* * *

Uma observação adicional do episódio do Fauno, e uma sequela adicional de tipo clássico, intitulada a mensagem de ‘Horácio O.L.’ poderá ser vista nos *Proceedings da SPR* de 1916.

Espera-se que o leitor compreenda que os extratos de sessões supracitadas, foram reproduzidos a fim de mostrar que, se tomarmos os incidentes com basse no valor aparente, Myers cumpriu a promessa da mensagem do Fauno e atenuou o golpe com a ajuda que deu ao meu filho no “outro lado.” Vou agora apresentar outros extratos de carácter mais comprovativo, que tendem a estabelecer a sobrevivência da personalidade e da memória do meu filho. Ocorreram diversos episódios comprovativos, mas escolherei um relativo a certa fotografia, de que chegamos a ter conhecimento por intermédio de dois médiuns, de que nenhum conhecimento tínhamos antes.

Capítulo IV

A Fotografia de Grupo

Tratarei agora de uma evidência de muito valor, que emergiu das sessões que de tempos a tempos fizemos no Outono de 1915: designadamente a menção de uma fotografia de grupo tirada na Frente, de cuja existência estávamos em total

ignorância, mas que subsequentemente foi verificada do modo cabal. Vou narrar com detalhes todas as circunstâncias.

Raymond foi morto a 14 de Setembro. A primeira referência a uma fotografia em que ele aparece com outros homens tivemo-la em casa da Sr.ª. Kennedy, a 27 desse mês, numa sessão que Lady Lodge obteve de Peters.

"A senhora tem diversos retratos desse moço. Antes que partisse ele deixou um bom retrato, dois – não, três. Dois em que está só e um em que está num grupo de homens. É curioso que eu tenha de falar-vos disto. Num desses retratos vê-se a sua bengala."

ESTRATO DA PRIMEIRA SESSÃO ANÓNIMA DE M.F.A.L. COM PETERS, DE 27 DE SETEMBRO DE 1915

"Vocês possuem diversos retractos deste rapaz. Antes de ele partir obtiveram um bom retracto dele - dois - não, três. Dois em que ele está sozinho e um em que ele aparece num grupo de homens. Ele faz questão que eu lhes diga isso. Num vocês vêem uma bengala" -- (aqui, Moonstone coloca uma bengala imaginária debaixo do braço de Raymond).

Tínhamos realmente algumas fotografias de Raymond em uniforme, mas sempre só; em grupo nenhuma; e Lady Lodge mostrou-se céptica a esse respeito, pensando que fosse apenas alguma suposição por parte do médium Peters. Mas a Sr.ª. Kennedy, que tomava anotação de grande parte do que era dito, deu atenção a essa passagem e mandou cópia, com o resto, ao Sr. J. Arthur Hill, no devido tempo.

Além disso, fiquei impressionado com a ênfase que foi dada à questão, "ele faz questão que eu lhes diga isto," e consequentemente tratei de investigar, embora sem grandes esperanças de bom resultado; mas, durante dois meses não se falou mais no assunto. A 29 de Novembro, porém, chegou-nos uma carta duma desconhecida, a Sr.ª. Cheves, mãe do Capitão Cheves, que tinha conhecido Raymond o que nos escrevera acerca da natureza do ferimento que Raymond sofrera, e que ainda se acha na Frente de combate.

"28 de **N**ovembro, 1915

"Prezada Lady Lodge:

O meu filho, que é M.O. do 2º South Lancs, enviou-nos uma fotografia de um grupo de oficiais, tirada em Agosto, e eu fiquei sem saber se a senhora possui essa fotografia. Se não, enviar-lhe-ei uma cópia, pois tenho meia dúzia assim como uma chave. Espero que me perdoe ter-lhe escrito por causa disso, mas tenho pensado frequentemente na senhora e também sinto a grande dor que a colheu.

Sinceramente,

P. B. Cheves."

Lady Lodge respondeu agradecendo e pedindo a remessa da cópia, a qual, desafortunadamente, não chegou prontamente.

Antes que chegasse tive uma sessão com a Sr.ª. Leonard, em casa dela, a 3 de Dezembro, e nessa ocasião, entre outras questões, indaguei acerca da fotografia, na esperança de conseguir mais informações antes de a receber. Cumpre-me notar que o caso não foi sugerido pela Sr.ª. Leonard nem a sua guia. A menção anterior feita à fotografia de grupo fora feita através de Peters. Fora eu quem introduzira o assunto através da Sr.ª Leonard, e fiz a pergunta; as respostas foram assim reportadas e registadas à altura -- a dactilografia da sessão foram feitas antes de a fotografia chegar:

EXTRATO DA SESSÃO DE O.L.G. COM A SR.ª LEONARD, 3 DE DEZEMBRO DE 1915

(A guia da Sr.ª Leonard, Feda, supostamente foi quem falou muitas vezes fala de si própria na terceira pessoa.)

Feda – Pergunte-lhe algo mais:

Lodge – Raymond referiu-se a uma fotografia que tirou junto de outros indivíduos. Ainda não vimos essa fotografia. Não quererá ele dizer mais alguma coisa sobre ela? Ele falou sobre a existência de uma fotografia.

Feda – Sim, ele tem razão mas ele pensa que não foi aqui que falou. Ele olha para Feda e diz, “não foi a ti, Feda.”

Lodge – Não foi, não; ele está certo. Pode dizer onde foi que disse isso?

Feda – Diz que não foi por meio da mesinha.

Lodge – Não, não foi.

Feda – Ele desconhece a pessoa a quem o disse. As condições eram estranhas lá – uma casa estranha. (É bem verdade. Foi dito através de Peters, na casa da Sr.ª. Kennedy, na sessão de 27 de Setembro).

Lodge – Recordas-te da fotografia?

Feda – Ele pensa que diversas outras foram tiradas com ele, não uma ou duas, mas diversoa.

Lodge – terá sido com amigos?

Feda – Diz que alguns eram, mas não conhece a todos muito bem. Mas conheceu alguns; de outros conhece de ouvir falar; não eram todos amigos.

Lodge – Lembra-se de como ele aparece nessa foto de grupo?

Feda – Não, não se lembra disso.

Lodge – Não é o que pergunto; queria saber se estava sentado ou de pé.

Feda – Ele não supõe que estivesse de pé. Alguns estavam de pé em redor. Ele estava sentado, com outros de pé por trás. Uns sentados e outros de pé, supõe ele.

Lodge – Eram soldados?

Feda – Diz que sim – um grupo misto. Alguém chamado C, aparece nela com ele; e alguém chamado R. – não o seu nome, mas um outro R.

K, K, K, – ele diz qualquer coisa a respeito de K.

Também menciona um nome que começa por B (a pronúncia torna-se indistinta, dando ideia de Berry ou Burney; depois aclara-se). Mas que se escreve com um B.

Lodge – Estou a perguntar sobre a fotografia porque ainda a não vi. Alguém no-la vai remeter. Só sei que essa foto de grupo existe e é tudo. (Quando isto estava a ser anotado, a fotografia ainda não tinha chegado).

Feda – Ele tem impressão de uma dúzia delas. Uma dúzia, se não mais. Feda supõe que deve ser uma fotografia grande.

Não, ele não pensa assim. Diz que estavam muito juntos no grupo.

Lodge – Raymond tinha uma bengala?

Feda – Não se lembra disso. Lembra-se de que alguém se lhe inclinara sobre o ombro, mas não tem certeza se foi fotografado assim. Mas lembra-se que alguém se queria inclinar sobre ele. Esta última parte que lhe transmitiu, que se tratava de B., deve destacar-se nessa fotografia. O grupo não foi fotografado num atelier.

Lodge – Foi ao ar livre, então?

Feda – Sim, praticamente.

Feda - (Em voz baixa:) Que é que queres dizer com "sim, praticamente"? Deve ser fora de casa e não dentro de casa. Disseste "sim," não foi?

Feda pensa que ele disse "sim," porque também diz "praticamente."

Lodge – Pode ter sido num abrigo.

Feda – Pode sim. Procure mostrá-lo a Feda.

Atrás da fotografia vejo linhas verticais. Parece um fundo escuro, com listas. (Feda não parava de traçar linhas no ar).

Verificou-se, por uma razão qualquer, considerável demora na chegada da fotografia. Só a tivemos na tarde de 7 de Dezembro. No dia anterior Lady Lodge estivera a ler o diário de Raymond, remetido da Frente com a sua bagagem, e encontrou esta nota:

"24 de Agosto: tiramos uma fotografia."

Raymond só tivera uma licença desde que partira para a Frente, de 16 a 20 de Julho. Durante essa altura a fotografia ainda não fora tirada, pelo que nada, pois, nos disse a respeito. Foi tirada vinte e um dias antes da sua morte, e algum tempo deveria passar-se antes que fosse impressa e ele a visse – se é que a chegou a ver. Nas suas cartas nunca a mencionou. Estávamos portanto na mais completa ignorância acerca do assunto.

Na manhã do dia 7 de Dezembro chegou-nos outro aviso da Sr.ª Cheves, em resposta à nossa consulta sobre a demora, a declarar-nos que a cópia ia ser remetida. Pensando que a foto poderia estar para chegar breve, ditei uma carta ao Sr. Hill, a dar-lhe as minhas impressões sobre o que a fotografia podia ser à primeira vista, com base na comunicação recebida por intermédio da Sr.ª Leonard. Carta que foi enviada por altura do almoço do mesmo dia. Nessa carta dizia eu o seguinte:

"A respeito da fotografia que Raymond mencionou através de Peters (dizendo: "Uma em que está num grupo de homens. Ele faz questão que eu lhe fale disso. Num desses retratos vê-se a sua bengala"), há mais coisas, obtidas através da Sr.ª. Leonard. Mas com respeito à bengala ele está duvidoso. O que ele diz é que há muitos homens no grupo; que na fila da frente estão sentados e que há uma fila atrás; ou que alguns agrupados se posicionam de pé, atrás. Além disso, que há uma dúzia ou mais no grupo e que alguns não eram seus conhecidos; e que há um C. Que ele próprio está sentado, e que tem outros atrás dele, um dos quais apoiado no seu ombro, ou que tenta apoiar-se sobre ele.

"A fotografia ainda não chegou, mas deve estar a chegar; por isso envio estas notas antes que ela chegue. O relato efectivo do que foi dito na sessão está a ser dactilografado; mas o que aqui escrevo representa o resumo das impressões que colhi dela."

A fotografia chegou a Mariemont na tarde de 7 de Dezembro. Tarde chuvosa. O pacote foi recebido pela irmã de Raymond, Rosalynde, que abriu o envoltório molhado. Media 12 por 6 polegadas, ampliada dum original de 5 por 7. Era 21 o número das pessoas fotografadas. Cinco na primeira fila, sentados na relva – entre os quais se encontrava Raymond, o segundo a contar da direita. Sete na segunda fila, sentados em cadeiras. Nove na última, de pé, de costas para uma construção improvisada de madeira, como que abrigo de hospital ou coisa assim.

Examinando a fotografia descobrimos que todas as peculiaridades que o meu filho mencionou, sem a ajuda da médium, se confirmam. Nela se vê a bengala (mas Peters pôs-lha debaixo do braço, o que não corresponde); e lá estão as linhas, ou listas, do fundo, que Feda indicou não só por meio dos gestos da médium, como ainda por meio das palavras "linhas a descer" – "um fundo escuro com listas." De facto há seis linhas quase verticais e bem nítidas no teto do galpão, e as linhas horizontais do fundo também se notam bem.

Por “uma mistura” compreendemos que se trata de membros de diferentes Companhias – e não só da Companhia do Raymond. Isso deve estar certo, porque os fotografados são muitos, para que todos pertençam à mesma Companhia. É provável que pertençam ao mesmo Regimento, exceto um, cujo boné parece revelar um emblema Escocês, em vez das três penas.

Quanto ao que “se destaca mais,” consultei várias pessoas sobre qual lhes parecia o mais proeminente, e quase todas indicaram a esbelta figura da esquerda. É um B., como disse Feda – ou o Capitão S. T. Boast.

Alguns desses oficiais deviam ser apenas conhecidos de Raymond; outros, seus amigos. Oficiais cujos nomes começam com B, com C e com R – mas nenhum de nome que comece com K. Mas o som da letra K assemelha-se ao som do C duro – um que está no grupo: Case.

Alguns fotografaram-se sentados e outros de pé, atrás. Raymond sentou-se na frente, com a bengala aos pés.

O fundo da fotografia é escuro e nitidamente riscado de linhas.

Grupo tirado ao ar livre, junto a um galpão, ou cabana militar, o que foi sugerido por Sr.ª Leonard quando falou em “abrigo.”

Mas o que mais me impressiona como evidência é o fato de estar alguém atrás de Raymond e apoiar-se em seu ombro. A fotografia mostra-o muito bem, e quase indica que Raymond não está contente com isso; tem a fisionomia um tanto amarrada e a cabeça afastada do braço importuno. É o único caso na fotografia de um a apoiar-se em outro, e não considero esse detalhe como dos que ficam na memória.

Confirmação da mãe de Raymond

Há quatro dias (6 de dezembro) estava eu lendo o diário de meu filho, devolvido da Frente com a sua bagagem (meio encharcado, com algumas folhas grudadas pelo seu sangue). Impressionou-me encontrar esta nota: “24 de agosto: Tiramos uma fotografia”, e passei-a para o meu próprio Diário, nestes termos: “6 de dezembro – Li o Diário de Raymond pela primeira vez e encontrei esta nota: “24 de agosto: Tiramos uma fotografia.”

10 de Dezembro, 1915

Mary F. A. Lodge

Acho desnecessário chamar a atenção do leitor para a importância deste caso. Mais tarde falou Raymond de outra fotografia em que disse estar incluído o seu amigo Case. Esta fotografia obtivemo-la de Gale & Polden, e de fato Case está nela conjuntamente com Raymond, embora não tenha figurado no primeiro grupo. Em tudo as duas fotografias diferem, de modo que se eu a houvesse recebido antes da

outra, teria considerado como falsa a descrição de Feda, supondo ser desta que se tratava. E temos pois que o caso da fotografia veio a constituir uma das melhores peças de evidência que ainda conseguimos.

Capítulo V

COMEÇO DO REGISTO HISTÓRICO DAS PRIMEIRAS SESSÕES

Embora o episódio do grupo fotográfico seja uma alta prova *comprovativa*, eu lamentaria ter de basear as minhas conclusões apenas numa só prova, por mais convincente que fosse. Todas as provas devem ser cumulativas; e conquanto nos seja permitido exaltar as de grande de importância crucial, há sempre necessidade de suplementares, de muitas outras, para que fique afastada a hipótese de descuido.

Assim sendo, vou citar agora a citar passagens das sessões realizadas por membros da família depois da morte de Raymond -- acentuando que tais sessões foram sempre contratadas e assistidas de forma anónima, com muito cuidado para que não transparecesse nem o mínimo detalhe da nossa identidade.

A primeira mensagem chegou-nos através de uma amizade recente feita em Londres, a Sr.ª Kennedy, que possui o dom da escrita automática, e que, após ter perdido o amado filho Paul, teve a mão frequentemente controlada por ele -- geralmente Paul transmite-lhe mensagens de afecto, mas por vezes também mensagens *comprovativas*. A Sr.ª Kennedy andara céptica quanto à autenticidade do dom que parecia possuir, e foi essa incerteza que a levou a escrever-me, por querer testar a escrita automática obtida e estava ansiosa por não se estar a enganar.

A primeira carta que eu li dela foi a seguinte, que me chegou enquanto me encontrava na Austrália, e que foi trata pelo Sr. Hill:

PRIMEIRA CARTA DA SR.ª KENNEDY PARA O.J.L.

16 de Agosto de 1914

“SIR OLIVER.

"Prezado Senhor -- Por causa das suas investigações sobre a vida espiritual, arrisco-me a pedir sua ajuda.

“O meu filho único morreu a 23 de Junho, oito semanas após um terrível acidente. No dia 25 de Junho (sem que eu o tivesse solicitado ou tenha pensado nisso) senti-

me na obrigação de pegar num lápis, e recebi por escrita automática o nome e um "sim" e um "não" em resposta a perguntas.

"Desde então, tive várias páginas de escrita dele todos os dias e às vezes duas vezes por dia. Digo "dele"; a questão torturante é: será dele ou estarei a enganar-me?

"O conhecimento que possuo é infinitesimal. Há dezanove anos atrás, uma irmã que tinha morrido no ano anterior de repente usou a minha mão, e a seguir a esse episódio escreveu mensagens curtas em intervalos; uma outra irmã um ano depois, e o meu pai uma mensagem há dezasseis anos atrás; mas eu me senti tão enganada que eu sempre o pus de lado, até que ele voltou a mim, sem que eu pedisse, após o falecimento do meu filho.

"Ao seu conhecimento é que eu apelo, e ao profundo e respeito pessoal que se tem por si e pelas suas investigações. É pelo amor do meu filho -- ele tem apenas dezassete anos -- e escreve com tal intensidade de tristeza da minha falta de convicção decidida que me atrevo a implorar ajuda de um estranho num assunto tão sagrado para mim. Alguma vez virá a Londres?

Se sim, poderia permitir-me vê-lo ainda que por meia hora? Poderá julgar das estranhas e sagradas revelações (não conheço outra maneira de expressar muitas das mensagens que são enviadas) se elas poderão provir apenas da minha própria mente subconsciente. . . . Peço-lhe que me perdoe o extenso da carta. Cordialmente,

(Assinado) KATHERINE KENNEDY"

Ultimamente, consegui levá-la anonimamente e de forma inesperada a uma médium Americana, a Sra. Wriedt, onde ela recebeu provas fortes e incontestáveis.
1
Ela também recebeu excelente confirmação através de diversos outros médiuns que ela descobriu por si própria -- designadamente o Sr. Vout Peters e a Sra. Osborne Leonard.
Da Sra. Leonard eu não tinha ouvido falar antes; tinha ouvido falar de uma Madame St. Leonard, ou algum nome assim, mas trata-se de outra pessoa. A Sra. Kennedy diz-me que ela própria não conheceu a Sr.ª Leonard durante muito tempo, e que teve a primeira sessão com essa senhora a 14 de Setembro de 1915. Devo enfatizar o facto de que a Sra. Kennedy é perspicaz e cuidadosa acerca de considerações comprovativos.

Como o filho da Sra. Kennedy, Paul, desempenha um papel no que segue, talvez seja permitido citar aqui uma descrição dele que ela fez ao Sr. Hill em Outubro de 1914, acompanhado de uma expressão de surpresa diante da seriedade das

mensagens que ela por vezes recebia dele -- intercaladas com a sua diversão e o seu carinho:

1 Acho justo mencionar nomes de médiuns profissionais, somente se eu as achar em tudo genuínas. Não garanto a sua eficácia, pois mediunidade não é um poder com o qual sempre se possa contar, é passível de variar; além disso os participantes também podem ser incompetentes e as condições ruins. As circunstâncias em que os sensitivos trabalham são difíceis no presente e deviam ser melhoradas.

DESCRIÇÃO DO PAUL DE K. K.

"Imagine este menino: nem bem tem dezoito anos, mas sempre tido na conta de vinte ou vinte e dois; um carácter quase divino subjacente, mas exteriormente um típico janota aficionado pro carros, que dirige carros de corrida em Brooklands, e disputa a Jarrott Cup numa motocicleta, e voa por Hendon como mecânico de aviões; que janta continuamente fora, por causa do seu charme que o torna praticamente assediado pelos amigos; e aparentemente sem nenhum credo excepto o da honra, da generosidade, do amor pelas crianças, do levar para casa cada gato que via na rua para ser aí alimentado e confortado, que tinha total desprezo pelas distinções sociais quando escolhia os amigos, e detestava magoar os sentimentos de alguém."

Lendo num jornal a notícia da morte de Raymond, a Sr.ª Kennedy "falou" a Paul a respeito, e pediu-lhe que o ajudasse. Ela também solicitou uma sessão especial à Sr.ª Leonard com o mesmo fim, embora sem dizer porquê. No dia 21 estava a Sr.ª Kennedy a escrever no jardim sobre coisas vulgares quando a sua mão escreveu estas palavras do Paul:

"Aqui estou... Vi aquele rapaz, filho de Sir Oliver; sente-se melhor e teve um esplêndido repouso. Conte-o aos pais dele."

Tendo a Lady Lodge sido informada acerca da Sr.ª Leonard, e querendo ajudar uma senhora Francesa viúva, Madame Le Breton, que havia perdido os dois filhos, e estava de visita à Inglaterra, pediu à Sra. Kennedy que lhe marcasse uma sessão, para evitar dar qualquer nome. Uma sessão foi em conformidade marcada com a Sr.ª Leonard para 24 de Setembro de 1915.

A 22 de Setembro, durante uma "conversa" com Paul, a mão da Sr.ª Kennedy também escreveu o seguinte:

"Vou trazer Raymond ao pai dele quando ele vier vê-la. Está muito contente – e todos o adoram. Encontrou aqui uma quantidade de conterrâneos, e está a estabelecer-se maravilhosamente. DIGA-O AO PAI E À MÃE DELE... Hoje falou com clareza... Não se debate como os outros, parece restabelecido. É esplêndido ver um

rapaz assim. Esteve a dormir durante muito tempo, mas hoje falou. Se os daí soubessem como ansiamos por voltar, todos nos chamariam.”

No dia 23, durante a visita que Lady Lodge lhe fez, a Sr.ª Kennedy redigiu nos seguintes termos uma suposta mensagem de Raymond:

“Aqui estou, mãe... Também já estive com Alec, mas ele não consegue ouvir-me. O meu desejo é que ele saiba que aqui estamos seguros; não é nenhum buraco triste, como muita gente supõe, mas ao invés um lugar cheio de vida.”

E uma vez mais:

“Espere até que eu haja aprendido melhor a falar assim... Poderemos dizer tudo depois. Dêem-me tempo.”

Escusado dizer que não há nisto nada de *comprovativo*, embora seja o que há de natural.

SESSÃO DE MESA COM A SR.ª LEONARD

No dia seguinte Lady Lodge e a Sr.ª Kennedy, com uma senhora Francesa, a Mme. Le Breton, viúva que perdera os dois únicos filhos na guerra, Guy e Didier, e estava destroçada, foram à casa da Sr.ª Leonard para uma sessão de mesa. A Sr.ª Kennedy encarregou-se das notas.

PRIMEIRA SESSÃO DE QUALQUER MEMBRO DA FAMÍLIA (ANÓNIMO) COM A SRA. LEONARD

NARRATIVA GERAL DE M.F.A.L.

24 DE SETEMBRO DE 1915

A Sra. Leonard entrou numa espécie de transe, suponho, e voltou como uma menininha Indiana chamada Freda, ou 'Feda,' que esfregava as mãos, e falava do jeito bobo que eles falam.

No entanto, ela logo disse que se encontrava um cavalheiro de idade e um jovem presente, a quem ela descreveu; e a Sra. Kennedy disse-me depois que eles eram o seu pai e o seu filho Paul. Parecia haver muitos outros ao nosso lado, segundo Feda' disse. Então Feda descreveu alguém que tinha sido trazido deitado -- cerca de vinte e quatro ou vinte e cinco, ainda incapaz de se sentar; as características que ela

descreveu poderiam muito bem enquadrar-se no Raymond. (Esqueci de dizer que a Sra. Leonard não me conhecia nem o meu nome, nem a Madame Le Breton.) Feda logo disse que via um grande R ao lado deste jovem, logo um A, e de seguida ela recebeu uma longa letra com uma cauda, que ela não conseguia distinguir, pelo que desenhou um M no ar, mas esqueceu de o mencionar, e ela disse que um O vinha a seguir, e disse que havia um outro O com um traço longo e, por fim, ela disse que ouvia 'Yaymond' (que é apenas a maneira dela de o pronunciar). [O nome foi presumivelmente obtido da parte do Paul.' O, J. L.]

A seguir ela disse que ele apenas pareceu abrir os olhos e sorrir; e depois ele teve uma sensação de asfixia, o que me afligiu muito; mas ele disse que não tinha sofrido muito não tanto quanto eu deveria achar; se foi ele a dizer isso, ou o Paul, eu esqueci; mas Paul pediu-me que eu não lhe dissesse na noite seguinte que não estivera com ele, porquanto ele ficou tanto a forte sensação de que eu estava com ele quando ele morreu, que ele (Paul) não gostaria de o desenganar.

Pedi então que alguém desse outro mundo pudesse beijá-lo por mim, e uma senhora, que eles descreveram de uma maneira que era exactamente como a minha mãe, veio e beijou-o, e disse que estava a cuidar dele. E havia igualmente um senhor de idade, de barba branca, etc., (evidentemente o meu padrasto, mas Feda disse que tinha bigode, o que era um erro), no caso do W., ao lado dele, igualmente a tomar conta; disse que conhecera Raymond, e que estava a cuidar dele, junto com muitos outros; mas disse que ele [W.] pertencia a mim e a 'O.' [Correto.] Perguntei como e o que ele tinha feito por mim, e Feda fez um movimento com os dedos, como que a desembaraçar-se de algo, e depois colocou-o em linha reta.

De seguida disse que tinha tornado as coisas mais fáceis para mim. Então eu disse que estava certo, e agradeci grato. Disse também que, se Raymond estivesse nas mãos dele e da minha mãe, eu ficaria satisfeito.

[Não anexo as notas desta sessão, uma vez que foi realizada principalmente para a Madame e os seus dois filhos, ambos descritos, e de quem algumas mensagens pareceram provir.]

Sessões de mesinha em casa da Sr.ª Leonard

No dia seguinte (Sábado, 25 de Setembro de 1915) conforme arranjada em parte pelo Paul, as três madames foram a casa da Sr.ª Leonard de novo para uma sessão à mesa, e a Sr.ª Kennedy acompanhou-as amavelmente para fazer anotações.

As três damas e a médium sentaram-se em torno de uma pequena mesinha, com as mãos levemente apoiadas, e ela inclinou-se como o costume. O plano adoptado era o de que a mesa se inclinasse à medida que cada letra do alfabeto fosse enunciada

pela médium, e parasse, ou se mantivesse quieta, sempre que uma letra acertada fosse alcançada.

Observações de carácter generalizado com respeito à razão do que a maior parte das pessoas naturalmente considerará um absurdo, movimentos inteligentes desse tipo, poderão ser vistas no capítulo XIV, na parte III do livro.

Foi uma sessão bastante complicada, já que era principalmente a Madame que era noviça na matéria. Lá para o fim, infelizmente, embora momentâneo e não de todo de modo vincado, ela dirigiu-se à Lady Lodge pelo nome. Nessas sessões de mesinha a médium, a Sr.ª Leonard, não se encontra inconsciente; consequentemente ela escutou-o no estado normal, e mais tarde disse que o tinha escutado.

Os extractos que se seguem da primeira parte da sessão podem ser aqui citados, como respostas que pretensamente tinham sido enunciadas pelo Raymond.

Perguntas e Respostas

Estás sozinho? *Não.*

Quem está aqui contigo? *O avô W.*

Tens alguma coisa a dizer-me? *Sabes que me não consigo furtar-me à saudade, mas estou a aprender a ser feliz.*

Tens alguma mensagem para algum deles? *Diz-lhes que tenho muito bons amigos.*

Poderás dizer-me o nome de alguém em casa? *Honor (uma das irmãs).*

Outras mensagens de afecto e naturalidade

Terei quanto baste para os convencer em casa? *Não.*

Haverá alguma coisa que queiras que envie? Diz ao pai que conheci alguns amigos dele.

Um nome qualquer? *Sim, Myers.*

Terás mais alguma coisa a dizer? *(Nenhuma resposta)*

Estará mais alguém aí? *Está, o Guy. (Era um filho da Madame e a sessão passou a fazer-se em Francês.*

Mensagens muito razoáveis e naturais foram transmitidas em Francês. Guy deu o seu nome, mas Didier, o outro filho da Madame, falhou em dar o seu – saiu “Dodi.” Também Raymond deu o nome de uma das suas irmãs e respondeu a mais coisas de modo bastante apropriado.

A 28 de Setembro minha mulher e eu tivemos outra sessão com Sr.ª. Leonard, que por esse tempo já nos havia identificado.

Notas de Oliver Lodge sobre essa sessão

Uma sessão de mesinha não é a mais adequada à conversa psíquica, mas vale para as respostas breves e definidas, tais como nomes e incidentes. Tem a vantagem de ser interferida pela atividade mental do médium, tornando-se, por isso, mais direta. Mas há dificuldades. O oscilar da mesinha não é considerado "fenômeno físico" no senso técnico ou supranormal da expressão, embora não *pareça* determinado pelos músculos dos presentes. O esforço para mover a mesinha é mínimo, e evidentemente deve ser presumido como proveniente dos músculos. Mas a minha impressão é que tais movimentos constituem um início de "fenômeno físico", e se a força vem dos presentes, não parece vir dum modo normal.

Quanto à evidência, porém, o caso deve ser limitado à inteligente direção da energia. Com segurança apenas podemos dizer que a energia é inteligentemente dirigida, que a parada da mesa na letra justa traz uma certa sensação de inibição para as mãos que sobre ela pousam. A luz pode ser o bastante para se verem as mãos, e a mesa opera à luz do dia. O método é o do desfilar do alfabeto até que a mesa se detenha em certa letra. A mesa move-se três vezes para indicar *Sim* e uma para indicar *Não*; mas como um só movimento também indica a letra A, existe a possibilidade de erros interpretativos por parte dos assistentes. Assim também C pode confundir-se com *Sim*, ou vice-versa – mas tal erro é pouco provável.

O guiamento inconsciente dificilmente pode ser excluído, isto é, não pode ser excluído com segurança quando a resposta é dum tipo esperado. Mas no caso vertente o nosso desejo era evitar esse controle; as paradas vinham às vezes em letras inesperadas; e uma longa sucessão de letras, breve se nos tornava sem significação, exceto para o que tomava notas.

Cumpre também observar que na sessão de mesa é natural que os assistentes realizem a maior parte do falado, e que tenham por objetivo respostas curtas e não dissertações.

Em certo momento o controle parece melhorar, talvez em consequência de melhor prática por parte do comunicante; e lá para o fim surgem sinais de enfraquecimento ou cansaço; e se a sessão chega a uma hora ou mais, o cansaço que sobrevém não é de nenhum modo uma surpresa.

Nessa sessão estivemos presentes minha mulher, o casal Kennedy e eu – com outra mesinha para o anotador das letras. Empregamos uma mesinha de vime, de 18 polegadas quadradas. Eu e minha mulher sentamo-nos frente a frente; os Kennedy e Sr.ª. Leonard ocuparam os outros lugares. Aos quatro minutos a mesa começou a mover-se.

O nome de Paul foi soletrado em primeiro lugar; e depois:

RAYMOND QUER APRESENTAR-SE.

Aqui Lady Lodge murmurou: “Caro Raymond!” e inconscientemente emitiu um suspiro. A mesa, com Raymond no controle, soletrou:

NÃO SUSPIRE.

Lady Lodge – Suspirei?!. . .

Lodge – Raymond, sua mãe está muito mais feliz agora.

SIM.

Lodge – Posso propor perguntas?

SIM.

Lodge – Espere um momento. Vamos ver. Como os rapazes chamavam a você?

PAT.

(Isto era do nosso conhecimento e portanto não constitui resposta estritamente *evidencial* – mas não era do conhecimento da médium, nem de Sr.ª. Kennedy).

Lodge – Já que respondeu a isso, posso perguntar outra coisa?

SIM.

Lodge – Quer dar-me o nome dum seu irmão?

O alfabeto foi repetido pela médium da maneira usual e a mesa parou primeiramente no N; depois no O; no R; no M; depois no A. – Lodge achou que as letras R e M tinham vindo erradas, pois tendiam a formar o nome NORMAN, e disse:

Lodge – Você está confuso. Melhor recomeçar.

O nome foi reiniciado e deu:

NOEL.

Lodge – Agora está certo (Ver Nota no fim do capítulo).

Fizemos aqui uma pausa, depois da qual a mesa indicou desejos de prosseguir e soletrou algo aparentemente sem sentido, que o Dr. Kennedy anotou:

FOGO!

Lodge – Oh, ele manda-nos que façamos outra pergunta! Pode dizer-nos o nome de um oficial?

SIM.

Lodge – Vamos lá, então.

MITCHELL.

Lodge – O nome do oficial é Mitchell?

SIM.

Lady Lodge – Raymond, eu não conheço Mitchell.

NÃO.

Lodge – Melhor; será ainda mais *evidencial*.

SIM.

Lodge – Foi por isso que escolheu esse nome?

SIM. AER

Sr.ª. Leonard (a meia voz) – Não, não pode ser.

Lodge (idem) – Quem sabe lá? Vamos ver. Continue.

OPLANO.

Lodge – Quer dizer que Mitchell é oficial de aeroplano?

SIM (muito forte).

Lodge – Tem muito que fazer aí, Raymond?

SIM (alto).

Lodge – Escute; vou dar outro nome.

NÃO.

Lodge – Não quer? Bem. Perguntarei outra coisa: Encontrou aí algum particular amigo meu?

SIM.

Lodge – Muito bem. Soletre-lhe o nome.

MYERS E VOVÔ.

Lady Lodge – Ele está com Myers e Gurney?

NÃO (com ênfase).

Lady Lodge – A que avô se refere? Dê a primeira letra de seu nome de batismo.

W.

Lady Lodge – Meu querido vovô! Ele tinha certamente de vir ajudar você!

Lodge – Acha este sistema da mesinha melhor que o de "Feda"?

SIM.

Lodge – Esteve interessado na Itália?

SIM.

Lodge – Lembra-se de certa pessoa na Itália?

SIM.

Lodge – Soletre o nome.

(Um nome foi soletrado corretamente).

Lodge – Você está perito nisso!

SIM (alto).

Lodge – Sempre gostou de coisas mecânicas.

SIM.

Lodge – Pode explicar como opera com a mesinha?

A mesa soletrou por longo tempo e como as palavras não aparecem divididas, os assistentes ficaram atrapalhados, sem nada entenderem. Eu, por exemplo, perdi-me depois da palavra "magnetismo", e não achei sentido no que era soletrado. Mas o apontador tomou todas as letras e separou-as assim:

VOCÊS FORNECEM O MAGNETISMO QUE SE ACUMULA NA MÉDIUM E PASSA PARA A MESA; E NÓS MANIPULAMOS.

O interesse dessa resposta está em que a mesa ia soletrando palavras sem nenhuma divisão, de modo que não podendo pegar o sentido não podíamos exercer controlo. A noção dada não é *evidencial*, porque podia estar no conhecimento do médium; em muitos outros casos, porém, as coisas ditas estavam totalmente fora do conhecimento do médium.

Lodge – É o mesmo que aqui chamamos magnetismo, não?

NÃO.

Lodge – E você não objeta contra esse termo?

NÃO.

Lady Lodge – Pode ver-me, Raymond, quando não está com o médium?

ÀS VEZES.

Lady Lodge – Quando penso em você?

SIM.

Lodge – Isso deve ser muito frequente.

SIM. (alto).

Perguntei-lhe sobre algumas residências, das quais ele especificava certos aspectos numa sessão que tive com Peters em setembro. Raymond deu mostras de lamentar a confusão havida, e corretamente soletrou o nome de GROVEPARK como o de uma das casas, e NEWCASTLE como o lugar em que ficava a "casa de mamãe". Mas omito os detalhes.

Lodge – Precisa agora descansar, Raymond.

SIM.

Lady Lodge – Um daqueles seus sonos, Raymond...

SIM. (alto).

Observações feitas nesse mesmo dia

Muita coisa certa foi dita nessa sessão. Mas dois nomes apareceram que pediam comentário, porque os assistentes os não compreenderam e se fossem esclarecidos poderiam constituir ótima evidência.

O primeiro nome foi Norman, a propósito do qual muita coisa pode agora ser dita; mas acho melhor deixar para depois, porque de fato se trata de circunstância inesquecível e da mais alta importância.

O outro foi Mitchell, cuja existência no momento não podemos verificar. O ponto tem que ser adiado. Basta que eu consigne que até hoje (6 de outubro) esse nome nada nos diz.

Observação sobre o nome "Norman"

Verificamos que "Norman" era uma espécie de nome de guerra que meus filhos empregavam no jogo do hockey – o que faziam com frequência como ginástica. Raymond, que era forte nesse jogo, tinha o hábito de gritar: "Agora, Norman!" ou outras palavras de animação para os mais velhos a quem ele queria estimular, especialmente para Lionel. Foi o que vim a saber agora. Posso pois testemunhar que até aquela sessão eu tudo ignorava quanto a esse nome. E minha mulher, idem.

Devo recordar que eu perguntara que nome os rapazes lhe davam, e que depois duns enganos, obviamente devido ao mau manejo da mesinha, ele respondeu com o de "Pat". Muito certo. Perguntei-lhe então se podia dar-me o nome de um irmão, e a resposta foi "Norman", que julgamos ser erro. Não o deixei manifestar a derradeira letra, o N, dizendo que estava confundido e pedindo que começasse de

novo. Depois disso, a mesa soletrou a palavra “Noel”, aceita como certa. Mas tenho agora de observar que o nome “Norman” foi o melhor que ele podia apresentar, por ser um apelido que todos se davam uns aos outros. E um apelido assim constituía a melhor resposta, porque já havíamos aceitado o apelido “Pat”.

Em subsequentes ocasiões Raymond explicou que era o apelido que ele dava a Lionel, embora através de Sr.ª. Kennedy houvesse dito ser o apelido dado a Alec. Muito possível que nessa ocasião ele quisesse dizer Lionel e Sr.ª. Kennedy apanhasse Alec. Não sei. Em outra sessão em família, sem médium, um dos rapazes perguntou: “Pat, lembra-se de Norman?,” ao que, com alguma excitação, a mesinha respondeu: “Hockey,” fechando assim o círculo.

A parte mais rica de evidência, porém, foi a obtida quando nenhum dos presentes compreendeu o que fora dito, isto é, o nome “Norman”, que julgamos erro; e também a explicação dada a Sr.ª. Kennedy, de que era o nome pelo qual ele tratava um dos seus irmãos – o que revela que o nome fora pronunciado intencional e não acidentalmente.

Quanto ao apelido “Pat”, reproduzo aqui algumas passagens do Diário de Noel, como prova de que realmente era o apelido de Raymond – mas este fato nos era conhecido.

1914

Set. 09 – Pat vai a L’pool recomissionado.

Set. 10 – Pat comissionado no 3º South Lanc’s.

Set. 14 – Pat arranjando mochila. Inspecionamos os revólveres.

Set. 18 – Pat vai praticar tiro em Harborne. Não acha fácil.

Set. 19 – Torno-me membro do Harborne Rifle Club.

Set. 20 – Pat no tiro outra vez.

Set. 23 – Pat deixa L’pool para treinar em Crosby. Eu abandono por enquanto a ideia da comissão.

Out. 17 – Pat vem receber os velhos de volta da Austrália.

Out. 20 – Pat volta a L’pool.

Nota sobre o nome “Mitchel”

Quando perguntado, a 28 de setembro, sobre o nome dum oficial, Raymond soletrou a palavra “Mitchell” e associou-a com firmeza à palavra “Aeroplano”. Disse também que sua gente não conhecia Mitchell, o que vinha aumentar a evidência.

Depois de várias tentativas de identificação graças aos bons ofícios do bibliotecário da Biblioteca de Londres, vim a saber, a 10 de outubro, que havia um Segundo

Tenente E. H. Mitchell adido ao Royal Flying Corps. Em conseqüência escrevi ao Record Office, e ultimamente, em novembro, recebi uma carta do Capitão Mitchell, ao qual peço desculpas de utilizar-me do seu nome:

"Muito agradecido pela sua bondosa carta. Creio que encontrei o vosso filho, embora não me lembre onde. Meus ferimentos estão quase sarados e eu adido por algum tempo ao Home Establishment, no posto de Capitão. Sua carta só me chegou esta manhã; daí a demora da resposta."

E. H. Mitchell.

Para rematar este capítulo vou transcrever um trecho bastante característico de uma comunicação de "Paul", embora não seja *evidencial*. Essa comunicação foi recebida por Sr.ª. Kennedy sozinha, a qual anotou nestes termos a parte a que me refiro:

"Acho difícil dar ideia da rapidez com que Raymond aprende; parece saber tudo aquilo que lutamos para que os outros aprendam.

Pobres criaturas, ninguém os esclarece antes que passem, e sofrem quando nos vêem e se sentem vivos – e os parentes aí chorando. Para a senhora e para mim a tarefa se torna cada vez mais dura, à medida que os dias se passam; seriam precisos milhares na empresa – e a senhora é tão pequena."

Capítulo X

À procura de uma evidência maior

Nas sessões de mesinha é claro que quando as comunicações formam coisa sabida pelos assistentes, a hipótese do guiamento muscular deve ser sempre considerada.

Muitas das respostas obtidas em nossas experiências estavam fora do conhecimento da médium ou de Sr.ª. Kennedy, mas não do meu e mais membros de minha família; e sendo assim, somos obrigados a admitir a possibilidade de que inconscientemente influenciássemos com os nossos músculos a mesinha, por mais empenhados em o não fazer. Mas as respostas que vinham, ou a forma em que vinham, eram muitas vezes de todo inesperadas, de modo a não permitir nenhum controle consciente. Quando a resposta vinha em frase longa, perdíamos o fio e ficávamos sem poder dizer se aquilo teria sentido ou não, já que as palavras formavam uma série contínua de letras, sem nenhuma separação. O tomador de

notas é que separava o que à primeira vista parecia absolutamente ininteligível. Exemplo:

SEJAMENOSAPRESSADOALECMEUVELHO

que era uma mensagem, ou:

ACUMULANOMÉDIUMEPASSAPARAAMESA ENOSMANIPULAMOS

que era parte de outra. Isso só se tornava legível depois da separação, nunca no momento em que as letras se iam seriando.

Não obstante, a família conservava-se céptica a respeito. Meus filhos então imaginaram certas perguntas testes sobre fatos triviais, que deviam estar unicamente na memória de Raymond e na deles, coisas ocorridas durante passeios ou excursões que fizeram juntos. Também eu estava na ignorância disso. Reuniram-se em conclave secreto e formularam essas perguntas. A 12 de outubro levei-as para Londres num envelope selado – que só abri no momento de ir para a sessão – e lá apresentei-as. Já tínhamos obtido a menção dum incidente que desconhecíamos no caso do nome "Norman", mas os rapazes queriam mais. Aqui reproduzo o relato dessa sessão:

Segunda sessão de mesa entre o casal Lodge,
os Kennedy e Sr.ª Leonard
12 de Outubro de 1915

Anotador: Mr. Kennedy

No começo da sessão O. L. explicou que estavam empenhados em obter uma evidência perfeita; que tudo fora preparado para esse fim; e que sem dúvida os do "outro lado" haviam de concordar e cooperar.

Seguiu-se uma pausa de três minutos e meio, ao termo da qual a mesa moveu-se lentamente.

Lodge – Paul está aí?

SIM.

Lodge – Trouxe Raymond?

SIM.

Lodge – Você está aí, Raymond?

SIM.

Lodge (depois que Lady Lodge saudou o filho) – Bem, atente nisto, meu rapaz. Tenho algumas questões, para mim sem sentido, mas que seus irmãos acham que você compreende. O objetivo é apurar se os assistentes não influem nas respostas. No

caso destas perguntas isto é impossível porque ninguém aqui nada sabe a respeito. Compreende o meu objetivo?

SIM.

Lodge – Muito bem. Posso começar?

NÃO.

Lodge – Oh! Quer dizer qualquer coisa antes?

SIM.

Lodge – Muito bem. Vamos ao alfabeto.

DIGALHESQUEEUAGORAPROCUROPROVARQUE
TENHOMENSAGENSPARAOMUNDO

Lodge – É só o que tem a dizer?

SIM.

Lodge – Bem. Vou agora propor uma das questões dos rapazes, mas tenho de explicar que é possível que em certos casos você não perceba a referência. Dificilmente podemos esperar que responda a todas; e se não puder responder uma passaremos à imediata. Mas não se afobe. A primeira pergunta é: "Lembra-se de alguma coisa a respeito dos Argonautas?"

(Silêncio por algum tempo).

Lodge – "Argonautas", repito. Significa essa palavra qualquer coisa para você? Devagar.

SIM.

Lodge – Pode dizer o que?

SIM. TELEGRAMA

Lodge – É toda a resposta?

SIM.

Lodge – Bem. Vamos à segunda. – "Que se recorda de Dartmoor?"

A pausa foi menor e a mesa soletrou isto:

DESCENDO.

Lodge – É tudo?

NÃO.

Lodge – Continue.

MORRO FERRY.

Lodge – É o fim da resposta?

SIM.

Lodge – Bem. Vamos à terceira pergunta, que me parece mais complicada. Que sugerem a você estas palavras: "Evinrude O. B. P. irmã do Kaiser?"

Nenhuma resposta foi obtida; a pergunta parecia não despertar nenhuma recordação. Perguntado o nome do homem ao qual Raymond dera o seu cachorro, a mesa soletrou:

STALLARDI.

O que é certo. Mas tal facto era do nosso conhecimento.

Observações sobre as palavras "Argonautas" e "Dartmoor"

Quando levamos aos irmãos de Raymond as respostas dadas às duas primeiras perguntas, eles não se mostraram satisfeitos.

Verifiquei entretanto que a palavra "Telegrama" tinha relação com a pergunta – relação completamente desconhecida de mim e de minha mulher – mas que não era a que os rapazes esperavam. No ano anterior, enquanto Lady Lodge e eu estávamos fora de casa, meus filhos foram de auto a Devonshire, e em Tauton Raymond parou no correio para expedir um telegrama dizendo que não havia novidades – e assinou "Argonautas". Minhas filhas lembravam-se perfeitamente desse telegrama, mas os rapazes não.

A resposta que eles desejavam Raymond veio a dar depois, em tempo que já deixava o teste sem valor – e só quando eu lhe apresentei como sugestão as palavras: "Tent Lodge, Coniston".

Agora que conheço a resposta exigida não penso que a pergunta fosse de valor; mas a resposta "Telegrama", que os rapazes não esperavam, parece-me ótima, ou melhor que a outra. Vim a saber algo a respeito duma viagem à Islândia no iate *Argo* de Mr. Alfred Holt, e da poética descrição que Mr. Mitchell Banks e o Dr. Caton fizeram, num livro, da sala de visitas de Tent Lodge, Coniston, mas nunca supus que fosse o que eles desejavam; e se a resposta fosse essa, seria de qualidade inferior à obtida.

Quanto à palavra "Dartmoor", os rapazes disseram que a resposta "Descendo o morro" era correta mais incompleta – e que a palavra Ferry nada lhes sugeria. Em vista disso eu, a 22 de outubro, numa sessão com Feda, perguntei:

Lodge – Lembra-se, Raymond, de algo de Dartmoor e do morro?

Feda – Sim, ele responde qualquer coisa a respeito. Diz que foi excitante.

Lodge – Que é que diz? Por que?

Feda – Qualquer coisa a propósito dum breque – arrumar o breque. Depois fala em repentina curva – uma curva – e me dá um empurrão, como que fazendo uma curva rápida.

(Por Alec fui depois informado duma longa excursão de auto à noite, na qual o silencioso se quebrara no fim duma descida excepcionalmente forte e entrara a fazer um barulho enervante. O condutor do carro fez a descida velozmente, com súbitas aplicações do breque e ziguezagues rápidos, de modo que os que estavam atrás acharam a coisa perigosa e por último o fizeram parar, insistindo em descer vagarosamente. Raymond ia na frente com o que guiava. As sensações dos outros ligavam-se fortemente às manobras do breque e às guinadas. Na pergunta feita os rapazes esperavam como resposta de Raymond alguma referência ao barulho do silencioso partido, o qual foi consertado naquela mesma noite, na primeira cidade em que pararam).

Lodge – Também disse ele algo sobre um Ferry. Que é?

Feda – Não, não se lembra de nada.

Lodge – Bem.

Feda – Há um: sim, há um. Mas nada tem ele a dizer a respeito. Faz ver que a menção dessa palavra foi um pensamento errante que ele não queria transmitir por meio da mesinha. Teve dois ou duas coisas que vieram assim. Pensamentos errantes. Vocês tiveram a resposta desejada, diz ele. Disse MORRO;

FERRY saiu sem querer. Uma coisa nada tem que ver com a outra.

Mais tarde tive ensejo de voltar a esta palavra "ferry"; ninguém na família se lembrava de nenhum "ferry", nem podia achar qualquer aplicação para a palavra. A resposta foi que a sua menção dum "ferry", relacionado a uma excursão de auto, não era injustificada, mas admitiu que "algumas pessoas não chamariam àquilo de ferry". Por algum tempo ainda esperei o esclarecimento necessário, e por fim, a 18 de agosto, recebi de Alec uma nota referente a uma viagem feita nesse mês, em que diz:

"Por falar, na ida a Langland Bay (que era o caminho que sempre fizemos antes de haver a estrada para Newquay) passamos por Briton Ferry, onde há um precioso ferryzinho".

Assim, ainda esta semi-acidental reminiscência não parece de todo sem sentido – embora não devesse vir como resposta à pergunta sobre Dartmoor.

Mais tarde, numa sessão com Alec, o qual de novo pronunciou a palavra Dartmoor, Raymond respondeu: "Qualquer coisa rebentou", o que está certo. O atroz barulho

do silencioso depois do desarranjo era justamente o que os rapazes queriam que ele recordasse.

Observações sobre esse gênero de questões

É fácil de ver-se que uma única palavra destacada do contexto e lançada a uma pessoa que pode no momento achar-se num estado de espírito totalmente diverso, constitui prova difícil; e no conjunto suponho que as questões tiveram respostas satisfatórias, conquanto não fossem as esperadas. Se os rapazes estivessem presentes à sessão, o teste estaria prejudicado; as respostas poderiam sofrer o influxo de sua presença, criadora de atmosfera propícia à recordação. Mas na minha presença e na de minha mulher, ignorantes de tudo, não é de surpreender que as respostas só fossem parcialmente satisfatórias – conquanto para mim pareçam boas. Em todo caso, tiveram o efeito de estimular os rapazes a promoverem sessões de mesinhas em casa, por conta própria.

* * *

A 13 de outubro, graças à gentileza de Sr.ª. Kennedy, tivemos uma sessão anônima com uma médium que desconhecíamos, uma Sr.ª. Brittain, de Hanley, Staffordshire – em casa de Sr.ª. Kennedy.

Não foi sessão bem-sucedida; a médium parecia cansada e aborrecida com uma demanda – mas obtivemos alguns pontos *evidenciais*, embora não referentes a Raymond. Só no fim a médium declarou que alguém estava pronunciando o nome “Raymond”.

Num encontro posterior com Sr.ª. Kennedy, Sr.ª. Brittain contou que um rapaz de nome “Pat”, acompanhado de Paul, viera vê-la na noite da sessão – e assim fixou a cena:

14 de outubro, 1915.

Eu estava descansando, a pensar nos fatos do dia e a aborrecer-me com o que me esperava na próxima segunda-feira, quando me tornei consciente da presença desse querido rapaz. Ele disse: “Sou Pat, e oh, quero falar com minha mãe”. Depois vi com ele o vosso amado filho (Paul), o qual me pediu para falar-vos de Pat e dizer que seu pai terá provas sem que tenha necessidade de procurá-las.

Capítulo XI

Primeira sessão de Alec

Algumas palavras tornam-se necessárias quanto à atitude da família de Raymond neste assunto. Hão de pensar que o meu sabido interesse na matéria fosse compartilhado pela família, mas não era assim. No quanto posso julgar, creio que

minha atitude exercia um efeito contrário; e só depois de receberem provas irrecusáveis é que mudaram de pensar.

Minha mulher tinha feito experiências com Sr.ª Piper em 1889 e continuara cética até 1906 mais ou menos, época em que conseguiu evidência extraordinariamente forte. Mas nenhuma das suas experiências foi compartilhada pela família, que nada lia sobre o assunto, nem da minha autoria nem de ninguém – e não estava em situação de convencer-se por experiência própria. Todos encaravam o assunto com desinteresse e cepticismo. Mas não havia atritos nem desapontamentos. A vida apresentava-se muito cheia de interesse, e até à morte de Raymond ninguém sentiu necessidade de pensar na sobrevivência ou na possibilidade de comunicação.

A primeira sessão realizada pelos rapazes, além das de amadores feitas em casa, ocorreu a 23 de Outubro, com Peters. Estiveram presentes Alec e Lady Lodge, que não deram os seus nomes. Vou reproduzir as notas tomadas por Alec.

Notas de Alec sobre a sessão

Minha mãe e eu chegamos à casa de Sr.ª. Kennedy às 11 menos cinco. Sr.ª. Kennedy perguntou se podia tomar parte na sessão, no que consentimos. Apareceu Peters. Houve apertos de mão, mas sem apresentações.

A sessão foi muito irregular e de pouca importância aparente; mas passados uns minutos tornou-se impressionante. Senti como se minha mão estivesse sendo apertada entre as de Raymond, e como se ele estivesse falando com sua própria voz. Minha mão direita estava segura, mas ainda que eu a tivesse solta, não poderia, naquelas circunstâncias, tomar notas. Lady Lodge acrescenta que nem ela tão pouco, nem ninguém poderia fazê-lo durante essa parte da sessão.

Relato

Depois duma conversa preliminar e de mensagens de parentes, dadas através de Peters controlado por Moonstone, houve um intervalo, com a passagem do controle para Raymond. A enunciação das palavras mostrou-se muito indistinta no começo.

Eu quero apresentar-me. Mamãe que me ajude. Por que você sabe. Não foi tão mau. Não tão mau. Eu sabia que você não ignorava a possibilidade de comunicação, de modo que quando apareci foi em melhores condições do que para outros deste lado. Freqüentemente falamos desse assunto e pai compreende; e agora, juntando-me com sua força é mais fácil.

Neste ponto o médium agarrou a mão de Alec por cima da mesa, de modo que as notas foram interrompidas. Os braços do médium estendiam-se sobre a mesa e sua cabeça baixava-se entre eles; a mão de Alec ficou retida entre as mãos do médium.

E por todo esse tempo o médium falou com muito sentimento, sacudido de soluços; cabeça e pescoço congestionados; tudo muito forte, muito emocional; e a voz era extraordinariamente semelhante à de Raymond. Alec também notou que o aperto de mão lembrava o de Raymond. Isso ocorreu no meio da sessão, tempo em que não nos foi possível tomar notas – nem Sr.ª. Kennedy.

Passado algum tempo as mãos do médium se afrouxaram e as notas puderam ser tomadas.

(Alec diz: "O intervalo foi breve mas carregado de emoção fortemente sentida por todos).

Mas não, espere. Porque eles disseram-me. Não estou vexado. Estou contente. Compreendo as coisas de modo diferente daí. E, oh, graças a Deus posso falar. Mas... Os rapazes me ajudam. Vocês não sabem o que ele fez. Quem poderia ajudar? Mas tenho de conservar-me quieto, prometi calma. O tempo é tão breve. Diga a pai que sou feliz. Que me sinto feliz dele não ter vindo. Se ele estivesse aqui eu não poderia falar.

Acho difícil exprimir o que quero. Cada vez que volto sinto mais facilidade. O difícil foi antes. O 15º, compreende? E o 12º.

(Não pudemos compreender estas datas).

Mas cada vez que venho está melhor. Se vovô não ajudasse, eu não poderia. Tenho agora de retirar-me. ... quebrado... Mas falei, graças a Deus!

(Aqui neste ponto o controle mudou; houve um alívio geral; o novo guia era Biddy).

Sou eu agora que vou falar. Aqui há outra mãe. Vou ajudar o rapaz. Eu lhe disse para voltar, etc.

(Aqui um intervalo; e veio outro guia, provavelmente Moonstone, ou o próprio Peters tomado de clarividência).

Trouxestes convosco uma força tremenda. Não dizeis sempre o que pensais. Vossa força intuitiva é forte. Vossa mente é muito bem equilibrada (e assim por diante)... Nos últimos três meses as coisas mudaram. Estais revolvidos no mais íntimo. Não tínheis ideia de quão fortes são os laços que vos ligam a um que veio para cá. Necessário é zelar por vossa mãe. Conheceis a sua devoção para com ambos e para com o que veio... Esse que veio é irmão. Quer mandar uma mensagem.

(Algumas mensagens omitidas).

Não chorais, mas o coração chora lá dentro.

Ajudai aos outros. Estais fazendo isso. Se jamais experimentásseis fazer o que ele fez, seríeis fisicamente aniquilados.

Tudo isto vem dele.

(Para Lady Lodge). Muito contente quanto às fotografias. Você fez algo que é satisfatório.

(Evidentemente refere-se a duas fotografias encontradas em seu bolso depois de falecido).

Desejo mandar mensagem a pai, mas desta vez não a respeito dele. Vejo sem clareza as iniciais F W M – mas F M quer ser lembrado e diz: "Ainda me conservo muito activo. Ponha-se em contacto com Crookes a respeito do rádio".

Nota de Oliver Lodge

Lady Lodge impressionou-me com o relato dos episódios acima. Foi difícil acalmar-nos pelo resto do dia. Não creio que a anotação aqui reproduzida impressione a alguém, salvo as pessoas de igual experiência. *Oliver Lodge – Raymond* 190

Capítulo XII

Primeira sessão de Lionel

A 17 de Novembro Lionel Lodge, irmão de Raymond, foi a Londres ver se obtinha com Sr.ª. Leonard uma sessão anônima, sem a intervenção de Sr.ª. Kennedy ou mais alguém.

Verificou que por esse tempo a médium tinha de servir a dúzias de estranhos, gente sem nenhuma ligação com a nossa família, mas felizmente conseguiu ser admitido sem dar a sua identidade. O relato do que houve merece publicação. Fiz omissões, parte por amor à brevidade, parte por ser matéria muito particular; mas afora isso, mesmo o que não possui caráter *evidencial* aparece reproduzido. Devemos acentuar que Feda fala durante todo o tempo, às vezes na terceira pessoa, às vezes na primeira, e às vezes por conta própria. Não é provável que a lucidez do controle tenha sido constante pela sessão inteira, de modo que Feda pode ter feito enchimentos. Ela é excelente e muito cuidadosa; como todos os guias, porém deixa-se levar por certos maneirismos e infantilidades, como a modificação do nome de Paul para Paulie, etc. As circunstâncias dramáticas da sessão constituem coisas familiares aos que têm experiência da matéria. O relato procura reproduzi-las – mas com fraco sucesso. E é possível que a tentativa, embora consciente, forneça oportunidade para o ridículo – se a crítica hostil houver por bem usar deste recurso.

Sessão de Lionel Lodge em casa de Sr.ª Leonard

INTRODUÇÃO DE OLIVER LODGE

Lionel escreveu a Sr.ª. Leonard, mandando a carta para o seu velho endereço, Avenida Warwick, porque eu me esquecera de lhe dar o novo. Lionel utilizou-se de papel comum e não assinou, dizendo que breve apareceria. Mas Sr.ª. Leonard nada recebeu, de modo que quando meu filho chegou a Londres, a 17 de novembro, só lá no endereço antigo soube do novo. Em casa da médium foi recebido por ela mesma. Declarou desejar uma sessão. Sr.ª. Leonard correu os estores, acendeu uma lâmpada vermelha e contou que era controlada por "Feda". Tudo rápido. Em dois minutos o transe começou e Feda falou.

RELATO DE LIONEL

(As observações entre parêntesis quadrados são minhas).

Feda – Bom dia! Então é psíquico também?

Lionel – Não sabia que era.

Feda – Vejo dois espíritos perto de você; o mais velho, plenamente desenvolvido; o mais novo, ainda incerto. O velho é alto e bem construído; tem barba, mas não bigodes.

(Isto parece preocupar Feda, que repetiu várias vezes a descrição, como procurando melhorá-la).

Barba toda e cabelo dos lados, mas sem bigodes. Testa ampla, sobrancelhas fortes e um tanto retas – não arqueadas; olhos pardos; cabelo ralo no alto, grisalho dos lados e atrás. Parece que foi castanho antes de ficar grisalho. Rosto bonito. Está construindo qualquer coisa. Sofreu disto, antes de passar (e a médium indicou o estômago ou o peito).

Letra W [refere-se a um membro da família, já aqui tratado de "avô"].

E há outro espírito. Alguém está rindo.

Não brinque, é sério.

(Isto foi murmurado como que dirigido a alguém, não a mim).

É um moço duns 23 ou 25 anos, a julgar pela aparência. Alto; bem construído, mas não espesso; cabelos castanhos, curtos dos lados; nariz não muito reto, largo nas narinas.

(*Murmurando*) Feda não pode ver o seu rosto.

(*Elevando o tom*) Ele não me deixa ver-lhe o rosto; está rindo.

(*Murmurando diversas vezes*) L, L, L.

(*Alto*) Não é este o nome dele; é o nome que dá a você.

(*Sempre murmurando*) Feda o conhece – Raymond. Oh, é Raymond!

(Neste ponto Sr.ª. Leonard agita-se, sacudindo as mãos como criança de súbito alegrada).

Eis porque não queria mostrar o rosto – porque Feda o reconheceria.

Está batendo no seu ombro de rijo. Você nada sente, mas ele pensa que está batendo rijo.

[Parece ter sido um hábito de Raymond bater no ombro do irmão, cada vez mais rijo, até que houvesse reação].

É muito brilhante a impressão que dá.

Tem procurado aparecer em casa, mas há sempre terríveis atrapalhações – não terríveis, mas confusas. Ele realmente chegou até você, mas outras condições atrapalharam e estragaram tudo.

[Isto evidentemente se refere a alguma sessão sem médium em Mariemont – sem médium com o qual Feda ou Sr.ª. Leonard tenham relações. O caso mostra um conhecimento específico, denunciador de correspondência inter-mediúnica].

L.L. – Como poderemos melhorar isso?

F. – Ele não o sabe ainda. Outros espíritos intervêm, não maus espíritos, mas dos que gostam de sentir que estão ajudando. Isso o confunde terrivelmente. Parte da comunicação foi feita por ele; mas depois da mesa entrar em ação, já não era ele. Começou, mas veio alguém mais forte que lhe tirou o controlo.

(*Murmurando*) Feda, pode você sugerir alguma coisa?

[Isto parece relacionar-se a uma conversa do outro lado].

Mantenha-se bem firme quando a mesa começar a mover-se. A prece ajuda, quando as coisas vão mal.

L.L. – Lembra-se duma sessão em casa, quando me disse que tinha muita coisa a transmitir?

F. – Sim. O que ele queria era dizer sobre o lugar em que se encontra. Mas não pôde soletrar; muito trabalhoso. E sentiu-se abatido no começo. Você não se sente tão real como a gente daqui, e as paredes agora, para ele, aparecem transparentes. A grande coisa que o fez reconciliar-se com o novo ambiente foi que tudo parece sólido e substancial. A primeira ideia que teve depois de despertar (diz ele) foi de “estar passando”. Um segundo ou dois com tudo em sombras, tudo vaporoso e vago. É como sentiu.

A primeira pessoa que o procurou cá foi o vovô. E depois outras; sobre algumas apenas ouvira falar. Todas pareceram-lhe tão sólidas que dificilmente podia admitir tivessem passado.

Eu vivo numa morada (diz ele) construída de tijolos – e há árvores e flores, e o chão é sólido. Se a gente ajoelhar-se na lama, aparentemente suja a roupa. O que ainda não compreendo é que a noite não siga o dia, como no plano terrestre. Parece algumas vezes ficar escuro, quando ele quer que seja escuro, mas o tempo entre a luz e a treva não é sempre o mesmo. Não sei se está achando isto maçante.

(Eu estava a pensar se meus lápis durariam. Tinha dois e já agarrara o segundo).

O que me preocupa, diz ele, é como a coisa é feita, como é composta. Não descobri ainda, mas já tenho uma teoria. Não é ideia original minha – foi formada com palavras colhidas aqui e ali.

Ele diz algo assim: Há qualquer coisa que está sempre subindo do plano da terra – qualquer coisa de forma química.

À medida que se ergue até nós, sofre várias mudanças e solidifica-se em nosso plano.

Ele sente que é qualquer coisa emanada da terra que faz as árvores e flores sólidas, etc.

Não sabe mais nada. Está estudando, mas leva tempo.

L.L. – Quero saber se ele pode entrar em contato com alguém na terra.

F. – Nem sempre. Só com os que querem vê-lo, e os que é bom que ele veja. Então ele os vê, assim que pensa. Não deseja ver ninguém a não ser que trazidos a ele.

E diz: Informaram-me de que posso encontrar qualquer pessoa a qualquer momento – não há dificuldades. É o que faz isto aqui ser tão bom lugar de viver.

L.L. – Pode Raymond ajudar alguém aí?

F. – Isso é parte da sua tarefa, mas há outros que a estão realizando; a maior parte do seu trabalho se relaciona à guerra. Ele diz: Estive em casa, mas meu trabalho real é na guerra. Tenho algo a fazer com meu pai, embora meu trabalho seja na guerra, a ajudar os violentamente arremessados ao mundo do espírito.

L.L. – Pode predizer ou ver o que vem?

F. – Às vezes penso que sim, mas não é fácil. Não creio que eu hoje saiba mais do que quando na terra.

L.L. – Pode dizer alguma coisa sobre a guerra?

F. – Há melhores perspectivas. De todos os lados há mais coisas satisfatórias do que antes. Isto não é aparente no plano terrestre, mas eu me sinto mais satisfeito do que antes.

Não posso deixar de sentir-me intensamente interessado. Creio que perdemos a Grécia – e não estou certo se não foi por culpa nossa. Só agora fizemos o que devíamos fazer meses antes.

Não concordo no que diz respeito à Sérvia. O tê-la deixado tanto tempo só produziu mau efeito sobre a Rumânia. A Rumânia pensa que entrará no mesmo bote, se se juntar a nós.

Todos concordam que a Rússia andará direito durante o inverno. Vai mostrar o que pode fazer. Os russos acostumados ao seu terreno e ao inverno. Penso que alguma coisa está emergindo. Algumas das coisas triviais que me interessavam já as esqueci. Há mais coisas a preocupar-me cá. Compreendo às vezes a seriedade da guerra... É como observar uma interessantíssima corrida ou jogo, que gradualmente se desenvolva diante de nós. Estou trabalhando nela, o que é menos interessante do que observar.

L.L. – Tem alguma mensagem lá para casa?

F. – Saudades para minha mãe e todos, mas especialmente para minha mãe. H. está agindo muito bem.

[H. quer dizer sua irmã Honor].

L.L. – Em que sentido?

F. – Está ajudando dum modo psíquico; torna-me as coisas mais fáceis. Temos de separar o bom do mau e não procurar mais que uma forma – e não o *jig, jig*...

F. – Não gosto do *jig, jig*. Penso que posso operar na mesa. [Ver capítulo XV].

L.L. – Quer dizer-me de que modo poderei ajudar?

F. – Vá devagar, só deixe uma pessoa falar, como já disse. Pode ser H. ou L.L. Escolha uma pessoa para propor perguntas, porque diferentes sons de vozes confundem-me e misturam-me o pensamento. Não quero abandonar isso; gosto. Não experimente mais de duas vezes por semana; ou, melhor, uma.

Procure levar o mesmo tempo sempre e, se possível, operar nos mesmos dias.

Apresente minhas saudades a todos. Diga-lhes que estou muito feliz. Muito, muito, e com muito trabalho a fazer, e intensamente interessado. No começo sofri do choque; mas sinto-me extremamente feliz agora. Estou livre.

Feda – Ele não disse até logo.

Uma mulher chegou: jovem, de meia altura, esguia, mas não magra; rosto oval; olhos azuis; cabelo castanho claro.

L.L. – Pode dar o nome? Pela descrição não consigo fazer ideia de ninguém.

F. – Ela constrói um L.

Quando estava na terra não se parecia com a minha descrição. Muito pequena foi a sua estadia na terra. Aparentada com você. Cresceu neste plano.

Oh, é sua irmã! É linda; não tão alta como você; belo rosto, olhos azuis.

L.L. – Sei o seu nome agora.

[Em outra sessão esta irmã de Raymond foi descrita].**6**

6 Ele traz consigo uma rapariga – uma rapariga que se desenvolve no mundo do espírito. Pertence a Raymond: longos cabelos louros, belo porte, esguia, com um lírio na mão. Outra criatura que passou muito cedo: um rapaz; você não o reconheceria se o visse agora; parece da mesma idade de Raymond, mas muito espiritualizado; traz consigo um W; sabe muito pouco do plano terrestre; passou muito cedo. Estão ambos com Raymond agora. Os espíritos parecem jovens quando se passam cedo. Raymond está entre eles. [Esta revelação ajusta-se perfeitamente a dois filhos mortos, um rapaz mais velho que Raymond e uma menina mais moça].

Raymond está agora realmente feliz. E não diz isto para contentar ninguém. Está realmente feliz. Diz que isto é mais interessante do que lá na terra. Há aqui um enorme campo para o trabalho. Seu pai e ele estão fazendo muito. Ele diz: "Vou cooperar o mais que possa". E para sua mãe: "Se for feliz, eu o serei mais ainda. Sua mãe costumava suspirar, o que exercia sobre ele mau efeito. Seu pai tem se mostrado admirável.

F. – Dê-lhe suas saudades aos de casa, mas sobretudo a minha mãe. E diga-lhe que ela e seu irmão (não Raymond) têm assistido às sessões caseiras.

L. traz lírios nas mãos; está cantando – zumbindo. Feda não percebe as palavras.

Afasta-se. A força está no fim.

L.L. – Minhas saudações a essa moça.

F. – Feda também envia as suas.

Raymond estava brincando, ao esconder o rosto a Feda. Até logo.

Capítulo XIII

Conversas não comprovativas

Na sessão que a 3 de dezembro de 1915 tive com Sr.ª. Leonard veio aquela informação sobre fotografias, já relatada no capítulo VIII. Em todas essas sessões a nota "*a meia voz*", consignada entre parêntesis, significa fala entre Feda e o comunicante, e portanto não se dirige aos assistentes. Procuro sempre fixar esses fragmentos entreouvidos porque são interessantes e às vezes melhores do que o dado em voz alta. Porque Feda parece estar não só murmurando o pensamento que a preocupa como também refletindo o que lhe foi transmitido; às vezes os nomes aí surgem com toda a correção, ao passo que depois aparecem desfigurados. Exemplo: em certa ocasião Feda murmurou a meia voz "Que é que diz, Rowland?" e depois, em voz alta, "Ele enuncia qualquer coisa como Ronald". Ora, nesse caso o nome Rowland era o certo. O impressionante caráter de Feda parece eivado de certa soma de irresponsabilidade infantil. Às vezes Raymond adverte que "tem de conversar com ela seriamente sobre isso". Ultimamente Feda melhorou em muitos pontos.

Sei que nos relatos das sessões há coisas de nenhum valor *evidencial* e até mesmo grotescas; mas não me sinto inclinado a excluí-las. Dou as razões no fim deste capítulo (nota nº 5) e também no XX. Algumas dessas coisas são bastante divertidas, mas as referências ao viver do outro lado não constituem matéria verificável. Admito que são de variável grau de valor e peculiarmente sujeitas a falseamento por parte do médium, embora inconsciente. E nunca serão satisfatórias antes que possamos verificá-las. A dificuldade está em que Feda aparece para grande número de assistentes, e se a maioria é de meros investigadores, dos que apenas ouvem e tomam notas, alguns haverá cheios de teorias definidas, que intencional ou inconscientemente podem transmiti-las ao "controle". E este pode devolvê-las como sendo informação sua, sem saber de que fonte a captou. Ultimamente têm aparecido obras que dão informações sobre o outro lado, de um modo positivo e categórico; muito possível também que os médiuns se deixem influenciar por obras. Será lamentável que esses livros sejam aceitos como autoridade por pessoas incapazes de perceber os erros científicos que contêm. Para a mente das pessoas dotadas de espírito crítico eles só servem para retardar o são conhecimento do assunto.

Extrato de uma sessão com a Sr.ª Leonard,

em casa dela, em 3 de Dezembro de 1915

(Presentes: a médium e O. L. Feda fala na sua maneira habitual, como intérprete de Raymond)

Feda – Oh, é interessante, diz ele, muito mais do que no velho plano terrestre! Eu jamais quereria deixar você, minha mãe, e os outros; mas isto aqui é interessante. Eu só desejava que você viesse estar comigo por um dia.

Há ocasiões em que o senhor vai lá, mas não se lembra. Todos têm estado lá com ele, à noite, e o senhor também, mas ele pensa que será muito difícil lembrar-se disso. Se se lembrassem, diz ele (ele não sabe disso, mas foi informado que é assim), o cérebro não suportaria a carga da dupla existência e tornar-se-ia incapaz das obrigações diárias; por essa razão a memória conserva-se trancada. Foi a explicação que lhe deram.

Diz ele: Meu corpo é muito semelhante ao que eu tinha na terra. Belisco-me às vezes para verificar se é um corpo real, e vejo que é; mas o beliscão não dói como doeria no corpo de carne. Os órgãos internos não parecem constituídos nas mesmas linhas do corpo de carne. Não podem ser completamente os mesmos. Mas segundo todas as aparências externas, é o mesmo. Só que posso mover-me mais livremente.

Oh, há uma coisa que não vi ainda: sangrar.

Conheci um homem que tinha perdido o braço, mas adquiriu outro. Sim, conseguiu os dois braços agora. Logo que penetrou no astral parecia incompleto, sem um membro do corpo, mas foi ficando e está completo. Falo de pessoas que perderam membros do corpo há muitos anos.

Lodge – E sobre membros do corpo perdido nas batalhas?

Feda – Oh, isso não faz diferença, ficam perfeitos quando vêm para cá. Foi informado (ele não sabe por si mesmo, mas sim porque lhe disseram) de que quando alguém é reduzido a pedaços, o espírito-corpo leva tempo para completar-se, para unificar-se novamente. Dissipa-se uma certa soma de substância indubitavelmente etérica, a qual tem de concentrar-se de novo. O espírito está claro que não se despedaça, mas é afetado pelo despedaçamento do corpo. Ele não viu nada disso, mas como está interessado, indagou e soube.

Há homens e mulheres aqui. Não creio que se comportem em relação uns aos outros como na terra, mas parecem ter os mesmos sentimentos, embora expressáveis de maneira diversa. Não parece haver crianças nascidas cá. As criaturas são enviadas ao plano terrestre para terem filhos; não os têm neste. O sentimento de amor entre homens e mulheres parece comportar-se diferentemente de mãe e filho, de pai e filha.

Ele diz que agora não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a têm; diz que a essas é dado alguma coisa com as aparências dos alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e *quis* um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. Mas há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas. Não como fazem na terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto. Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada

lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um. Parece que não tiram mais nenhum gosto disso, e gradualmente vão largando.

Logo que chegam querem coisas. Alguns querem carne; outras bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas. Ele ouviu falar de bêbados que por meses e anos querem beber, mas não viu nenhum. Os que tenho visto, diz ele, não querem mais beber – como aconteceu com sua roupa, que nas novas condições em que está ele, dispensa.

Lodge – Raymond, precisa dar-me algumas provas. Quais pensa que sejam as melhores? Já falou sobre isto com Myers, sobre o tipo de prova mais *evidencial*?

Feda – Não sei ainda. Sinto-me numa encruzilhada: dar provas objetivas, como simples materializações de voz direta, que você possa atestar; ou dar informações a respeito das minhas experiências aqui, algo como o que estou fazendo agora, por meio da mesa ou do que seja. Mas ignoro se poderei fazer conjuntamente as duas coisas.

Lodge – Ao mesmo tempo, provavelmente não. Mas pode dizer mais da sua vida aí.

Feda – Sim, e para isso estou colhendo informações. Quero animar as pessoas desse plano a encararem a vida em que terão de entrar e compreenderem que é uma vida racional. Tudo que venho dizendo, e disse a Lionel, você deve pôr em ordem, porque vou falando fragmentariamente. Preciso estudar as coisas daqui. Acha que seja egoísmo dizer que não tenho desejos de voltar à terra? Não abandonarei isto aqui por coisa nenhuma. Não me julgue egoísta, ou que quero manter-me separado de vocês todos. Se ainda o procuro, é porque o sinto muito perto, mais perto do que antes. Mas por coisa alguma que me pudesse ser dada eu voltaria.

(*Feda*) Dificilmente ele diria isso à sua mãe.

(*Feda olha em redor*) Alec está aí?

Lodge – Não, mas espero que virá.

Feda – Avise-o para não dizer quem é. Gostei muito da primeira vez que Lionel veio – pude conversar durante horas.

(Lodge consulta o relógio).

Pude conversar durante horas – não vá ainda!

(*Feda*) Ele diz que teve sorte quando "passou", porque havia muitos para recebê-lo aqui. Isso aconteceu (veio ele a saber) pelo fato do senhor andar há muito tempo metido nestes assuntos. Ele quer que os leitores dos seus livros saibam que tudo se torna, para eles e seus amigos, muito mais fácil, se tiverem conhecimento disto antes do "passamento", porque é horrível quando "passam" sem o saber, e levam

semanas ignorando que "passaram", supondo que é sonho, que estão sonhando. E às vezes não o percebem nunca.

Ele diz que quando despertou deste lado sentiu uma pequena depressão, que não durou muito. Correu os olhos em redor e acomodou-se. Foi como encontrar-se numa cidade estranha, num lugar estranho rodeado de pessoas que nunca tinha visto, ou não tinha visto de muito tempo. Vovô veio logo. E uma chamada Jane veio ter com ele, a qual se deu como sua tia. Jane – Jennie. Ele lhe chama tia; foi informado de que era a "Tia Jennie". É ela a minha tia Jenny? pergunta ele.

Lodge – Não, mas sua mãe costumava tratá-la assim.

Feda – Ele trouxe outra vez aquele cachorro, lindo cachorro. Um cachorro que faz assim (Feda imita movimentos de cão). Conseguiu uma bela cauda, não um toquinho; uma cauda com belos pelos. Senta-se assim, às vezes, e deita-se, e põe a língua.

Tigres e leões ele não viu ainda; mas vê cavalos, cães, gatos e aves. Diz que o senhor conhece este cachorro. Que belo pelo! Ondulado. Está agora pulando por aqui. Não tem o focinho longo, mas não parece "pug-dog". Ao contrário, é comprido. Orelhas caídas, peludas. Cor escura, parece-me.

Lodge – Que nome dá a ele?

Feda – "Ele, não", diz Raymond. (*a meia voz*): Que significa com esse "ele, não"? É um "ele", sim.

Não. Raymond não explica. Não dá nome. O cão salta.

(Tudo isto se refere a uma cachorra de nome Curly, cuja morte foi há alguns anos atrás especialmente mencionada por "Myers" através de outro médium – um incidente comunicado à *S. P. R.* As referências de Feda estão certas.

(*Feda continuando*): É surpreendente o número de pessoas que vêm apertar a mão e falar-me. Não as conheço desde Adão. Mas muito me honram aqui. Algumas são bastante finas. Não as conheço, mas todas parecem interessadas no senhor e dizem "Oh, é filho dele? Como passa?"

Feda começa a perder o controlo.

Lodge – Bem, até logo, Raymond, e que Deus o abençoe.

Feda – Deus abençoe a *você*. Só quero que saiba que sou muito feliz. E abençoe a todos. Não sei dizer o que sinto, mas você pode adivinhar. Difícil pô-lo em palavras. Deus os abençoe a todos. Adeus, pai.

Lodge – Adeus, Raymond, adeus, Feda!

Feda dá uma sacudidela e repete "Adeus. Saudades à que lhe pertence e a Lionel. Feda sabe o seu nome, Soliver, sim."

As sessões raramente apresentam caráter *evidencial* e muita gente não as registra; mas às vezes o melhor é fixá-las na íntegra, como o fiz acima, como exemplo do que pode ser chamado a "maneira" duma sessão. Alguma coisa que neste capítulo parece especialmente absurda relaciona-se com a matéria do capítulo XX.

Observações sobre a matéria relatada

Poderão perguntar-me porque anoto tanta conversação comum, em vez de abreviá-la ou concentrá-la no que há de específico em matéria de fatos. A isso responderei:

1 – Que uma versão muito concentrada é de difícil leitura, ao passo que, a despeito da sua extensão, a versão completa é menos tediosa. Um relato é sempre um pobre substituto da experiência viva; e muita concentração, ou abreviação, pode destruir o que há nela de melhor ao interesse humano.

2 – Que por sua própria natureza a abreviação implica adulteração; e não é aconselhável nestes assuntos apurar o estilo com prejuízo da exatidão.

3 – Que os maneirismos e excentricidades do "controle" (ou segunda personalidade) são interessantes em si e podem ser instrutivos; e aos noviços revelam o que eles esperam.

4 – Que grande número de investigadores desejam conhecer o que na realidade é uma sessão; que assuntos são nela tratados e o que os comunicantes, isto é, as hipotéticas personalidades que enviam mensagens por intermédio do controle, têm a dizer a respeito de seus sentimentos pessoais e da sua existência. Por esse motivo, qualquer que seja a interpretação que venha a ter o relato, parece-me melhor que apareça na íntegra.

5 – Sei que alguns dos relatos podem parecer absurdos. Especialmente os que falam da situação no "outro lado" – asserções que não são nem *evidenciais*, nem verificáveis, e que por isso somos tentados a suprimir ou a fazer que não surjam. Em outra parte deste livro dou minhas razões para proceder de modo contrário, anotando-as como surgem. E embora admita que seja indiscrição o publicá-las, também admito que a evidência requer que nada fique escondido. Tenho como meu dever citar não apenas as mensagens que contribuem para estabelecer convicções sobre a sobrevivência como ainda conversas sobre a situação nesse "outro lado", a despeito da reticência que havemos de manter quanto ao que é estranho e inverificável.

Em outra parte, faço ver que ainda não tivemos o privilégio de entrar em contato perfeito com a personalidade dos mortos. Vemo-la através dum vidro embaciado, não cara a cara. Mas mesmo através do turvo desse médium podemos apanhar relances que nos permitam aceitar a sobrevivência da personalidade. Ademais, a

fim de, na sua força ou na sua fraqueza, revelar a evidência, parece-me de mais lealdade produzir exemplos de tudo que nos chega através de canais insuspeitos; e não suprimir coisa nenhuma simplesmente porque pode dar pega à crítica adversária, nem acrescentar achegas adventícias em suporte dum caso de valor.

6 – A classe de relações mais *evidencial* – informações sobre coisas que desconhecemos e também o que chamo "*correspondência cruzada*" – não constitui elemento que deva ser posto de lado. E se usualmente, de modo natural e espontâneo, ocorrem de vez em quando, costumo fazer esforço para obtê-las.

Nota geral

Retornando aos relatos familiares que aqui enfeixo, nos quais a evidência é mais esporádica do que sistemática, observo certos pequenos detalhes de bastante interesse, como, por exemplo, o modo dos moços tratarem aos velhos. Assim, enquanto Paul trata a seu pai de "Daddy" e à sua mãe dá nomes carinhosos, como o fazia em vida, Raymond diz simplesmente "Pai" e "Mãe", que era como nos tratava na terra. Um moço atlético de nome Ralph, morto na guerra, saudava a seu pai, quando o via presente a alguma sessão, com um extraordinário "Ullo Erb!", dito letra por letra através da mesinha. A facilidade e liberdade com que esse Ralph se comunicava era extraordinária, e estive tentado a narrar em apêndice alguma coisa a seu respeito. Se mudei de ideia foi porque se tratava de assunto sem nenhuma relação com o objeto deste livro – que é Raymond.

Capítulo XIV

PRIMEIRA SESSÃO DE ALEC COM A SR.ª LEONARD

A 21 de dezembro Alec teve com Sr.ª Leonard sua primeira sessão, não anônima como Lionel o conseguiu; a médium já o conhecia. Nessa sessão foi revelada mais alguma coisa de caráter inverificável, mas que, absurdo ou não, prefiro não suprimir.

As notas tomadas rezam assim:

(A médium sabe que sou filho de Sir Lodge).

Sala da frente; cortinas baixadas; pequena lâmpada vermelha; ninguém mais presente. Sr.ª. Leonard saúda-me: "Mr. Lodge?" Depois começa a esfregar as mãos vigorosamente.

Feda – Bom dia! É Feda.

Raymond está aqui e desejaria A e B. (*a meia voz*) Que quer dizer com A e B? (veja-se nota A). Ele diz: Tanto desejava que você me visse! Estou tão contente – bem sabe que estou contente.

(*Feda*) Ele esforça-se por ter contato com você em casa e acha que está se aproximando cada vez mais e está mais hábil em compreender as condições que permitem a comunicação. Pensa que dentro em pouco poderá fazer testes reais em casa. Sabe que vai progredindo, mas não satisfatoriamente. Está longe e debate-se.

Feda (*a meia voz*) – É o que os peixes fazem! Ele diz que se sente ótimo. Impossível sentir-se melhor.

Esteve esperando aqui; sabia que o senhor viria, mas sem certeza de ser hoje (o trem chegou meia hora atrasado). Soube do que ele disse quanto ao lugar onde está?

Alec – Sim, mas acho difícil de compreender.

Feda – Diz ele: É um lugar tão sólido que ainda não venci os obstáculos. Admiravelmente real.

Ele falou a seu pai de um rio; o mar ainda não viu. Encontrou água, mas não sabe se encontrará o mar. Está cada dia fazendo novas descobertas. Muita coisa é nova, mas não para os que já de algum tempo aqui vivem.

Ele entrou numa biblioteca com seu avô – o vovô William – e também com alguém de nome Richard, e diz que os livros são os mesmos que vocês lêem.

Agora, uma coisa extraordinária: Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Foi informado – apenas informado, não sabe por si – de que esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram; e que a matéria desses livros será impressa no cérebro de algum homem que ficará como o autor.

Diz que nem todos neste plano têm permissão para ler esses livros; podem estragá-los – a esses livros ainda não publicados. Seu pai escreverá um – não o em que está trabalhando agora – um novo.

É muito difícil vencer os obstáculos. Ele quer que saibam de como está satisfeito de ter vindo. Há centenas de coisas em que pensar.

Ele trouxe Lily e William – o moço...

Feda (*a meia voz*) – Não sei se isto está certo, mas parece que ele tem dois irmãos.

[Dois irmãos de Raymond e uma irmã faleceram na primeira infância. Normalmente ele mal saberia disso].

Alec – Diga a Raymond que estou certo de que ele apanha ocasionalmente coisas, mas que na minha opinião isso nos chega alterado, talvez afetado pelos assistentes. A mim me parece que muitos destes ouvem o que querem ouvir.

Feda – Raymond responde: “Eu queria que fosse assim!” Mas de certo modo o senhor está certo. Ele jamais consegue dizer o que deseja. Às vezes é uma palavra que surge sem ligação. Freqüentemente as palavras não procedem de sua mente;

não há traço dela em sua mente. Por esse motivo diz Raymond que será boa coisa tentar obter em casa algo mais definido. Quando o senhor se senta à mesinha ele fica certo de que o que ele quer dizer sofre a influência de qualquer dos assistentes. Alguns querem ajudá-lo; outros começam a imaginar a palavra que deve vir. Às vezes ele começa uma palavra e outro a conclui.

Ele pediu a seu pai que o senhor viesse sem dizer quem era. Acha que seria assim mais engraçado.

Alec – Pergunte-lhe se pode lembrar-se de alguma coisa que costumávamos falar entre nós.

Feda – Sim. Ele diz que costumavam falar de automóveis! (*a meia voz*) Que quer dizer? Toda gente fala de automóveis!

(*Em voz alta*) E cantavam. Ele tinha a pretensão de cantar. Mas não cantava hinos. Nas noites das quintas-feiras tinha de cantar hinos, mas não gostava.

Alec – Que gostava de cantar?

Feda – Hello-Hullalo – qualquer coisa como Hullulu-Hullulo.

Alguma coisa como "Hotentote" – mas ele está descendo um longo caminho [ver nota no Apêndice].

(*A meia voz*) A mulher da laranja? (*alto*) Ele diz qualquer coisa sobre uma dama da laranja. (*a meia voz*) Não vendedora de laranjas? (*alto*) Não, sem dúvida que não. Ele diz de um canto que exaltava as virtudes e belezas duma dama da laranja (isto evidentemente se refere à canção *My Orange Girl* e é excelente. Foi a última canção que Raymond comprou).

É uma canção alegre que começa com "Ma" – mas Feda não pode apanhar mais – parece nome de gente. Também qualquer coisa a respeito de "Olhos irlandeses" [ver nota B].

(*A meia voz*) São realmente canções?

(Certa quantidade de incidentes sem importância não são aqui mencionados).

Ele diz que o dia de anos de alguém é em janeiro.

Alec – Está certo.

Feda (*a meia voz*) – Que é um "beano"? Dia de anos de quem?

Ele não quer dizer que dia de anos é. Só diz que *ele* sabe (ele, Alec).

[Nota: o dia de anos de Raymond era a 25 de janeiro].

(Mais coisinhas de família).

Feda – Sim, ele diz que vai afastar-se, que a força está acabando.

Lembranças a todos. Mas antes de ir-me: Nunca lamente a minha retirada. Há mais que fazer aqui do que no plano terrestre. Tenho apenas de esperar, e entrar em contato com cada um de vocês que me procura. Ele se vai indo. Diz “Willie” – o jovem Willie (o irmão falecido).

Feda (*a meia voz*) – Sim, que? Inclinações?

Oh, está brincando.

Diz: Não o Willie de fracas inclic... inclinações, é isso.

Adeus e seja feliz.

[Nota: Esta frase é característica de Raymond].

Ele lá se foi, sim.

Quer dizer qualquer coisa a Feda?

Alec – Quero agradecê-la pelo muito que nos ajuda.

As mensagens são às vezes difíceis, mas o importante é você transmitir só o que ouve, e nada mais, seja compreensível ou não.

Feda – Feda compreende. Feda só reproduz o que ouve, ainda que seja em holandês. Não se esqueça de minhas lembranças para todos.

Alec – Adeus, Feda (apertos de mão).

A médium volta a si em dois ou três minutos.

(Assinado) Alec Lodge.

(Tudo foi escrito na mesma noite, parte na ida para casa, parte lá, sem que eu tenha estado em contato com pessoa alguma).

Observações de Oliver Lodge

Esta sessão parece-me de boa média; contém algumas observações características, e o que foi dito das canções está ótimo. Acrescentarei algumas notas elucidativas.

NOTA A

O “A” e “B” claramente se refere aos irmãos de Raymond, Alec e Brodie; e era natural ligá-los, já que constituíam a firma Lodge Brothers (hoje Lodge Plugs, Ltd.) na qual Raymond trabalhou e esperava entrar como sócio. Ainda há outra ligação, correlacionada aos estudos preparatórios de aritmética e álgebra em que surgiam problemas assim: “A” compra tantas dúzias a tal preço e “B” compra-as por outro preço; o problema consistia em comparar os lucros. Ou então: “A” faz um trabalho em tantos dias e “B” faz alguma coisa mais; etc. Alec admite que na menção do “A” e “B” possa existir alguma referência a isto.

NOTA B

A coisa mais *evidencial* dessa sessão foi a referência a uma canção denominado *My Orange Girl*. Se o nome da canção fosse imediatamente dado, seria bom, mas não tão bom como na forma apresentada – visto que uma canção popular tem o nome muito espalhado. O modo especial como se referiu a essa canção, a perplexidade de Feda com a tal mulher da laranja, e o fazê-la crer que era uma vendedora de laranja, está no caráter de Raymond – especialmente na sentença a respeito de "exaltar-lhe as virtudes e a beleza", que não cabe no maneirismo de Feda, sim no de Raymond. Assim também o "Willie de fracas inclinações".

A canção *Irish Eyes* também me parece boa citação. Era uma canção recente que ele cantou várias vezes.

E há outro assim descrito por Feda: "Uma canção engraçada que começa com "Ma". Mas Feda não pôde ver nada mais – coisa assim como nome de alguém".

As letras M e A foram pronunciadas separadamente, não como sílaba. E a meu ver decorrem duma canção negra de nome "Ma Honey" – e à qual deve ligar-se a palavra anterior

"Hotentote". Em ulterior sessão em Mariemont, entretanto, Raymond foi perguntado a respeito, e enunciou claramente o nome "Maggie", título de canção desconhecida dos presentes, salvo de Norah, que estava na sala, embora não na mesa, e lembrava-se de uma das mais recentes canções de Raymond, "Maggie Magge" (ver o apêndice a seguir).

Apêndice

(Ditado por O. L. a 12 de abril de 1916)

À noite passada estiveram os de casa cantando e sobreveio uma canção que é obviamente referida na sessão de Alec com Sr.ª. Leonard, realizada há quatro meses, antes da referência ao nome *Orange Girl*.

Essa referência a uma canção quase desconhecida pareceu-nos enigmática; mas na memória de Alec existia uma com a palavra "Honolulu" – da qual as palavras "Hululu" e "Hotentote" podiam ser impressões residuais.

Nenhuma canção com o nome de Honolulu era, entretanto, conhecida.

Sucede, porém, que entre os papéis de Raymond foi descoberta (agora a 11 de abril de 1916) uma canção marcada a lápis: "R. L. 3.3.4", isto é, 3 de março de 1904, a qual explica a frase "descendo um longo caminho", pois na realidade ele tinha então 15 anos. O nome da canção é *My Southern Maid*; e embora na parte impressa não apareça a palavra Honolulu, há uma alteração muito significativa, com a letra de Raymond, escrita a lápis:

Any flower from a tulip to a rose, If you'll be Sr.ª. John James Brown Of Hon-o-lu-la-lu-la town.

Antes que nessa noite esses versos fossem cantados, ninguém se lembrava da *My Souther Maid* e não parecia haver nenhuma associação possível com a palavra Honolulu, ou coisa parecida. A associação só se revelou no fim, com o encontro do acréscimo feito a lápis pela mão de Raymond.

Alec chama a atenção para o fato de que, na resposta à sua pergunta sobre canções, nenhuma ter sido mencionada que não fizesse parte do repertório de Raymond; e também para o fato de que as mencionadas não fossem as esperadas. Se no momento Alec houvesse pensado nessas canções fá-lo-ia apoiado em seus nomes conhecidos, tais como *My Orange Girl* e *My Southern Maid*, caso não estivesse completamente esquecido desta última.

(Uma referência a esse episódio ocorreu meses depois, como vem relatada no capítulo XVIII).

Capítulo XV

Sessões em Mariemont

Por várias vezes já vimos que Raymond manifestava desejos de reunir-se ao círculo familial, como também vimos que Honor – a H. das comunicações – estava em situação de ajudá-lo. Tentativas de aproximação desse gênero foram feitas por Raymond perante médiuns de Londres, chegando a dar instruções sobre o modo de proceder.

Por fim começaram a aparecer mensagens, e as comunicações em família, sem o concurso de médiuns, gradualmente se tornaram fáceis.

A anotação foi cuidadosamente feita, e se nem tudo aqui consigno é porque não tenho como *evidencial* toda a matéria recolhida. Afirmo, porém, que era impressionante a naturalidade de tudo e das brincadeiras surgidas, sempre que um novato vinha às sessões. Alguns incidentes, entretanto, mostravam caráter *evidencial* e a estes consignarei.

Às vezes a mesinha revelava-se turbulenta e tinha de ser acalmada. Vasos de flores e a própria mesa chegaram a ser quebrados. Disso deu Raymond explicação através dos médiuns de Londres, dizendo que nem sempre conseguia controlar a mesa e que havia muita travessura (não do nosso lado) que ele procurava evitar; mas que certas demonstrações mecânicas, de todo acima do poder normal dos assistentes, interessavam-no muito; e que desejava repeti-las para lição minha.

Fiz o propósito de não tratar nesta obra dos fenômenos puramente físicos, os quais requerem estudo mais profundo. Mas direi que os movimentos observados eram

não só inteligentes, como impossíveis de produção normal por parte dos assistentes.

Uma sessão em família difere muito das realizadas com um profissional ou qualquer médium de fora. Informações sobre coisas caseiras surgem livremente; e o tom geral se torna o duma conversa íntima, porque na realidade não está ali ninguém que não seja da casa.

Em qualquer tipo de sessão a conversa é sobretudo unilateral, mas enquanto nas de médiuns o comunicante é o que fala quase todo o tempo, num círculo familial a coisa varia; o controlador só ocasionalmente toma a palavra; a atividade maior concentra-se na afirmação e na negação – um espetáculo mudo.

Relutei em publicar um espécime destas conversas familiares mas acabei por achá-lo conveniente.

No dia de Natal de 1915 houve em Mariemont uma longa sessão muito jovial e amiga, entremeada de velhas canções que Raymond demonstrou receber com satisfação; mas só darei fragmentos.

Por essa época a mesinha usada era uma de xadrez, de três pés. Depois que num momento de excitação essa mesinha se quebrou, como também se quebrou a que a sucedeu, foi adotada uma de construção mais forte, de quatro pernas, usada exclusivamente para esse fim.

Sessão em Mariemont,

17 de Abril 1916, anotada por Lady Lodge

Faziam música na sala de visitas. Alec e as meninas cantavam ao piano. Woodie, Honor e eu estávamos sentadas no extremo da sala; Lionel, na cadeira grande.

Era dia de reunião da Sociedade Shakespeariana, cujos membros àquela hora tomavam café na sala de jantar, com meu marido. Woodie teve intuição de que Raymond estava na sala e queria ouvi-las cantar, mas Honor foi de parecer que era muito tarde para recorrermos à mesinha, visto termos de ir logo para a sala de jantar.

Não obstante, puxei a mesa para perto do piano e fiz que Honor a ocupasse; assim que ela apoiou as mãos, a mesinha agitou-se. Também apus as minhas mãos.

Perguntamos se Raymond estava presente e se estivera esperando; a resposta foi:

SIM.

A mesinha parecia desejar música e marcava compasso. Depois de cantado uma canção da predileção de Raymond ela aplaudiu muito distinta e vigorosamente.

Lionel veio sentar-se connosco, penso que a pedido de Raymond. A mesa parecia determinada a encostar-se ao piano, embora achássemos melhor afastá-la, o que fizemos. Mas insistiu naquilo e em compasso com a música foi bater em Barbie, que estava ao piano. Alec tomou uma almofada de cetim preto e colocou-a como amortecedor. A mesa insistiu em bater e fez um pequeno furo na almofada.

Depois desviou-se, de modo a ficar fora do tapete; e lá, por um minuto ou dois bateu no assoalho. Parecia apalpar com um dos pés (tinha três).

Deslizando até um canto da sala, firmou um dos pés no ressalto do rodapé, umas 6 polegadas acima do assoalho; em seguida ergueu no ar à mesma altura os outros dois; repetiu isso muitas vezes, como que deleitada com a nova brincadeira.

Depois deitou-se no chão; perguntada se queria que a erguêssemos, a resposta foi um

NÃO. batido no assoalho. Tentou várias vezes levantar-se por si mesma, mas sem encontrar forças para tanto. Chegou a erguer-se palmo e meio. Perguntada novamente se queria que a puséssemos de pé, respondeu outra vez:

NÃO.

Lionel falou:

Lionel – Bem, Pat, minha mão está num jeito muito incómodo; não acha melhor que levantemos a mesa?

Houve três pancadas, sinal de

SIM.

E erguemos a mesa. Eu disse então:

Lady Lodge – Raymond, quero propor uma questão teste: Qual a esfera em que você está vivendo?

(Perguntei-o porque através de Sr.ª. Leonard, outros haviam dito estarem vivendo na terceira esfera, chamada "Summerland", e julguei que fosse coisa da cabeça da médium. Não gosto muito de mensagens que falam em "esferas"; não sei se significam alguma coisa; presumo que "esfera" quer dizer condição, ou estado de desenvolvimento).

Consultamos a mesa e a resposta veio imediatamente:

SUMMERRLODGE

Depois do segundo R perguntamos se não tinha havido algum engano; e fizemos igual pergunta quando em vez do A esperado (da palavra SUMMERLAND) apareceu um O.

A resposta foi que estava certo.

A sessão continuou, embora eu deixasse de acompanhá-la por convencer-me de que havia erro.

Mas a minha surpresa foi grande quando o anotador leu o que havia escrito, isto é, SUMMER, R. LODGE, Raymond havia aposto a sua assinatura à palavra SUMMER, para mostrar, suponho, que a declaração era sua e não vinha de Feda, como imaginávamos.

(Lorna conta que a impressão que tiveram foi de que Raymond sabia que eles esperavam uma coisa, e divertiu-se em vir com outra. Todos regalaram-se com a brincadeira – e a mesinha sacudiu-se como tomada de riso).

Advertência

Acho conveniente dar aos que se julgam possuidores de forte poder próprio o conselho de moderarem-se em seu uso. Tudo que é poder está sujeito a abuso e até a simples faculdade da escrita automática pode, com as melhores intenções, ser mal aplicada. Autodomínio é coisa mais importante do que qualquer outra forma de controlo, e quem quer que possua a faculdade de receber comunicações deve manter-se dono da situação. Afastar-se do discernimento próprio e ficar na dependência de ajuda adventícia constitui grave erro, suscetível de consequências desastrosas. Moderação e bom senso tornam-se imprescindíveis aos que procuram utilizar-se de forças que não sabem, nem ninguém sabe ao certo o que sejam. A absorção num trabalho do mundo constitui a melhor salvaguarda.

Capítulo XVI

Mais matéria inverificável

Em outras sessões apareceram, trazidos pela mão de Raymond, vários amigos mortos, constituindo isso notável evidência, tanto para nós como para outras pessoas – em certos casos aos pais, noutros às viúvas. Publicamos adiante algo do ocorrido.

Antes, porém, quero citar o relato da estranha e impressionante sessão de Lady Lodge com Sr.ª. Leonard, realizada a 4 de fevereiro de 1916. Devo dizer que houve divergência quanto à oportunidade da publicação desta matéria – e ponho sobre mim a responsabilidade de decisão a favor.

SESSÃO DE LADY LODGE COM A SR.ª LEONARD EM CASA DELA

4 de Fevereiro de 1916

Feda – Oh, é Miss Olive!

Lady Lodge – Muito prazer em conhecê-la, Feda!

Feda – Feda adora-a e ao Soliver mais que a todos. Também quer muito ao SLionel e ao SAlec. Raymond está aqui. Tem andado por todo o lado, de médium em médium com o Paulie, a tentar pôr pobres rapazes em contacto com as suas mães. Alguns têm ciumes daqueles que o conseguiram. Esses procuram chegar às suas mães e não conseguem – estão trancados. Vê-los é coisa que me dá vontade de chorar. Explicamos que as suas mães e pais nada sabem a respeito da comunicação. Eles dizem, porque não vão todos consultar médiuns?

O Yaymond diz que também o deixa a interrogar-se. Ele diz, ele estava a dizer à Feda, o quão tremendamente engraçado eram as coisas que alguns faziam -- tem o seu lado engraçado, ir consultar médiuns. O Paul e ele não conseguem evitar fazer piada; eles próprios são rapazes, e riem das coisas engraçadas.

Ele diz que esteve a dar atenção ao Paul, enquanto ele descrevia a sala de estar lá de casa. (Uma boa descrição foi então feita da sala de estar em Mariemont, que a médium nunca tinha visto.)

Feda vê flores; elas são da Feda e não da Glady. (Lady Lodge tinha levado flores para a Sr.ª Leonard.)

Lady Lodge – Então não tem flores?

Tenho, montes delas. Mas a Feda gosta de as ter na sala da Glady. (Aparentemente esse deve ser o nome da Sr. Leonard.)

A oração encerra muita coisa. A oração mantém as coisas más afastadas, e mantém boas condições de limpeza. O Raymond diz que afasta os demónios.

Mãe, não quero tratar de coisas materiais, mas somente a fim de conter a ansiedade. Tentei chegar mais perto, mas havia um bando em torno de mim. Estávamos todos lá.

Lady Lodge – Os Zepelins voltaram na noite de segunda-feira, mas não nos tocaram. (Fomos para a cama e não nos importamos com eles.)

Ele diz que operaram em círculo, a este e a sul de vós. Medonho! Ele esperava que os não importunasse; não quis que se aproximassem demais. Sei que não está nervosa, mas receio por vós. Se ele não tivesse estado no plano terreno, ele teria voado para o lar. Ele diz que New Street foi o alvo.

Alguém chamado M. enviou-lhe uma mensagem por intermédio da Sr.ª F. (?) e queria que fosse entregue ao querido amado. Ela precisou estar longe do plano da terra por algum tempo, mas com efeito ele viu a M. diversas vezes. As condições de guerra trouxeram-na de volta. Ela progrediu bastante. Questiona-se se terá percebido que não foi por vontade sua que o deixou durante tanto tempo, mas o

progresso. Ela pertence a um plano elevado. A senhora M. soube algo acerca disso antes de ela passar, embora porventura facilite mais estar sempre em comunicação.

(Alguns amigos saberão a quem se destina isto -- uma grande amiga nossa e muitas outras crianças. Ela teve uma sessão com a Sr.ª Piper em Mariemont, mas não muito proveitosa. OJL)

A vida dela no plano terreno facilitou-lhe um avanço rápido após a passagem.

(feda fala em voz baixa -- Que é que dizes?)

A M. diz que vai surgir um teste, que ela esteve com o pai numa médium, onde viu uma guia chamada Alice Anne, uma pequena que servia de guia; ela não falou a Soliver, mas esteve com ele na médium. "A velha senhora Escocesa" como o Paulie lhe chama.

(Correcto em relação a uma sessão que tive com Missa McCreadie, onde essa M. enviou de forma inequívoca mensagens por intermédio da guia habitual da Miss MacCreadie -- OJL.)

Inserir o resto da página 268

Raymond falou da vez em que foi directo a uma esfera muito elevada, a mais celestial possível. A irmã dele, diz ele, não consegue identifica-la. (Refere-se a Lily, provavelmente). Diz que William também foi até muito longe, mas não tão longe a ponto de chegar até ele. (Irmão de Raymond).

Os que amam alguém nunca vão demasiado longe de onde não possam voltar à pessoa – demasiado longe para estabelecer comunicação e de onde não possam vir ao seu encontro por ocasião da sua passagem.

Lady Lodge – É um consolo saber disso, querido. Por mim, não quero retê-lo.

Feda – Gravitamos aqui para junto dos seres que amamos. Aos não amados, se os encontramos na rua, não lhes damos nem uma saudação.

Lady Lodge – Então há ruas aí?

Feda – Sim. Raymond gostou de ver ruas e casas.

Certa vez pensei que podiam ser criações do nosso pensamento. Todos gravitam para um lugar para que estão preparados. Mãe, não existe nenhum juiz nem júri – simplesmente gravitamos, semelhante para o semelhante.

Tenho visto chegar rapazes cheios de más ideias e vícios. Vão para um lugar em que me sinto afortunado por não ter tido que ir – mas não é propriamente o inferno. Mais se parece com um reformatório -- um lugar onde lhes é dada uma oportunidade, e assim que almejarem algo melhor, têm oportunidade de o conseguir. Eles gravitam juntos, mas ficam entediados... Aprenda a ajudar a si

própria e imediatamente será ajudada. Muito semelhante ao vosso mundo; só não há deslealdade nem injustiça -- uma lei comum age para com todos e cada um.

Lady Lodge – São todos iguais na posição e na qualidade?

Feda – A posição não é virtude. A alta posição decorre da vida virtuosa. Os que tiverem sido virtuosos têm que passar pelas posições mais baixas a fim de compreender as coisas. E vão para o astral, durante algum tempo.

Raymond não se lembra de ter estado no astral. Ele pensa que onde está agora seja a terceira esfera. O Paraíso – ou Lar, conforme chamam alguns. É um ambiente muito feliz. Os que ascenderam mais acima vêm lá visitar-vos. É suficientemente perto do plano da terra para serem capazes de chegar aos da terra. Ele pensa que lá têm do que há de melhor, na medida do que consegue ver.

Mãe, eu fui a um lugar maravilhoso outro dia.

Lady Lodge – Onde?

Feda – Sabe Deus! Foi-me permitido ver o que se passa na Esfera Suprema. Geralmente são os Espíritos Elevados que vêm até nós. Ah, eu queria poder dizer o aspecto daquilo!

[Até que o facto da sobrevivência esteja plenamente estabelecido, é considerado impróprio relatar experiências que podem provir da imaginação, num livro como este, adstrito à coleta de provas. Por esse motivo suprimo a descrição dada por Feda. Mas acho-me no dever de citar a parte que se refere aos sentimentos dos dois, porque de outro modo o quadro pareceria incompleto, unilateral – e frívolo].

Senti-me exaltado, purificado, levantado. Ajoelhei-me. Não pude manter-me de pé, tive vontade de me ajoelhar. Mãe, eu vibro de excitação da cabeça aos pés. Ele não se aproximou mais e eu não senti ser precisar aproximar-me mais dele. Não sinto que deva. A VOZ era como a de um sino. Não posso dizer como estava vestido. Tudo parecia uma mistura de cores brilhantes.

Não adianta; conseguirá imaginar o que senti quando sobre mim ele pôs aqueles belos raios? Não sei o que fiz para receber tão maravilhosa experiência. Nunca a imaginei possível, nem em séculos. Ninguém poderia imaginar aquilo que senti, nem eu consigo explicá-lo.

Eles entender-me-ão?

Sei que a mãe e o pai me entenderão, mas queria que os outros tentassem. Não posso traduzi-lo por palavras.

Não me desloquei, tinha de ser levado ao Paraíso; não sei o que me aconteceu. Se pudesse desmaiar de deleite! Não são bonitas palavras?

Indaguei se Cristo virá a ser contemplado por todos e responderam-me: "Não da mesma forma como tu o viste." Disseram-me que Cristo está sempre na terra, em espírito – numa espécie de projeção, algo semelhante àqueles raios, alguma coisa dele em cada um.

Pensam que ele seja *um* Espírito que reside num certo lugar. Cristo está em toda a parte, porém, não como personalidade. Há um Cristo, e Ele vive no plano mais elevado – que foi o que me permitiram ver.

Foi-me dado mais nesta formosa mensagem; não consigo lembrar-me de tudo. Ele disse tudo, quase palavra por palavra, do que vos transmiti. Disto podem ver que tenho uma missão a realizar junto do plano da terra...

Deverei dizer-lhes que me sinto feliz que essa seja a minha tarefa, designada pela Autoridade mais Elevada de todas!

Lady Lodge – Se pudéssemos ser dignos!

Feda – Os dois estão a fazer tudo quanto podem.

Lady Lodge – Vou tratar de amar mais do que até aqui.

Feda – Aprendi aqui que nem todos lhe servem. Se não com base na afinidade, que se vão; esteja com os de quem gosta.

Mãe, pensarão eles que me estou a gabar ou a inventar? É de tal modo admirável! Serão eles capazes de entender que foi o Raymond quem passou por isso? Não se trata de nenhuma prédica de catequese.

Eu entesourei-o para vo-lo dar aqui esta noite. Adiei-o por ignorar se poderia transmiti-lo nas palavras exactas que os levassem a sentir o que sinto -- ou algo similar. Não será um conforto? Você e o pai pensem bem no caso. Não pedi trabalho só para me manter perto do plano terreno! Pensei que as coisas se endireitariam. Mas pense que me foi dado o trabalho pelo qual eu rezara!

Lady Lodge – Então está mais perto?

Feda – Muito mais! Estava destinado a ser levado (?). Belo só pensar! Posso agora *sinceramente* permanecer próximo ao plano terreno. Eventualmente, em vez de ir por graus, posso, como foi prometido à Feda, dar um salto. E quando a mãe e o pai vierem para aqui, a mãe ficará de um lado e o pai do outro. Permaneceremos uns tempos no Paraíso até só para que se habituem às condições. Ele diz que com toda a probabilidade quererão que mantenhamos um olho nos outros. Refere-se aos irmãos e irmãs. Não posso dizer o quão satisfeito me sinto – "satisfeito" é uma bem pobre palavra!"

Lady Lodge – A propósito do que, meu querido?

Feda – A propósito de estar bem perto do plano terreno. Pressionei-me a acomodar-me às condições daqui, mas senti-me intimidado quando fui levado à Sua presença.

Como poderão as pessoas...

Levou-me a querer, naqueles poucos segundos, ser capaz de pensar em qualquer coisa, que eu tinha levado uma das mais puras vidas imagináveis. Se houvesse alguma coisa que eu tivesse feito, isso haveria de se erguer qual montanha. Não tive muito tempo para pensar, mas senti-o nesses poucos segundos...

Quando voltei ao Paraíso senti que estava *carregado* de alguma coisa – algum maravilhoso poder. Como se eu pudesse deter rios, mover montanhas – e tão maravilhosamente alegre!

Ele diz: Não se incomode a ponto de gostar de pessoas por quem sente antipatia, porque é perder tempo. Conserve o amor para os que dele precisam, não o desperdice com os que dele não precisam. Será o mesmo que dar comida aos refartos quando tem famintos ao redor.

Saiba que de alguma forma sinto as minhas ideias se alteram. Sinto-me mais naturalmente em sintonia com condições muito afastadas do plano terreno; não obstante, gosto de sair com Paul e divertir-me.

Depois da minha admirável experiência perguntei se não seria uma estupidez divertir-me e andar com alguém. Responderam-me que se tivermos um trabalho a realizar na terra não devemos ver só o lado escuro mas igualmente o lado claro – sol e sombra. Lançamos o outro ao ar, que isso melhor nos habilita a avaliar o valor de cada. Há lugares na minha esfera em que eles podem ouvir bela música, sempre que querem. Mas nem todos, mesmo aqui, dão valor à de música – de modo que na minha esfera não é compulsória.

Ele gosta de música e de cantar, mas não gosta de viver sempre mergulhado nisso; pode ouvi-la quando quer, e aprecia mais a música do que costumava.

O senhor Myers ficou muito contente. Diz que nem sempre é o sacerdote o que chega mais alto, primeiro. Não é o que professamos que vale, mas o que fazemos. Se não tivermos acreditado em definitivo na vida depois da morte mas se tivermos levado um viver honesto, nada mais nos será pedido. Se pensar no quão simples é, poderá pensar que todos o tenham conseguido, mas poucos o fazem.

Neste nosso lado esperamos que em poucos anos as condições das pessoas na terra venham a fazer grande diferença.

Em cinco anos muitos mais quererão saber sobre a vida no além e como poderão viver na terra para que tenham uma vida feliz depois da passagem. Ainda que por simples precaução, procurarão melhorar de vida. Mas quanto souberem, as gentes de posição continuarão na mesma.

Lady Lodge – Vês-me a ler a sessão ao teu pai?

Vou fazer com que o pai deixe de se sentir cansado, com a ajuda do fulano da pena vermelha. Não é formidável que eu possa estar perto de si e do pai?

Alguns perguntam-me se me preocupo com o corpo que deixei. Respondo que não penso nisso; não sinto o menor interesse pelo meu corpo antigo. É como roupa já fora de uso – outro que a aproveite. Não quero flores sobre o meu corpo. Quero-as em casa – na casa de Raymond.

Lady Lodge – Poderá ele dizer-me que tipo de flores lhe pus por altura do aniversário?

(Feda, em voz baixa -- Tenta dizer à feda.)

Não parece ser capaz de o dizer. Creio que ele não soube. Não o consigo fazer passar.

Não pense que as não apreciei. Ele vê algum amarelo e algum branco.

Ele crê que seja algum poder que recolhe da médium que o leva a um certo de visão física. Ele não consegue ver propriamente.

Lady Lodge – Poderá ele dizer-me onde eu obtive as flores do aniversário dele?

(Feda, em voz baixa. -- As flores agora não crescem. Faz inverno aqui!)

Estão, sim. Crê que tenham vindo de casa.

(Feda, em voz baixa. -- Tenta e diz-me alguma coisa.)

Ele quer dizer que tenham vindo do jardim dele.

(Vieram sim. Tratou-se de um jasmim amarelo, cortado do jardim de Mariemont. -- Lady Lodge.)

O Paul ficou preocupado por a médium falar como um livro. O Paul chama à Feda diabinho. Por vezes o Raymond chama à feda 'ilustre'. Penso que o Yaymond está a rir! Sempre a fingir que a Feda seja muito pequena, e que eles perderam a Feda, com medo de a calcar, mas a feda por vezes belisca-os, fingindo que pisaram nela.

Lady Lodge – A feda não se sente cansada?

Não.

Lady Lodge – Penso que o Raymond se deve sentir.

Bem, a força está a acabar.

Lady Lodge – Seja como for, preciso ir. Algum dos teus irmãos deverá cá vir em breve.

Não quero arautos nem floreios de trombetas, que venham e vejam o que lhes posso transmitir.

Lady Lodge – (A esta altura disse algo acerca de mim própria, que esqueci; Creio que estaria relacionado com ser orgulhosa.)

Se eu vir alguns sinais pegar-te-ei na mão de imediato; será cortado pela raíz!

Lady Lodge – Dormis, aí?

Bem, eu cochilo.

Lady Lodge – E vocês têm chuva?

Bem, pode-se ir a um lugar onde chova.

Lady Lodge – Sabes que o teu pai está a reunir todas as sessões num livro?

Será interessante observar como vou mudando à medida que o tempo correr. Boa noite.

Nota de O.J.L.

Cumpre-me relembrar que tudo isto, embora falado na primeira pessoa, realmente nos chega através de Feda; e embora o estilo e a gramática de Feda hajam melhorado, os devidos descontos precisam ser feitos.

Capítulo XVII

DUAS SESSÕES BASTANTE *COMPROVATIVAS*

Na manhã de 3 de Março tive em casa de Sr.ª. Kennedy uma sessão com a Sr.ª Cregg, senhora idosa cuja particularidade é permitir o controlo directo do comunicante muito mais prontamente do que o habitual com os médiuns.

Por duas ou três vezes a Sr.ª Kennedy recebera a Sr.ª Cregg em sua casa, e Paul, seu filho, pôde verificar que a controlava com extrema facilidade, falando por meio dos seus órgãos vocais, embora d forma espasmódica e irregular. E a Sr.ª Kennedy gentilmente combinou uma sessão comigo.

Essa sessão começou com súbita clarividência, de todo inesperada. Foi uma sessão genuína e digna de parcial menção, sobretudo pela referência a ela feita na noite desse mesmo dia, através de outra médium; facultando assim uma correspondência cruzada excepcionalmente clara.

SESSÃO ANÓNIMA DE O.J.L. COM A SR.ª CREGG

Às 11:15 de sexta-feira, 3 de Março de 1916, cheguei à casa da Sr.ª Kennedy e com ela fiquei a conversar até perto das 11:30, quando a Sr.ª Cregg apareceu.

A Sr.ª Cregg entrou na sala enquanto eu contemplava o fogo, e dirigindo-se à Sr.ª Kennedy e disse: "Ah, é este o senhor com quem vou participar na sessão? Foi-lhe

indicado um assento próximo ao fogo e a dona da casa disse-lhe que repousasse por um momento da caminhada que tinha feito de ônibus. Ela, entretanto, logo que se sentou, advertiu: “Esta sala está cheia de gente, e ah, como alguém se mostra ansioso por se manifestar! Ouço dizer: “Sir Oliver Lodge.” Conhecem alguém com esse nome?”

Respondi que sim, que eu conhecia.

A Sr.ª Kennedy levantou-se para atenuar a luz; a Sr.ª Cregg prosseguiu: “Quem é Raymond, Raymond, Raymond? Está de pé junto a mim.”

Evidentemente ela estava entrando em transe, de modo que afastamos da lareira os nossos assentos e preparamo-nos.

Por algum tempo, entretanto, nada sobreveio, salvo as contorções que a sacudiram, numa luta para conseguir voz; a Sr.ª Cregg esfregava as costas, como se alguma dor a incomodasse, e respirava com esforço.

A Sr.ª Kennedy procurou ajudá-la com transmissão de força. Ajoelhou-se-lhe ao lado e acariciou-a. Fiquei à espera.

Suas primeiras palavras foram: “Acudam-me! Onde está o doutor?”

Depois de algum tempo, e graças ao concurso da Sr.ª Kennedy, o controle pareceu firmar-se; e as palavras: “Tão contente, pai; tão contente” foram repetidas várias vezes, em tom indistinto e abafado, seguidas de: “Meu amor para todos.”

Enquanto Raymond falava assim a intervalos, a médium movia-se dum lado para outro, de braços pendurados e cabeça caída, ou então jogada para trás – em atitudes de aleijada ou ferida. De quando em quando parecia fazer esforço para dominar-se, e por uma ou duas vezes traçou as pernas e ficou firme, com os braços mais ou menos cruzados. Na maior parte do tempo oscilava dum lado para outro.

* * *

Na noite desse mesmo dia fui à casa da Sr.ª Leonard, com quem tive uma sessão deveras notável pela revelação do que se passara com a Sr.ª Cregg. O fato merece bastante atenção.

SESSÃO DE O.L. COM A SR.ª LEONARD EM CASA DELA
NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1916

Sem preliminares a relatar. Feda veio rapidamente, sacudiu a cadeira e pareceu muito satisfeita para me encontrar.
(Perguntei se ela tinha visto Raymond recentemente.)
Ah sim, Yaymond está aqui. Ele veio ajudar Feda com a senhora e o cavalheiro na segunda-feira, Feda acha que foi. Não exactamente certa quando. Mas havia uma

senhora e um cavalheiro, e ele veio para ajudar; mas Feda disse: "Vá embora, Yaymond!
"Ele disse, "Não, eu vim para ficar."
Ele não iria embora, e ele ajudou-os a passar com o seu menino.

[A referência aqui é a uma sessão que um colega meu, o Professor e a Sra. Sonnenschein, teve com a Sra. Leonardo, sem que eu soubesse. Soube depois que os arranjos tinham sido feitos por eles de uma forma escrupulosamente anónima, e a correspondência conduzida através de um amigo em Darlington; para que só fossem conhecidos da Sra. Leonard como "uma senhora e um cavalheiro de Darlington."

Eles relataram-me que o seu filho Christopher tinha enviado mensagens boas e comprovativas, e que Raymond aparecera para ajudar. Isso foi bastante apropriado para Raymond se interessar por eles e trazer o seu filho, dado que Christopher Sonnenschein tinha sido um estudante de engenharia com Raymond em Birmingham. Mas não havia razão terrena, no que dizia respeito ao conhecimento da Sra. Leonard, para ele aparecer; e, de facto, Feda começou por lhe dizer 'Vá embora,' até que ele explicou que tinha vindo ajudar. Daí a menção de Raymond, naquelas circunstâncias, ser comprovativo.]

Ele apenas se fez presente uma vez para ajudar para além dessa, e então disse: Não conte à senhora que ele estava a ajudar.
[Ver abaixo.]

Feda – Ele esteve com o Paulie hoje, em casa da mãe. Ele diz que esteve em casa do Paulie, mas não com a Sr.ª Kathie, com uma outra senhora, uma médium, Feda pensa. Ela é mais velha do que esta, uma nova, para ele. Ele queria falar através dessa médium mas achou isso difícil.1 O Paul consegue-o bem, diz ele, mas *ele* acha difícil. Diz que se esforçou mas não se sentia como ele próprio. É terrivelmente estranho tentar o controlo de alguém. Ele tentou-o decididamente e quase o conseguiu. (Em voz baixa -- Que é que dizes, Yaymond?) Ele diz que quase o conseguiu. Refere que quase conseguiu falar. Ah, ele diz, vou tentar de novo, não desistirei. O que o preocupa é não se sentir como ele próprio. Você sabe, pai, eu posso ser qualquer um. Acredita que nisso a prática se traduza pela perfeição?

1 Isso mostra um conhecimento positivo da sessão que de manhã eu tivera com a Sr.ª Cregg.

O. L. – Sim. Estou certo que com prática tudo se tornará mais fácil.

Feda – Oh, nesse caso ele irá praticar dúzias de vezes, se achar que é vale de alguma coisa.

O. L. – Ele gosta da velha senhora?

Feda – Sim, ela é de muito bom tipo.

O. L. – Quem esteve presente na sessão?

[Esta pergunta por si só indica o que é facto, que eu não havia dado qualquer reconhecimento do que Raymond declarara, isto é, que estivera na manhã daquele dia a tentar controlar uma nova médium. Eu queria valer-me do que quer que saísse, sem assistência da minha parte].

Feda – Ele não tem a certeza, por parecer que nem tudo estava em condições apropriadas; foi como estar numa espécie de neblina, nevoeiro. Ele sentiu que controlava a senhora, mas ele não sabia bem onde estava. Ele tinha algo pronto a dizer, e começou a tentar e a dizê-lo, mas pareceu que não sabia onde estava.

[Por vezes a Feda fala na terceira pessoa, outras vezes na primeira].

Por que se debate ela, pai? Eu não quero produzir aquilo, e o facto incomodou-me: pareceu-me estar a faze-la sofrer. O Paul disse-me que ela não achava ser a coisa correcta a fazer! Mas eu queria que não se achasse. Se se conservasse tranquila e me deixasse agir calmamente, seria mais fácil. A Sr.ª Kathie [nome que Feda dá a Sr.ª Kennedy] procura ajudar o mais que pode, mas deixa tudo numa confusão. Era possível que por meio dela eu não conseguisse um *teste* completo, mesmo que a controlasse melhor; precisaria sentir-me bastante à vontade lá, antes de poder obter testes por intermédio dela.

Ele e o Paulie costumavam troçar da velha, mas agora não fazem troça. O Paul consegue controlá-la e Raymond costumava vê-lo. Experimentarei novamente, diz Raymond. Vale a pena experimentar diversas vezes; e depois que me habituar poderei dizer que conseguirei manifestar-me.

Feda tem ideia que o que ele tinha a dizer eram mensagens como as do costume. Trazia-as prontas na cabeça; já compostas, só umas quantas palavras. Paul disse-lhe que era melhor fazer isso (Ah, seria melhor não contar isto à Sr.ª Kathie, por ser uma indelicadeza!) –e depois deitá-las para fora. E foi o que tentou fazer – apenas dizer umas palavras que havia aprendido. Só queria dizer como estava contente de ver o senhor. Queria também falar a respeito da mãe, e falar, se pudesse, a respeito de ter falado com o senhor através de Feda. Coisas simples assim. Tinha de pensar em coisas simples por o Paul o advertir para não tentar qualquer coisa in-trin-cada.

[Feda sempre pronuncia assim as palavras que considera difíceis].

Ele não viu com clareza, mas sentiu. Tinha ideia de que o senhor estava lá, e que a Sr.ª Kathie também, mas sem certeza; estava tudo muito enevoado. A pobre Sr.ª Kathie fez o que pôde. Ele diz "Não altere as condições, caso experimente de novo."

[Isto constitui uma ótima referência aos factos ocorridos com a Sr.ª Clegg pela manhã do mesmo dia. Tudo está perfeitamente representado. E é a melhor coisa acerca dessa sessão, embora ainda tenha muitas outras coisas boas.]

[O incidente seguinte diz respeito a outra gente -- que geralmente eu omito -- mas proponho-me incluir este.]

Com respeito à senhora que tentou ajudar -- a que ele não queria que Feda dissesse quem ele era.

Ele estava a ajudar por intermédio de um homem que se tinha afogado. Essa senhora não acreditava nem tivera nada de espiritual antes. Os guias trouxeram-na a Feda, para que pudesse falar com uma amiga chegada dela. Eu ajudei-o, diz ele, e obtive ambas as iniciais dele por meio dela -- E.A.

O. L. – Eu conheço essa gente?

Conhece, e escreve muito à senhora.

[Recordei posteriormente que tinha mantido uma certa correspondência com uma senhora a quem fora dito na sessão, aparentemente pelo Raymond, que eu conhecia um doutor A. Ela era e ainda é uma estranha, aparte a curiosa introdução.]

O. L. – Será A o sobrenome?

É, do espírito, não da senhora. A senhora não sabe que ele (Raymond) lhe está a dar conta disto. Nem sabe que ele a ajudou. Ele diz, é para teu próprio uso, pai. Foi-lhe dado (a ela) uma nova visão na vida.

O. L. – Não faço ideia de quem possa ser. Podes dizer-me o nome dela?

Feda – Ele colheu para sua mãe algumas rosas vermelhas e quer que o senhor lhe diga isso. Colheu-as no mundo do espírito. “Não vão materializar-se, mas eu as trouxe para mãe. Isto não é um *teste*, pai”.

Posso. É uma senhora que se chama D. (O nome completo foi dado com facilidade, mas sem dúvida conseguido da participante no curso habitual.) E antes ela levava uma vida mundana. Tinha de certa forma um interesse, porém, não muito. Jamais tentou entrar na coisa. Quando veio, achou que lhe liam a sina. Raymond aguardou que ela viesse, e produziu de imediato as condições apropriadas. O indivíduo era um homem simpático, ele gostou dele e quis levá-la a imiscuir-se na coisa. o homem gostava muito dela. Ele diz, eu só posso ajudar de um modo pouco significativo, mas se pudesse dar a volta e ver as pessoas quando estão à beira de aprender alguma coisa! Não as posso ajudar de forma significativa, ainda assim, mesmo aquilo que consigo fazer é importante. Para todos quantos eu trago como essa senhora, haverá uma dúzia que virá disso.

O. L. – (Ainda sem recordar nada sobre essa gente). --

O homem afogou-se?

Ah, não, foi ao fundo num barco; eles praticamente se afundaram juntos.

A senhora não contava com ele -- ela quase caiu quando ele apareceu.

O. L. – Ele tinha parentesco com a senhora?

Não, mas ele tinha sido a coisa mais significativa na vida dela. Ele diz que pareceu que ela sentiu algo, para a levar a escrever-lhe.

O. L. – Contudo, terá o Raymond sabido que ela me tinha escrito?

A feda não sabe. (Em voz baixa: Diz à Feda, Yaymond.)

Acredita em mim, pai, eu na verdade não consigo dizer-lhe como é que tomo conhecimento de certas coisas. Não é através de consulta, mas por vezes obtenho-o tal como um aparelho do Marconi que recebe uma mensagem de algures, e inicialmente não sabe de onde vem. Por vezes procuro tentar descobrir as coisas, e não consigo.

[Percebi aos poucos que este episódio se relacionava com alguém chamado E.A. (desconhecido meu), sobre quem me falaram numa sessão com a Feda na sexta-feira, 28 de Janeiro de 1916, em que o Raymond pareceu querer que eu falasse com o pai de E.A., sobre ele. E numa nota dessa sessão explica-se como recebi uma carta pouco depois de um estranho, uma Sra. D.; que me consultou para informar o Dr. A. do surgimento do filho. Todo o episódio é excelente, mas diz respeito a outras pessoas e, se narrado, deve ser narrado de forma mais completa e noutro lugar.

Basta dizer que o filho se havia perdido em circunstâncias trágicas, e que o pai é impressionado pela natureza singular da evidência que agora lhe foi dada através da senhora uma visita especial à Escócia tendo sido feito por ela para esse fim expresso. Ela não conhecia o pai antes, mas ela encontrou-o e à sua casa conforme descrito; e ele admite os detalhes como surpreendentemente exactos.]

EXTRACTO DE UMA SESSÃO DE OLIVER LODGE COM A SR.ª LEONARD 28 DE JANEIRO DE 1916

Feda – Ele conheceu alguém chamado E., diz Raymond. Ele não sabe quem é, mas interroga-se se o senhor sabe.

O. L. – É uma senhora de idade?

É um homem, diz ele. Ele afogou-se. Ajudei-o como pude, ou pelo menos tentei, diz ele. Ele passou antes do Raymond.

O. L. – Ele afogou-se?

O Raymond não diz isso. O nome dele era E. Era natural da Escócia. Há de conhecer o pai dele.

O Raymond diz, eu tive um motivo isso, pai; não me quero abrir demais, nem dizer pouco. O senhor conheceu o pai de E., e há de encontra-lo de novo; ele vem da Escócia. O Raymond não tem bem a certeza, mas crê que esteja na Escócia presentemente. O nome do pai começa por um A., pelo que o outro é E.A. O navio dele estava em combate. Raymond pensa que se tenham afogado todos. Ele é mais velho que o Raymond. O Raymond diz que ele é bastante moreno. Conhece melhor o pai, não sei que conhecerá o outro. Há alguns anos que conhece o pai, mas não tem muitas oportunidades de se encontrar com ele. Tenho uma ideia que irá ouvir da boca dele em breve. Então será capaz de descarregar isto nele. Eles estão a tentar suscitá-lo, esse encontro com o pai de E.

O. L. – Podia tentar adivinhar o nome, mas talvez seja melhor não o fazer.

Não, não faça. Sabe, nem sempre tenho a certeza dos factos. Sei muito bem como as coisas são, e penso estar amplamente seguro para dizer que seja da Escócia. Ele também fornece um D., mas não é com relação a uma pessoa, mas a um local. Algum local não muito distante, chamado D. segundo ele diz. É perto, não o local, onde ele vive. É 'cercado,' segundo lhe chama, cercado do outro lado pelo L. Na verdade eles jamais souberam como foi a passagem do E. Sabem que se afogou, porém, não como sucedeu.

Ao receber esta mensagem senti que o caso era genuíno e que conhecia um doutor A., precisamente conforme descrito. Também fui gradualmente recordando que ele tinha perdido um filho no mar, embora eu não conhecesse o filho. Mas achei que deveria aguardar por mais detalhes antes de começar a falar no que poderia ser um assunto desagradável ao doutor A.

(fim do extracto de 28 de Janeiro de 1916)

Ultimamente, recebi mais detalhes, conforme narrado acima, e, um mês depois, fui visitar o velho Doutor, depois que o gelo se quebrou por acção da Sra. D. -- que não sem alguma ansiedade fez a viagem especial para esse fim -- e de seguida quase saiu sem tocar no assunto, e verifiquei a descrição do transe da sua casa que a Sra. D. havia recebido e me havia enviado. De facto, todos os factos declarados se revelaram verídicos.

A sessão de 3 de Março, que agora é aqui relatada, e interrompida por esta citação de uma sessão anterior, prosseguiu assim:

Ele levou rosas vermelhas à sua mãe e quer que você lhe conte. Ele levou-lhas provenientes do mundo do espírito, eles não se materializarão, mas eu colhi algumas e levei-lhas. Isto não é um teste, pai.

O. L. - Não. Muito bem, só quer que ela saiba. Eu dir-lhe-ei.

(Uma pequena conversa foi omitida.)

O. L. - Queres dizer alguma coisa sobre as outras duas pessoas que ajudaste na segunda-feira passada, acho eu? [Os Sonnenscheins; ainda somente do conhecimento da Sra. Leonard como uma dama e um cavalheiro de Darlington.]

Não, não há muito a dizer sobre isso, ou sobre eles. Mas ele trouxe-lhes um filho. Ele ficou de lado para não gastar nenhum poder. Ele veio inicialmente para mostrar a Feda que estava tudo bem, e veio lá pelo final para remeter amor.

O. L. -- Porque motivo ajudou ele essa gente particular?

(Eu conhecia o motivo, mas achei adequado perguntar, uma vez que do ponto de vista da médium não havia razão para tanto.)

Ele diz que precisava fazê-lo. Eles têm-se preocupado por saber se o filho sofreu muita dor antes de falecer. Parece ter havido alguma incerteza sobre se ele sofreu ou não. O seu corpo não foi recuperado cedo conforme deveria ter sido. Mas ele não sofreu muito. Ele estava entorpecido, e na verdade não sentia muito. Ele jogou os braços para cima e rolou para baixo de um banco.

[Christopher Sonnenschein foi morto ao cair de uma montanha de neve, e o seu corpo não foi recuperado durante cinco dias.]

O. L. - Você já conhecia essa gente?

Sim. Ele diz que sim. Mas ele não vai dizer a Feda quem eles são.

O. L. - Quererá ele mandar alguma mensagem?

Ele diz que nada mais foi divulgado, excepto que ele está a melhorar muito bem e que estava satisfeito. Você pode dizer-lhes que ele está mais feliz agora. Sim, ele está, desde que ele o influenciou.

(A sessão aqui mencionada, como tendo sido realizada por uma senhora e um senhor na segunda-feira passada, refere-se ao meu colega e à sua esposa e ao seu falecido filho Christopher. A identidade deles foi completamente mascarada pela combinação que fora feita, sem o meu conhecimento. As cartas para as marcações foram enviadas por Darlington para serem remetidas, a fim de encobrir os rastos e eliminar qualquer hipótese da descoberta de uma conexão comigo. Por isso, é interessante que Raymond tenha aparecido para ajudar, porquanto na sua vida normal os dois jovens se conheciam.]

Ele tem tentado ajudá-lo desde que o viu aqui da última vez. Ele pensava que você sabia que ele estava a ajudá-lo. Ele esforçou-se muito. Ele diz, eu ajudei-o de uma maneira tão engraçada. Cheguei perto de si e senti uma vontade enorme de o ajudar e de evitar que você se cansasse. Ele estava concentrado na parte de trás da sua cabeça, e meio que a dizer a ele próprio, e a impressionar o pensamento na sua direção:

"Está a chegar-lhe fácil, você não vai cansar-se, o cérebro vai ser muito receptivo, tudo vai fluir facilmente através dele em ordem." Eu sinto que o digo a toda a hora, e chego tão perto que quase me inclino sobre si. Para meu grande deleite, eu vi-o sentar-se uma vez e ouvi-o dizer:

"Ah, óptimo." E já foi há algum tempo atrás.

O. L. - Às vezes falo para a tua fotografia.

Sim. Eu posso falar consigo sem fotografia nenhuma! Estou frequentemente junto a si, muito frequentemente.

Ele está a levar a Feda a uma sala que tem uma secretária; grande demais para uma secretária, deve ser uma mesa. Uma espécie de secretária, só que em tamanho grande. Tem uma cadeira em frente dela, não uma cadeira assim, uma cadeira alta, mais de madeira, não de lã; e a luz incide sobre a mesa; e você encontra-se lá sentado com uma caneta ou lápis na mão; você escreve muito, mas observa a escrita e faz pedaços anotações nela; você não está a fazer a escrita toda, mas apenas partes dela. O Raymond está atrás de si; ele não está a observar o que você está a fazer. (A descrição está correta.)
Ele achou que o senhor estava muito cansado da última vez em que veio aqui. Sabe que o senhor por vezes se cansa. Ele tem vindo a querer dizer-lhe: "Deixe ficar parte disso.".

O. L. – Mas há muito que fazer.

Feda – Sim, ele sabe que não é fácil abandonar o trabalho. "Mas seria melhor, no final das contas, que você se aliviasse um pouco, pai. Está a trabalhar muito. Bem sabe que estou a ansiar pelo dia em que venha ter comigo aqui. Há de ser um dia esplêndido para mim. Mas não devo ser egoísta. Tenho de tratar de o conservar aí, o que me não é fácil."

Ele diz que muitos aqui falam, e dizem que o senhor está a fazer o mais admirável trabalho da sua vida, agora na guerra. As gentes estão prontas para dar ouvidos, agora. Tinham muita coisa em que pensar, mas agora começam a ver que a grande coisa é pensar na outra vida. Quero que saiba, que quando cheguei me pareceu injusto que quantidades de criaturas viessem para cá no auge da vida.

Mas agora ele vê que, para cada moço que vem, dúzias de criaturas no plano terreno abrem os olhos e querem saber para onde eles foram. Querem de imediato saber e começam a obter conhecimento. Antes, muitos nunca haviam pensado seriamente.

"Ele deve ter ido para qualquer parte," dizem, "era tão cheio de vida; como poderemos descobri-lo?" E assim vejo que por meio disso as gentes vão descobrir, e não só para si próprios, como igualmente para muitos outros – e a onda crescerá.

Ele quer dizer ao senhor que o Sr. Myers acha que dentro de dez anos o mundo estará mudado. Ele diz que cerca de cinquenta por cento do mundo civilizado se tornará espiritualista ou em vias de nisso se tornar.

O. L – Quinze por cento?

Feda – Ele disse cinquenta.

"Eu não posso avaliar isso," diz o Raymond, mas ele não é o único que pensa dessa forma. Ele diz, "Concebi uma espécie de teoria, de um modo grosseiro: a de que a terra se fez um tal de viveiro de materialismo e egoísmo, que o homem de novo precisa expiar com o sacrifício da humanidade no auge da sua vida física. De modo que, através dessa anulação primordial nesse auge traga para a terra condições mais espirituais, que destruam o mal do materialismo." Ele diz que não é assim como eu reproduzi, mas eu esqueci como era para dizer.

O. L. – Bem, Raymond. O Sr. Myers enviou-me uma mensagem a dizer que tinhas uns testes preparados para te submeter, e que eu devia proporcionar-te a oportunidade de os apresentares.

Feda – Ah, sim, diz ele. Mas não posso entender nada acerca dos "Argonautas"; isso parece ser o pior de tudo.

Ele está a mostrar à Feda uma coisa que parece uma casinha de lona. Sim, deve ser uma casa de lona. E parece estar em campo aberto – um largo espaço. Sim – não... não se vê muito verde. Há na casinha uma porta, assim... (faz um gesto cujo significado não conseguimos apanhar). A lona é como pardacenta, de cor muito leve, não completamente branca. Oh, sim, Feda percebe som de água não longe do local – a murmurar, a murmurar. Feda vê um rapaz que não é Raymond; que se encontra meio deitado, meio sentado, à porta da tenda e sem casaco; com uma espécie de camisa; e está espichado. O terreno é de cor parda, e não de belo verde; cor de areia, sim. Olhando, Feda vê o terreno acentuadamente elevado ao fundo. Parece que foi levado a erguer-se. Mostra-se como se estivesse em alguma fotografia ou imagem. Feda fica a pensar nisso. A tenda tem uma forma curiosa, não arredondada, assimétrica. Precisava ver uma imagem como essa. A porta, que não é propriamente porta, por flutuar. Você precisa poder ver um quadro assim. (Ver as fotografias publicadas.)

O. L. -- Tem que ver com os Argonautas?

Não.

O. L. -- Ah, não é Coniston então?

Não.

O. L. -- É à beira-mar?

Perto da água, diz ele; ele não falou em mar.

Não, ele não diz isso; ele diz, perto da água. Parece ser quente, lá.

O. L. -- Os meninos saberão?

Você em breve vai saber isso, diz ele.

Feda sente que há duas ou três pessoas ao redor da tenda.

O. L. – É formada por um só cómodo?

Feda – Ele não disse isso. Ia dizer, mas parou para pensar. Não, não penso que houvesse só um; estava dividida.

Agora está a mostrar alguma coisa por cima disso. Está a mostrar um iate à Feda, um barco de velas brancas. Agora está de volta à tenda outra vez. A elevação da terra encontra-se por trás da tenda, com altos e baixos.

[A descrição não pôde ser inteiramente anotada, mas dá a impressão de uma colina de altura variável, por detrás de um espaço aberto e com uma tenda na frente, a sugerir bem essa foto.]

Mapas? O quê? Mapas, mapas, diz ele. Está a dizer algo acerca de mapas Alguma coisa que é do conhecimento dos rapazes. Pergunte-lhes.

O. L. – E esse iate com velas? Chegou a navegar?

Feda – Não. (*em voz baixa*): Ah, Raymond, não seja tolo!) Ele diz que não. (Feda: Mas tem que ser!). Ele está a mostrar uma terra que se ergue de um lado. Não é água, mas o iate tem velas brancas.

O. L. – Correu bem?

Feda – Ele diz que não andou! Está rindo! Disse um "não andou" gritado. Feda devia dizer: "Ele acentuou o não". Isso é para os rapazes.

O. L. – Os rapazes tinham alguma coisa que ver com isso?

Feda – Sim; eles sabem; eles entenderão. Sim, ele continua a mostrar uma coisa como embarcação – um iate, como diz, um iate.

[Tudo isso sobre a tenda e o iate parece-me excelente, embora não fosse coisa de mim desconhecida. A descrição do cenário mostra muito claro que se refere às

areias de Woolacombe, para onde a família costumava ir durante o estio – um largo plaino de areia com elevação do terreno ao fundo, como Feda descreveu; e tendas armadas na areia, uma delas erigida pelos rapazes. Era uma tenda sobre rodas, com dois cômodos e porta dupla, usada para banho dos meninos e das meninas. De forma oblonga, como uma casinha. Certa noite o vento carregou-a para longe, despedaçada. Pela manhã vimos-lhe da janela os destroços. Os rapazes reuniram os pedaços e com eles fizeram uma tenda menor, dessa vez de um só cômodo. Ficou um pouco fora do prumo. Da descrição de Feda notei que havia vacilação na mente de Raymond quanto a falar da primeira ou da segunda tenda.

O bote-de-areia foi uma engenhoca que os rapazes construíram em Mariemont e levaram para Woolacombe. Uma plataforma estreita, ou prancha sobre rodas, com velas e leme. A princípio, quando as velas eram pequenas, só caminhava com um passageiro de pouco peso e em dia de vento forte. Numa segunda estação eles tornaram-se mais ambiciosos e armaram velas mais amplas – e creio que então vogaram melhor na areia. A coisa acabou certa ocasião de ventania, em que o iate levava três passageiros; o mastro foi destruído. Os rapazes revelaram engenho naquela construção, sobretudo Raymond, que sempre fora amigo de construções. O iate falhou aos planos sobretudo por causa do tamanho das rodas, muito pequenas; de modo que o "NÃO ANDOU" de Raymond a Feda pode ser aceito].

Feda – Ele não sabe se produziu o que se possa chamar propriamente um teste. O senhor poderá aceitar como teste, diz ele rindo, a informação a respeito da velha.

O. L. – A informação do começo? (Sr.ª Clegg).

Feda – Sim.

O. L. – Foi bom teste, não há dúvida. Lembra-se, Raymond, de William, o nosso jardineiro?

Feda – Sim. Feda não apreende o que ele diz, mas é qualquer coisa a respeito de

William ter vindo (*à meia voz*): Explique a Feda o que você quer dizer.

O. L. – Quererá dizer que William está aí?

Feda – Ele não se explica com clareza. Feda tem ideia de que quer dizer que o homem está vindo, está vindo para aqui; mas quando Feda pergunta: Breve? ele sacode a cabeça, como aborrecido.

O. L. – Se o encontrar talvez possa ajudá-lo.

Feda – Sem dúvida que o ajudará. Mas não o encontrou ainda. Não o viu ainda.

[O jardineiro William havia falecido uma semana antes da sessão e o que Raymond disse a Feda mostra o conhecimento ou a eminência desse fato].

É difícil a situação quando pessoas se aproximam e dizem ter conhecido nosso pai e nossa mãe; a gente fica sem saber o que dizer-lhes.

O. L. – Sim, deve ser incômodo. Lembra-se ele duma ave do nosso jardim?

Feda – Sim. (*à meia voz*): Saltitando por lá?

O. L. – Não, Feda. Uma ave grande.

Feda – Certo que não era pardal, ele diz. Sim, lembra-se. (*à meia voz*): Saltitava, Raymond? Não; ele diz que não se podia chamar àquilo saltitar.

O. L. – Bem, vou falar de outra coisa agora, não quero aborrecê-lo com aves. Pergunte-lhe se se lembra de Mr. Jackson.

Feda – Sim. Andando, andando, diz ele. Costumava chegar até à porta. (*à meia voz*): Compreende o que ele quer dizer? Alguém que chega até à porta!...

Diz que costumava vê-lo todos os dias. (*à meia voz*): Que é que ele fazia, Raymond?

Não responde nada. Não posso entender coisa nenhuma. Ele está pensando. Diz que a culpa é de Feda.

O. L. – Não faz mal. Conte-me tudo que ele disser, ainda que não tenha sentido.

Feda – Ele diz que Mr. Jackson caiu. Está certo disso.

E machucou-se. Raymond constrói a letra T e mostra um portão, um portãozinho – parece que num atalho, não no meio da cidade. Dor nos pés e nas pernas...

O. L. – Era algum amigo da família?

Feda – Não. Diz que não. Raymond dá a Feda a sensação de cair – e ri-se, parece estar brincando.

Jackson era muito conhecido nosso, diz ele; mas continua afirmando que não era amigo. Não se passava dia sem que falassem o seu nome. Raymond está brincando, Feda percebe. Está caçoando de Feda.

O. L. – Não. Conte-me tudo que ele disser.

Feda – Diz que o puseram num pedestal, e que era muito admirado. Parece sem sentido o que ele diz. Feda tem a impressão de que Raymond está confundindo tudo, ora falando de Mr. Jackson, ora da ave. Pouco antes de referir-se a "pedestal" falou em linda ave – e parou. Quer falar de um e fala de outro – mistura Mr. Jackson com a ave.

O. L. – Que absurdo! Talvez esteja cansado.

Feda – Ele diz que não misturou coisa nenhuma! Mas misturou, sim, porque disse "bela ave" quando falava de Mr. Jackson.

O. L. – E o tal pedestal?

Feda – Num pedestal, sim, diz ele.

[Esse episódio de Mr. Jackson e da ave é ótimo, porque Mr. Jackson era o nome dum nosso pavão. Uma semana antes esse pavão tinha morrido, em parte, suponho, por causa do mau tempo. Mas andava reumático das pernas, e quando tentava andar caía. Encontramo-lo morto certa manhã, com o pescoço quebrado. E uma das últimas pessoas que vi em casa, antes de vir para esta sessão, foi o homem que Lady Lodge chamou para empalhá-lo. E lembro-me que mostrava a esse homem o pedestal em que o pavão empalhado devia ser colocado, por ficar bem ali. Assim sendo, a referência ao pedestal, se não partiu de mim telepaticamente, mostra em Raymond um curioso conhecimento do que ocorria lá em casa. E a brincalhona ocultação a Feda da identidade entre o tal Mr. Jackson e o pavão está muito no carácter de Raymond. Feda evidentemente admitiu, ou procurou admitir, que Mr. Jackson fora metaforicamente colocado pela nossa família num pedestal.

O fato de o nome "Mr. Jackson" ter logo sugerido a Raymond a ideia do pavão é *evidencial*, porque na pergunta que fiz tive o cuidado de nada sugerir sobre a identidade do homem e da ave. E era a dualidade o que atrapalhava a pobre Feda.

Errei mencionando a ave em primeiro lugar; mas depois, com as minhas interrupções, experimentei dissociar o nome de Mr. Jackson do que eu perguntara sobre a ave – e Raymond divertiu-se com o qui-pró-quó.

Nas sessões familiares em Mariemont, sem médium, tudo lhe diziam de quanto se passava em casa; mas a morte do pavão e a ideia do pedestal eram muito recentes, de modo que me surpreendi que já estivessem no seu conhecimento. Acho, pois, excepcionalmente importante este episódio].

Feda – Raymond está procurando mostrar a Feda o lado de uma casa, não uma parede; é de vidro. Está levando Feda em torno desses vidros. Sim, quando a gente olha através, vê flores e folhas dentro. Ele costumava ir lá, estar lá, é o que me diz. Vasos vermelhos.

O. L. – Isso tem alguma coisa que ver com Mr. Jackson?

Feda – Raymond sacode a cabeça. Era de lá que sua mãe trazia flores.

Referência à nossa estufa e a mais alguma coisa. As flores de que Raymond fala devem ser os jasmins amarelos que minha mulher colhia nas proximidades da estufa.

E era lá também que o pavão costumava empoleirar-se; mas não pudemos concluir que a referência viesse em continuidade ao caso de Mr. Jackson.

Feda – Sim, ele não está claro agora, Soliver. Regalou-se. Às vezes regala-se tanto que esquece as boas coisas que havia preparado. Posso ficar horas e horas, diz ele. O que o aborrece é quando não pode fazer-se entender e as pessoas pensam que

ele não se lembra. Não é caso de esquecer das coisas, não. Ele não se esquece de nada.

"Pai, lembra-se do que eu disse à minha mãe a propósito do lugar que me foi permitido ver? Que pensa disso?"

O. L. – A família achou que não parecia coisa de Raymond.

Feda – Era o que ele receava.

O. L. – Creio que a família não conhece esse aspecto do Raymond.

Feda – Antes de comunicar isso à sua mãe, Raymond hesitou. E então disse: "Não importa o que pensem agora; depois, mãe e pai saberão. Algum dia saberão de tudo e, pois, que importa agora?"

Ele disse que tinham de estranhar, de considerar coisa não dele. Talvez lhe desconheçam esse seu lado.

O. L. – Não. Entre as coisas deixadas por meu filho encontramos uma Bíblia com trechos marcados, e por aí vimos que tomava a sério essas coisas.

Feda – Sim, diz ele. "Mas eu tinha pejo de revelar esse meu lado. Conservamo-lo para nós mesmos; ocultamo-lo."

O. L. – Isso deve ter sido uma grande experiência.

Feda – "Eu não havia pensado nela, nem esperado – mas foi-me concedida."

O. L. – Já pensou em poder falar através de algum outro médium, não só por meio de

Feda? Pergunto-o porque os rapazes estão pensando que foi Feda quem inventou o que atribuiu a você.

Feda – "Sim, é o que eles pensam."

O. L. – Raymond viu essa pessoa só aquela vez?

Feda – Não, não o vi não senão como contei. "Ele diz, pai, que não vem e não se mistura livremente, aqui e aí e em toda parte, mas que estamos sempre conscientes dele, e o sentimos.

Estamos conscientes da sua presença. Muitos pensam que quando morrem ficam como ele lado a lado – mas não é assim."

Raymond acha impossível dizer mais agora, antes que o possa dizer através de alguém mais. Pode ser que ele seja mal traduzido. "Feda traduz mal às vezes, e por isso eu peço cuidado."

O. L. – Raymond já se manifestou através de outro médium, a algum amigo meu, ultimamente?

[Isto se referia a uma sessão de Mr. Hill com Peters, no mesmo dia].

Feda – Raymond não diz nada a respeito. Não tem muita força e receia errar.

"Adeus, pai. Saudades a todos, meu amor para mãe. Sinto-me mais perto de si do que nunca, e procuro mostrá-lo. Lionel é um querido camarada. Meu amor para todos.

Não esqueça de falar a mãe sobre as rosas que eu lhe trouxe. Não há nada a compreender a respeito disso; quero só que ela saiba que eu lhe trouxe algumas rosas.

Boa noite, pai. Penso sempre em você. Deus o abençoe."

Recomendações de Feda à Sr. Alec.

O. L. – Sim, Feda, dar-lhe-ei. Todos gostamos muito de você. *Oliver Lodge* –

Feda – Sim. Feda o sente e isso a anima e ajuda.

Sr.ª. Leonard voltou a si rapidamente, sem nenhuma perturbação, embora a sessão tivesse sido muito longa. Repito que foi uma experiência muito rica de matéria *evidencial*.

Capítulo XVIII O caso "Honolulu"

Sobrevieram muitos incidentes que podem ser relatados, alguns bastante característicos, outros equivalentes a bons testes. O que vou publicar é na realidade de valor.

Sessões simultâneas em Londres e em Edgbaston

Lionel e Norah foram a Londres a 26 de maio e conseguiram uma sessão de Sr.ª. Leonard, entre 11:55 e 1:30 da tarde.

Mais ou menos a essa hora ocorreu a Alec, que estava em Birmingham, a lembrança de fazer um teste de correspondência psíquica. Deixando o escritório, foi de auto em procura das irmãs, no Lady Mayress's Depôt, onde estavam trabalhando em gazes cirúrgicas, e levou-as a Mariemont para uma rápida sessão de mesinha. Essa sessão durou dez minutos, das 12:10 às 12:20 da tarde. O teste consistia em chamar Raymond e pedir-lhe que se comunicasse com Feda em Londres a propósito da palavra "Honolulu". Todos acharam ótima a ideia.

O relato dessa breve sessão Alec enviou-me em carta que recebi na mesma tarde – e foi por essa carta que vim a saber da experiência. O carimbo do envelope marcava: "I p. m. 26 May 16". Ei-la:

Mariemont, sexta-feira, 28, maio, 12:29 da tarde.

"Honor, Rosalynde e Alec em sessão de mesinha. Sabem que Lionel e Norah estão em sessão com Feda em Londres. Sugerimos a Raymond que saúde Norah e Lionel e induza Feda a anunciar a palavra "Honolulu". Lionel e Norah nada sabem disso, que foi coisa improvisada por Alec depois das 12 de hoje.

(Assinado) Alec M. Lodge Honor G. Lodge

Rosalynde V. Lodge

Uma nota a lápis: "Posto no correio às 12:43; e a tinta: Recebida por mim às 7 da noite. Aberta, lida e classificada imediatamente. O. L."

Os da sessão em Londres nada sabiam da sessão em Mariemont; e coisa nenhuma lhes foi comunicada no momento, ou depois. Nada observando de estranho na sessão, deixaram de escrever imediatamente o relato, o que fizeram uma semana depois do regresso.

As notas então tomadas foram-me transmitidas para que eu as lesse em família. Ao fazê-lo encontrei quase no fim a referência à palavra "Honolulu". O pedido de música pareceu intencional da parte de Raymond a fim de que Feda voltasse a anunciar aquela palavra sem nexo ou significação; e o momento em que isso se deu foi entre 1:10 ou 1:15. Mais nada de interesse foi observado no momento.

Eis as notas da sessão de Londres:

SESSÃO DE LIONEL E NORAH COM A SR.ª LEONARD, EM LONDRES, SEXTA-FEIRA, 26 DE MAIO, 11:55 DA MANHÃ

Extrato das anotações feitas por Lionel Lodge:

Depois de referir-se à irmã casada de Raymond e ao seu esposo. Feda disse subitamente: Como vai Alec?

Lionel – Muito bem.

Feda – Reymond queria saber como ele estava e recomenda-se.

Ele nem sempre percebe quem está na mesa; a uns percebe melhor que a outros.

Sentem-se calmamente uma ou duas vezes por semana, dêem-se as mãos, a direita sobre a esquerda e fiquem assim por dez minutos – com paciência. Ele pode esperar até o dia de juízo.

Diz ele: "Esperem e vejam". Está rindo!

Viu Curly.

L. L. – Curly está aí agora?

Feda – Não; mas vemo-la quando queremos. É uma que se agita e vai... (aqui Feda produz um som de cão que ofega com a língua de fora – uma boa imitação).

(Para Norah) Quer tocar?

Norah – Tocar o quê?

Feda – Música.

Norah – Receio não poder, Raymond.

Feda – (*a meia voz*) Ela pode sim.

Ele quer saber se você pode tocar Hulu – Honolulu.

Então, não quer experimentar? Ele está rolando de tanto rir.

Diz qualquer coisa sobre um iate; refere-se ao teste da tenda e do iate. Os Argonautas!

Raymond retira-se. Saudades a todos de Mariemont.

A sessão prosseguiu ainda por pouco tempo e terminou à 1:30, mas esta anotação pode parar aqui.

NOTA SOBRE O CASO "HONOLULU", POR O. L.

Tenho de insistir sobre o caso "Honolulu":

1) porque valoriza as sessões em família;

2) porque elimina qualquer hipótese de colusão, consciente ou inconsciente, e

3) porque, no conjunto, forma um teste excepcionalmente valioso.

A telepatia não está de todo excluída. As circunstâncias podem sugerir essa explicação, isto é, uma variedade do que frequentemente denominamos telepatia, ou seja, comunicação mental entre agente e percipiente. Porque em Edgbaston estava um grupo de três pessoas sentadas à mesinha e pensando por alguns segundos na palavra "Honolulu"; e em Londres estavam duas diante duma médium observando o que vinha. E na anotação feita surge a palavra "Honolulu". Telepatia, entretanto, seja de que tipo for, não constitui explicação normal; e atrevo-me a dizer que não há do caso nenhuma explicação normal, posta do lado hipótese de coincidência. O convite à música foi forçado ao comunicador, de modo a provocar a palavra "Honolulu"; não ocorreu naturalmente; e ainda que o assunto música houvesse surgido naturalmente, não havia razão para nenhuma especial referência àquela cantiga. O principal que noto no caso é o valor das sessões familiares sem médium, ocasionalmente realizadas em Mariemont. Por meio delas é que Raymond se conservava membro da família, como antes.

NOTA DE O. L. EM CONCLUSÃO DA PARTE 11 EM 1916

O número de provas, mais ou menos convincentes, que até aqui obtivemos é muito grande. Algumas se apresentam de mais força a uns do que a outros; mas tomadas em conjunto parecem, à família, limpas de todas as dúvidas e suspeitas. E cumpre ainda dizer que em parte graças à atividade de Raymond, certa soma de socorro foi dada a outras famílias.

Uma breve seleção de muitos incidentes posteriores vai agora ser publicada como exemplo do que houve depois que a primeira edição deste livro apareceu. *Oliver Lodge – Raymond*

Capítulo XIX

Seleção das mais recentes ocorrências

Depois das primeiras edições desta obra, muitas outras conversas foram naturalmente obtidas, fornecendo matéria para outro volume ainda maior que o primeiro. Acho, porém, que bastará mencionar nesta tiragem uns poucos casos novos, que serão bem recebidos pelos que já assimilaram os fatos principais e sentem interesse por mais detalhes. Começo com as sessões em que pela primeira vez Feda actuou em Mariemont.

Este livro entrou para o prelo em junho de 1916, saindo em novembro desse ano. E como, do ponto de vista da evidência, já não havia nenhuma vantagem em continuarmos tratando Sr.ª. Leonard como desconhecida, convidamo-la a vir passar uns dias connosco em Mariemont. Seria interessante observar a acção de Feda no nosso ambiente caseiro. Sr.ª Leonard chegou a Mariemont a 15 de Julho de 1916 e nesse mesmo dia, à noite, suas faculdades de clarividência se revelaram.

SELECÇÃO SUPLEMENTAR DE INCIDENTES MAIS RECENTES

(A maior parte de 1916 e 1918)

Desde a última narrativa reportada nas edições iniciais deste livro, muitas outras conversas foram entretanto mantidas, com base no que um outro livro de igual volume poderia ser produzido. Mas bastará que eu dê alguns exemplos que possam ser acolhidos por aqueles que tiverem assimilado os factos principais e se interessem por mais detalhes. Começo, pois, por algumas sessões tidas com a Feda, pela primeira vez em Mariemont, cuja história passo a narrar:

Este livro foi para a prensa em Junho de 1916, e foi publicado em Novembro do mesmo ano. Consequentemente, como não havia mais nenhuma vantagem evidencial em tratar a Sr.ª Leonard como uma estranha, e como seria interessante ver o que Feda diria quando introduzida no velho lar do Raymond, a família convidou a Sr.ª Leonard para passar alguns dias em Mariemont. Ela chegou no Sábado, 15 de Julho de 1916, e durante a noite pareceu que a capacidade clarividente dela a habilitou a receber certas impressões. O que se segue é o meu registo contemporâneo daquilo que ela me disse.

PRIMEIRA NOITE DE SR.ª LEONARD EM MARIEMONT

SÁBADO, 15 DE JULHO DE 1916

A Sr.ª Leonard foi acomodada no Quarto Branco. Enquanto ainda estava escuro ouviu batidas no guarda-roupa; abrindo os olhos notou no recinto uma luz esverdeada no quarto. Sentiu-se enrijecida e praticamente em estado cataléptico; mas esforçou-se por mover o braço e fazer o sinal da cruz sobre o peito, coisa que na sua ideia afasta os perigos. A sensação que teve foi a de que só conseguia mover os olhos, não a cabeça, o que lhe limitava o alcance da visão. Ouviu uma voz dizer "Raymond," e olhando para cima, imediatamente divisou uma figura em roupagem cinzenta. Percebeu que era Raymond, e posteriormente ouviu-o a dar passadas pelo aposento. A Sr.ª Leonard pensou lá consigo: "Estarei realmente desperta" e ouviu o som de um forte aguaceiro que caía, o que a confirmou na ideia de não estar a sonhar. Também conta que Raymond muito se parecia com o retrato da biblioteca, em bora não estivesse a envergar uniforme.

Nas seguintes noites passadas em Mariemont (Domingo e Segunda-feira) ouviu novamente batidas no guarda-roupa, e na de Domingo tão fortes que lhe pareceu que iriam o topo ia desprender-se; pancadas essas que tiveram começo logo que ela se deitara.

Nenhuma experiência psíquica foi tentada no dia da sua chegada, mas na noite de Sábado, todos da família se reuniram no salão para escutar música; a mesinha foi posta em movimento como de costume, sob as mãos de um irmão e uma irmã, e mostrou-se muito mais impetuosa quando Sr.ª Leonard lhe também lhe pôs as mãos. A indicação foi a de que: Raymond preferia uma conversa, por "poder agora falar e ver mais com maior clareza." A mesa começou uma frase: "É um dia especial, ele voltou de..." Mas não a pôde concluir.

(Justamente um ano antes, a 16 de Julho, ele havia estado ali pela última vez, em gozo de uma folga rápida, que desejou intensamente.)

Apesar do concurso da médium, a mesinha em breve estacionou. Afastamo-la e a Sr.ª Leonard preparou-se para o transe. Apareceu Feda. Disse primeiro que Ronn (o Tenente Ronald Case) e diversos outros amigos de Raymond se encontravam presentes, e que tínhamos de cantar para eles. Pediram que cantássemos o

Honolulu, *The Orange Complexioned Lady*, *Irish Eyes* e coisas assim. Em consequência, numa sessão posterior, quarta-feira, essas canções foram cantadas, para além da *Gipsy Love*, *Mélisande* e música sentimental dos Indianos – os chamados *Temple Songs*. Feda mostrava grande predileção por esse género, ao passo que parecia sofrer com os *ragtimes*. A tristeza de *Mélisande* não a afectou; disse que não se "doía de ver gente triste, se ficassem tristes na representação."

Mas voltando à sessão da noite de Domingo: depois de alguma conversa Raymond declarou que numa outra sessão queria ver-nos a todos no último andar. "Todos irão segui-lo até lá. Ele gosta do último andar, não do terraço, ele não se refere ao terraço, mas sim a um lugar mais interessante" – e Feda continuou:

Há alguma coisa em relação a um quadro do último andar. Um quadro que não está pendurado ou na parede. Ele procura mostrar qualquer coisa que lembra uma vara comprida (e Feda faz um gesto vago).

[Bem na realidade havia um quadro sem valor que figurava em casa da avó dele, em Newcastle-under-Lyme, que representava uma rapariga de capote e chapéu, a enfiar um bilhete na extremidade de uma vara comprida num buraco de uma árvore. Lady Lodge tinha-o deixado em Newcastle para ser vendido com outras velharias, mas o quadro veio parar a Mariemont. Dizem os rapazes que o Raymond o adquirira em New Street, Birmingham, por 5 xelins e o havia pendurado na parede do dormitório de cima. Lady Lodge, que ignorava isso, fora ao dormitório no dia seguinte ao da partida de Raymond e vendo lá o quadro botou outra coisa na moldura. Parece que era nesse quadro da moça com a vara que Raymond estava a pensar, e, notando-lhe a falta -- procurava dar a entender que reparara que o haviam mudado. – O.L., Agosto, 1916.]

[Nota de Março de 1922: Esse quadro, desaparecido em 1916, acaba de ser descoberto em Worthing e parece ser o mesmo de Newcastle. Encontra-se agora em Normanton, no laboratório].

Então, perguntei se ele, Raymond, queria dizer algo mais sobre o último andar, ou ao que chamara assim.

Feda – Sim, ele diz que é especialmente familiar. (Feda murmurou baixinho: *Dawnatry, daw, daw*).

Ele está sempre a repetir *daw* não sei quê, *Dormouse*... Não... não é assim. Diz dormitório, isto é, um jovem *arganaz*.8

8 Há aqui um jogo de palavras só compreensível em inglês: "Dormouse." É um animalzinho, o arganaz – e Feda confunde-o com "dormitório." Segue-se daí um interessante qui-pró-quó, que muito divertia Raymond e atrapalhava a pobre Feda.

(Aqui a família deu uma gargalhada divertida; Feda ficou bastante surpreendida e disse:)

Ele está troçar da Feda. Diz que quando o jovem *rato* está no andar de cima eles dizem que é "da classe alta". O enigma é esse.

[O quarto do sótão, onde Raymond e dois outros rapazes costumavam dormir, é conhecido na família como o "dormitório de cima." E os rodeios para fazer Feda dizer "dormitório" e "de cima" são divertidos. Mas do ponto de vista da evidência o episódio foi um pouco inutilizado devido a que o Alec e o Noel, numa recente sessão em Londres, tenham dito a Raymond qualquer coisa sobre o "dormitório de cima" – O. L.).

Feda – Ele diz que o "dormitório" é o convés. Está a troçar.

[Esta observação não foi entendida no momento; mas depois Lady Lodge fez-me recordar que uma parte adjacente ao sótão é conhecida na família como "o navio." Para chegar ao "dormitório de cima" há necessidade de seguir por um corredor com uma abóbada de tábuas, com vidraças que levam a luz ao salão dos fundos; que deixa uma passagem a toda a volta ao nível do dormitório superior. E essa passagem foi equiparada, pela família, às passagens ao longo das cabines de um cruzador, pelo que sempre lhe chamam "o navio." De modo que o dormitório pode ser considerado a parte dianteira, ou convés do navio. – O.L., Agosto, 1916].

Para esclarecimento do próximo episódio que se segue preciso dizer que Sir Herbert Tree, por ocasião de uma das suas visitas profissionais a Birmingham, costumava aparecer para tomar um lanche em Mariemont, onde era sempre bem recebido, especialmente pelo nosso Raymond, ao qual contava histórias de um modo encantador. Raymond gostava de imitar alguns dos seus maneirismos, para diversão da família, após eles fazerem uma visita ao teatro; de modo que o gesto que segue foi imediatamente reconhecido.

A Feda reportou:

Ele parece estar a fazer qualquer coisa de especial. Hoje trás um fato escuro – de um azul muito escuro. Terrivelmente elegante. E está aqui, bem de pé. Os cabelos a reluzir.

Lady Lodge – Sim, ele tem um aspecto muito bonito.

Feda – E faz assim (imita um gesto de Sir H. Tree, com a mão a varrer a testa) e diz languidamente): Por que nasci tão belo?

(Todos riem. Ao que o Raymond se curvou diante do grupo e disse:)

– Muito agradecido!

Ele vestiu esse fato de caso pensado. Dá-lhe um óptimo aspecto. Quer que saibam que ele é justamente tal como é – nem uma linha diferente. O mesmo de sempre. Quer que compreendam acima de qualquer outra coisa. Também se mostra sério com respeito a isso. A única diferença agora é que não come, não se preocupa, não

se interessa por isso. Andou a excursionar de iate, razão por que está de roupa azul-marinho.

[Depois da imitação de Sir Tree, a qual muito fez rir a assistência, Raymond expressou-lhes o seu agradecimento exactamente coo costumava fazer. Este detalhe é extraordinariamente característico. Lady Lodge confessa ter-lhe transmitido a sensação exacta de Raymond. – O.L., Agosto de 1916.]

Um episódio divertido sobre um volante que o Raymond fizera para um carro de corrida e que foi entregue à Feda. Contudo, o espaço impede-nos de o incluir aqui.

Na noite de Domingo Raymond declarou novamente desejar ir ao andar de cima para uma sessão lá. Eis o que sucedeu:

Feda – Raymond diz que quer que todos, junto com Feda, vão para o "arganaz." Quer uma sessão lá. Não há inconveniente para a médium, embora ele ache o lugar um tanto esfriado, gelado mesmo.

Alec – Ele descreveu algo que sucedeu lá na noite passada. Poderá agora descrevê-lo melhor? Só falou de qualquer coisa que aconteceu.

Feda – Ele diz que qualquer gira mas nem sempre da mesma maneira.

Alec – Onde?

Feda – O "arganaz" pode ver isso. O "arganaz" põe os olhos nisso e canta: *Oh, winds that blow from the South*. Quando o vento sopra do norte, o "arganaz" olha para o outro lado. (*Em voz baixa*): Isto é absurdo!

Alec – Não. Está correcto.

Feda – Se o tirassem de lá, o arganaz sentir-se-ia perdido.

Alec – Diga-lhe que compreendemos o que ele quer dizer.

Feda – Compreendem? É estranho! Ele está a fazer assim com os braços. Oh, deve ser um interessante "arganaz." Estão todos a começar a despertar.

Feda – Lá vai ele. Adeuzinho!

[O cata-vento dos estábulos não fica distante e é visível das janelas do dormitório de cima. A Sr.ª Leonard nunca lá tinha estado em absoluto].

Terça-feira decidimos ir ao andar de cima, que a Sr.ª Leonard ainda não conhecia; e aqui publico o resultado:

(Depois do chá, logo após seis horas, toda a família foi para o dormitório de cima e baixou os estores. Existe lá um quartinho, batizado "o rabugento," que Raymond costumava usar como gabinete de estudo. Quando estavam prontas desci em busca da Sr.ª Leonard, que veio e sentou-se de costas voltadas para o quartinho, cuja

porta estava aberta. Quando Feda surgiu, ela voltava-se continuamente e estendendo as mãos para esse cômodo disse):

– Que está a fazer aí? Não fique aí, saia e venha falar. Ele está ali. Que está a fazer? Venha! Ele diz que está a ver o "arganaz." Está a fazer qualquer coisa ali. Diz que costumava ficar lá.

[Raymond, de facto, chegou a trabalhar por vezes nesse quarto em desenhos técnicos – O.L.]

Está a tentar sentir qualquer coisa nas paredes. Diga a Feda o que procura.

[Um dos rapazes havia pendurado a roda de volante, a que já nos referimos, com um prego na parede, sobre um certificado de Raymond emoldurado. – O.L.]

Não é bem um quadro o que ele quer, mas se achar um quadro terá o que procura. Não pode chegar-lhe, diz ele. É melhor tirarem-no de lá e darem-lho.

O. L. – Uma coisa quadrada? [A pergunta foi feita com o propósito de atrapalhar].

Feda – Ele diz: Pai, a sua vista não melhorou! Três pernas, diz ele.

[A roda de volante tinha três raios recurvados, sugerindo as três pernas da ilha de Man. O.L.]

Uma coisa de rodar, diz ele. Uma imagem redonda. (*Em voz baixa*): Que é? Um bicho, talvez. Ele diz que vocês sabem muito bem do que se trata.

Nós – Sim, sabemos. Quer que o tiremos do prego?

Feda – Ele responde que não, já não o quer mais. Diz que as uvas ficaram muito doces. (E Feda comenta:) Está a dizer tolices. Fez questão de ter aquilo e agora não quer mais.

Este breve episódio é muito instrutivo por mostrar o que eles pretendem quando dizem "precisar" de certas coisinhas triviais a que estiveram associados. O objectivo é apenas o de mostrar que são eles próprios e as retêm na memória apesar da memória estar separada do corpo. Raymond prosseguiu mencionando uma porção de coisas que no seu tempo sucederam naquele seu quarto; por uma questão de brevidade só me referirei ao pedido que fez da fotografia de uma embarcação que já lá não estava agora, mas que estivera; também fez referência ao hábito que tinha de utilizar de uma determinada janela do sótão e do teto para a exposição de chapas fotográficas. E disse que o cata-vento do estábulo (ao qual se referia agora como a brincadeira do "arganaz") era visível de uma das janelas – naquele momento fechada pelos estores, e pela qual a Sr.ª Leonard não tinha espreitado. Em seguida Raymond tentou assumir o controlo directo da médium. Não foi lá muito feliz; mas o facto é interessante, sobretudo por causa das observações de Feda sobre tal tentativa. Eis o que disse:

O. L. – O Raymond está aí? Pensará ele que o vai conseguir agora?

Feda – Ele não sabe, mas Feda gostaria que experimentasse.

Pelo que diz Paul, quando menos o esperar ele o conseguirá.

O. L. – O Paul parece tê-lo conseguido muito bem.

[*i.e.,* em casa do Dr e da Sr.ª Kennedy. Fui informado que quando a Sr.ª Leonard lá está ele tem tentado controlá-la; na maior parte das vezes por gestos somente, embora eles sejam amiúde de tipo comprovativo. – O.L.]

Feda – Sim, por vezes; mas Raymond não diz muita coisa quando a controla. Diz que não consegue recordar-se das coisas. Quanto mais perto chega do contacto físico, menos consegue pôr o cérebro a trabalhar. Quanto mais se aproxima do toque físico, mais perde isto (Feda indicou a cabeça, referindo a "inteligência.") Eis por que, quando estava a falar através da Sr.ª...... ele mostrou estilo de sermão de Catequese. É o que lhes acontece quando não dominam a médium de modo absoluto.

Feda sabe quando domina o que *ela* (indicando a médium) pensa. Mas os que não sabem adquirir controlo têm que usar aquilo com que se deparam (isto é, no cérebro do médium). E então transformam-se naquilo que o incorrecto do Dr. chamou a Feda – Ele disse que Feda era um "aspecto da mente subjetiva da médium." Horrível tal designação da Feda! "Fase da mente subjetiva!" Não foi blasfémia, mas foi muito feio! (Pausa). Seria óptimo que ele conseguisse expressar-se através da médium, por existir muito poder.

[Cumpre notar que embora Feda muitas vezes fale na primeira pessoa, como sendo Raymond, um controlo directo por parte do Raymond é raro; e quando ocorre, raramente é de carácter estritamente *comprovativo*, excepto quando mais tarde há referência ao facto por parte de uma outra médium].

Reinou um longo silêncio, e estremecimentos da parte da médium, com vãs tentativas para emitir palavras. A mão de Lady Lodge foi agarrada e fortemente apertada até doer. Depois chegou a minha vez. Tive a mão apertada e sacudida violentamente durante um longo tempo.

Palavras desconexas foram proferidas e a médium começou a chorar um pouco. As palavras "Raymond" e "Mãe" foram pronunciadas, mas com dificuldade e repetidamente.

A mãe dele retribuiu a manifestação de carinho e disse-lhe que não se afligisse, pois estávamos todos muito contentes com o que fora realizado.

E ele disse:

– Não me sinto infeliz mas apenas exaltado.

(E depois, em voz alta:)

Pai.

(A esta altura o Lionel murmurou:)

Pat (e estendeu-lhe a mão, que foi agarrada com força).

Sobreveio um outro brado. Alec, Norah e Honor também lhe apertaram a mão e Raymond disse:

– Retiro-me.

[Tudo isso levou muito mais tempo do que o gasto nesta anotação].

Em seguida as mãos da médium caíram frouxas sobre o colo. Feda não mais se manifestou, e a Sr.ª Leonard voltou lentamente a si. Por fim esfregou os olhos e disse:

– Sinto-me diferente do costume.

(Levamo-la a respirar ar fresco à janela e depois ao jardim. Não pareceu piorar. Os outros sentiam-se um tanto exaustos. No dia seguinte a Sr.ª Leonard informou-me de que passara muito bem a noite e que não escutara batidas no quarto – pela primeira vez desde que o ocupara – O.L.)

Alguns meses depois tive notícia de duas senhoras dotadas de grande poder mediúnico, que por vezes se punham à disposição de estranhos devidamente apresentados por amigos.

Graças à amabilidade de uma amiga das suas relações, Lady Lodge pôde ser recebida sem se dar a conhecer – isso sucedeu a 21 de Setembro de 1916 – e obteve uma comunicação de grande valor *comprovativo*. Os guias reconheceram-na imediatamente, e logo depois anunciaram-lhe o nome, a despeito de Lady Lodge ter-lhes pedido que não o fizessem. As duas senhoras muito se surpreenderam de saber quem estava ali; haviam suposto tratar-se da irmã do amigo que a apresentara. A única parte que aqui descreverei dessa sessão – em que o meio empregue foi a mesinha, por meio do que letra a letra foram enunciadas de um modo bastante curioso – consiste em algo tão obviamente desconhecido das duas médiuns, que mesmo supondo que tivessem conhecimento da identidade dela, serve de prova perfeita de alguma espécie de poder sobrenatural, embora pudesse ser (para mim erroneamente) atribuído à telepatia. Lady Lodge não tocava na mesinha nem assistia à sessão por forma nenhuma. Ninguém tocava na mesa, excepto uma das senhoras, que por essa altura nos eram inteiramente desconhecidas.

Raymond mostrou-se ostensivo ao comunicar de modo a produzir a melhor demonstração de evidência.

Raymond – Como vai a Harris?

Lady Lodge – Não conheço nenhum Harris.

Raymond – Oh, mãe! Não importa. Há de lembrar-se.

Lady Lodge – Algum parente?

Raymond – Não.

(Nesse momento tive um clarão. Havíamos tido em Mariemont uma empregada, Harrison, que permanecera na família vinte e quatro anos – a quem os meninos tratavam por "Harrie.")

Lady Lodge – É um "ele"?

Raymond – Não.

Lady Lodge – É uma "ela"?

Raymond – É.

Lady Lodge – Oh, então precisas dar-me uma mensagem que ela consiga entender.

Raymond – Diga-lhe que já não preciso que me remende a roupa.

(Harrison remendava a roupa dos meninos. Lembro-me de umas calças de tênis que ficaram para a história na família por causa de certo remendo que ela fizera).

Raymond – Mãe, sou eu próprio. Estendo o meu amor a todos. Anime-se, mãe.

Seguiram-se outros guias e foi proporcionada uma notável prova por um desconhecido do outro lado – mas como não foi referente a Raymond, deixo de mencioná-la neste livro, excepto dizer que se referiu a um estojo que pertencera a um oficial morto, e que problemas para uma importante família tinham sido evitados pela exacta informação dada quanto ao seu lastimável conteúdo.

De 1917 tudo o que de mais interessante reportarei é uma sessão de voz directa, ocorrida em Janeiro, com a Sr.ª Roberts Johnson, a chamada "médium da trombeta"; interessante, em vista da posterior referência feita ao facto por intermédio de uma outra médium.

A sessão realizou-se nas proximidades de Birmingham, em casa de um médico, com diversas pessoas presentes, entre as quais Lady Lodge e Honor, que se apresentaram sob anonimato.

Aqui reproduzo as anotações feitas pela minha filha -- que também é algo sensitiva:

"Senti grandes ondas de vibração, quase como se estivéssemos no mar, ondas que se erguiam do chão sob a minha cadeira e que todos os presentes também sentiam. Assim como lufadas de ar frio. Os restantes presentes na sessão eram amigos do Dr. ..., que é um investigador psíquico que não crê muito na trombeta. Volvido

algum tempo desde o início da sessão uma profunda voz Escocesa vibrou na trombeta, ou nas suas vizinhanças, e disse:

– Bom dia, senhores!

Explicaram-me tratar-se do guia principal, David.

Continuamos a cantar; e a voz manifestou-se de novo:

– Todos estão a sair-se bem.

A trombeta começou então a dar voltas pelo recinto, a bater nas pessoas; algumas confessaram ter sido tocadas por mãos, ou terem ficado com os braços manietados, como que tivessem sido agarradas por um outro braço. Por fim a trombeta dirigiu-se a nós, e a Sr.ª Johnson declarou que estava a ver um moço em uniforme cáqui, de pé à minha frente, com papel e lápis na mão. E a trombeta disse-nos:

– *Ray mnd. Ray mond*. (A segunda sílaba soou praticamente imperceptível para quem desconhecesse a palavra).

– Diz ao meu pai que estive aqui.

Isso foi enunciado numa voz muito débil, mas reconhecemos a voz de Raymond. Como tivéssemos percebido mal, pedimos-lhe que repetisse a última frase, o que foi feito num tom de berro que distorceu por completo a voz ao misturá-la com a vibração da trombeta. A minha mãe ficou aborrecida, pelo que o Raymond disse:

– Não se aflija, mãe. Eu estou bem.

Aí a mãe perguntou:

– Sabias antecipadamente que vínhamos aqui?

– Sem dúvida. Estou sempre convosco.

A trombeta bateu em mim e na minha mãe. A Sr.ª Johnson esteve todo o tempo em que ele falou a repetir:

– Fale, fale, amigo!

A trombeta dirigiu-se em seguida para o centro da sala e comunicou mensagens a outras pessoas. Lá pelo final da sessão vimos luzes pelo teto e paredes, como estrelas; também ocorreram batidas no canto da sala, fenómeno a que ninguém deu importância.

Essa sessão foi realizada a 23 de Janeiro de 1917. A 12 de Fevereiro, três semanas depois, numa sessão da Sr.ª Leonard, Feda disse-nos, a Lady Lodge e a mim – referindo-se à família em geral:

Feda – Ele (Raymond) declara que andou a tentar falar convosco. Não por meio da mesinha, mas por meio de viva voz propriamente – e que ficou um tanto desapontado.

Lodge – Porquê? Por não o ter conseguido? [não sabíamos ainda ao que ele se referia].

Feda – "Sim. Eu estive lá. Estive, mas uma tanto desapontada por não adquirir força e agir adequadamente. Tenho esperança de vir a actuar melhor em outra ocasião. Alguém lá presente falou-me; mas eu não conseguia ver com clareza. Mas espero consegui-lo numa outra altura. Uma espécie de névoa envolvia tudo. Alguém procurava ajudar-me demais, alguém que eu não conhecia."

Ele está a mostrar à Feda uma sala de visitas, não na vossa casa – em outra. Não foi ontem nem hoje. Ele julga que estavam lá várias pessoas para além de si. Faz algum tempo.

(Lady Lodge percebeu ao que Raymond se referia e perguntou:)

Lady Lodge – Quem estava presente?

Feda – Miss Olive (9**)** e uma senhora estava convosco. Não o pai dele, por o Raymond não conseguir distinguir com clareza de quem se tratava, mas havia lá mais gente além de si, e ele experimentou falar.

9 Feda inventara esse nome para a mãe do Raymond, numa das primeiras sessões, e ainda a trata assim.

Lady Lodge – Diga-lhe que escutei a voz dele.

Feda – Isso alegra-o. Mas sentiu-se bastante decepcionado numa certa ocasião por não conseguir a força suficiente nem mantê-la. Reuniu-a, mas logo de seguida ela dissipou-se. Não conseguiu pensar em testes enquanto lá esteve. Interessa-se por testes e tinha alguns reservados – mas não conseguiu enuncia-los. Nada pôde dizer além de generalidades. Diz que tocou na senhora – duas vezes, segundo parece.

Lady Lodge – Sim, está certo.

Feda – Isso foi um prazer para ele. Agora pergunta se a voz lhe terá a que tinha. "Alguém estava a ajudar-me muito." Alguém do outro lado, diz ele, estava a tentar ajudá-lo. Procurava levá-lo a erguer a voz, e quando a ergueu o som tornou-se estranho, algo que não conseguiu reconhecer. Isso deixou-o desapontado. Achou que se tinha saído melhor quando falara num tom da voz mais baixo. (Muito certo). Sentiu-se inclinado a dizer "*ah weel.*"

Lady Lodge – Óptimo!

[Isso foi dito por um dos guias da Sr.ª Johnson ser David Duguid, que falava em dialeto Escocês. "*Ah weel*" é dialeto Escocês. A seguir Raymond é reportado na primeira pessoa.]

Feda – "Sim, eu senti como que vontade de dizer "*ah weel*", mas felizmente pude conter-me. Mãe, estive muito perto de conseguir.

Lady Lodge – Sim, ouvi a tua voz, Raymond, e reconheci-a muito bem.

Feda – "A entoação foi melhor quando falei baixo. Eles procuraram ajudar-me e isso deixou-me desconcertado."

[Conforme narrado anteriormente, a Honor observa na sua anotação que enquanto a trombeta falava a Sr.ª Johnson não parava de dizer: "Fale, amigo, fale!"]

"Espero que em breve tenhamos outra oportunidade. Experimentem. Eu quis falar disto, mas talvez devesse ter dito algo acerca disso antes."

Lady Lodge – Quem estava lá comigo? (Pausa).

(Feda para o Raymond: Não sabes?)

Feda – "A dizer a verdade, não consegui perceber. Pareceu-me uma das meninas; senti como que alguém da família – alguém que devia conhecer; mas apenas senti, não pude ver. Escutou o pouco de dança que fiz – um bumpety-bump?

(Feda) Ele fez.

Lady Lodge – Não. Nada percebemos.

Feda – Ele fê-la no assoalho, com qualquer coisa de metal.

Lady Lodge – Provavelmente atribuímo-lo a algum dos presentes.

Feda – Não, ele estava a fazer assim: um, dois, três (batidas).

[A Honor declara que de facto a corneta bateu no chão na frente dela, exactamente como Raymond conta.]

Lady Lodge – Sim, isso ouvimos.

NOTA DE O.L.

A confirmação generalizada recebida pelos factos dá muito valor àquela sessão de voz directa com a outra médium, a não ser que admitamos a estúpida hipótese de cooperação fraudulenta.

No começo de 1920 fui aos Estados Unidos e lá procurei alguns médiuns amadores aos quais Raymond se referiu, através de Feda, depois da minha volta à Inglaterra. E diversas observações de Raymond nas sessões de voz directa e trombeta são bastante instrutivas. O que se segue é um resumo do que lhe escutamos. Interrogado se tinha falado através de um homem dotado de um estranho modo de se exprimir, respondeu:

"Sim, eu disse qualquer coisa, mas não gostei muito. Não me utilizei da língua dela, mas apenas da sua laringe – sem a língua, sem a boca. Foi como se desarrolhasse qualquer coisa e a deixasse aberta. Interesso-me muito por esse homem, e se o conhecesse melhor podia gostar dele. Foi um forte tipo de mediunidade, e eu quis dizer alguma coisa bem *evidencial* por intermédio dele, mas encontravam-se lá

outras pessoas, de modo que não pude dizer o que queria. Senti-me *muito* lá. O homem tem muito poder. Anda a pensar em visitar a Inglaterra."

NOTA

As notas de Lady Lodge sobre o incidente da América são as seguintes:

"Inicialmente vi o Sr. ... num jantar em casa dos Kovens. Eu sempre me interessara pelo encontro desse famoso escritor, de quem tanto há anos que ouvia falar. O homem era muito diferente do esperado no aspecto, mas gostei muito do rosto dele tanto pela característica quanto pela expressão. Conversamos durante o jantar sobre assuntos do dia, mas depois, apesar da presença de mais três pessoas, falou-me ele de uma extraordinária experiência psíquica que lhe influenciara a vida, como aquela visão influenciara a vida de S. Paulo, e que o deixou com alguma força psíquica e poder de oratória. Perguntei-lhe se podia dar-me um exemplo disso. Estávamos sentados um pouco à parte dos outros, e o Sr. ... acedeu e deixou-se levar.

Deixou a boca aberta e, sem que seus lábios e língua se movessem, soou uma voz através ela – e fiquei certa de que Raymond tinha falado. Não tomei nota do que foi dito, e não era coisa *evidencial*, mas revelava-se muito semelhante ao que Raymond nos costumava dizer – naquela sua maneira tão peculiar."

Na sessão de Feda, de 3 de Junho de 1920, que vínhamos narrando e foi interrompida por estes incidentes intercalares (para a boa compreensão do resto, será conveniente reler o que vem atrás), Raymond, depois de breve conversa sobre outros assuntos, acrescentou o seguinte:

"Voltemos agora ao homem que abriu a boca. Isso equivale à mediunidade que usa a trombeta. Em ambos os casos a fonte é a mesma. Na mediunidade de trombeta, a voz, embora pareça independente do médium, está de qualquer modo ligada à sua garganta e à sua laringe. Por isso é que tons da voz do médium são emitidos e é tão amiúde colorida pelo médium. Na realidade não é autônoma. Ultimamente cansei-me dela."

A seguinte comunicação oriunda de Myers, por intermédio de Feda, tivemo-la a 24 de Março de 1917 e parece-me instrutiva:

Lodge – Não poderá Myers fazer que alguns dos meus amigos, homens de ciência, me mandem qualquer coisa nova e importante? Até aqui só temos tido as coisas clássicas. Por que não científicas também?

Myers – Os homens de ciência (disse Myers a sorrir) acham mais difícil comunicar livre ou forçadamente por meio dos métodos extremamente limitados que presentemente temos, do que de pessoas que desenvolveram as suas faculdades por outros modos.

Feda – Raymond diz "isso estará bem para si, pai. O cavalheiro que falou diz "Espero que compreenda esta dificuldade."

Lodge – Sim, certamente que sim.

Myers – É mais difícil apanhar factos concretos do que simples manifestações poéticas ou literárias. Estas parecem surgir mais livremente, como coisa que flutua à tona das vagas (fez um gesto sinuoso com a mão). Mas a produção de factos científicos é dura, seria difícil. E se começássemos teríamos de imaginar novos meios ou métodos... (Feda não entende bem). Bem, vou explicar-me melhor. Poderíamos ter que estabelecer alguns meios, ou um código, para melhor entendimento mútuo. Assim, pode ser dada através dos médiuns para quem termos científicos não apresentem grande dificuldade. Precisamos usar a cabeça do médium como um crivo, e poucos têm esse crivo nas condições em que possamos deixar passar partículas demasiado grandes para a rede. O médium não absorveria nem transmitiria sem grande dificuldade.

Lodge – Sim, mas quando os participantes são pessoas trinadas, conseguem interpretar qualquer sugestão.

Myers – É o que queria dizer (isto é, refere-se a uma espécie de código), mas tenho esperanças de que por meio de si consigamos qualquer coisa do género.

* * *

Há igualmente umas observações de Raymond sobre os erros da transmissão:

Raymond – Não sei como formular isto, pois vocês (Pai e Mãe) podem não o compreender perfeitamente, mas quero falar sobre as mensagens. Não notam nelas muitas contradições e perplexidades? Parece-me que sim. Não sei se perceberam isto antes. Houve uma ocasião – ou duas – em que você, meu pai, teria ficado impressionado, se não fosse quem é. A mãe também o sabe. Pense nisso. Uma dessas contradições e perplexidades ocorreu à distância, outra perto de casa.

Lodge – Tenho recebido mensagens atribuídas a ti, mas que não admiti como autênticas.

Raymond – Especialmente em duas ocasiões envolvi o pai em condições que lhe deviam pôr à prova a paciência, se não a fé.

Lady Lodge – Houve uma em que me chamaram "Mãe anjo," e que não admiti que viesse do meu Raymond.

[Por amor à brevidade, parafrasearei o resto do que foi dito sobre esse assunto].

Outras condições podem não ter sido as adequadas. A guia da médium por vezes muita vez faz passar impressões suas, pelo que fica numa mistura. Ainda quando estou presente há mistura. Ando à procura de meios de me expressar. A fala é um, mas a voz não se assemelha à minha. Não tive voz de contrabaixo. Poderia sair-me

melhor se me deixassem a sós. Os guias são demasiado amáveis. Eu não falo o Inglês da América. Falo?

Lady Lodge – Não. Sei que não usarias esse modo de falar.

Raymond – Por vezes consigo vê-la. Quando há bastante força, consigo ver o que é físico. A escuridão parece que me ajuda a ver.

Além disso, ocasionalmente compareço a sessões onde há assistentes impressionados pelo nosso livro – costumo chamar "meu" ao livro do meu pai, mas abro uma excepção e chamar-lhe-ei "nosso." Quando tenho consciência disso, e o pensamento dessa gente me alcança, costumo mandar-lhes uma palavrinha.

* * *

Um facto de algum interesse ocorreu em Setembro de 1916, antes que este livro surgisse.

Dirigindo-me ao Raymond, perguntei-lhe se recordava um certo nome (que enunciei, sem lhe dar nenhuma outra indicação). Imediatamente respondeu que "sim" e mencionou um soldado com tal nome, que fora ordenança dele, e citou peculiaridades. Disse depois que esperava que esse homem não houvesse causado incómodo, e que não iria representar aborrecimento nenhum -- que lhe dera algum dinheiro -- e que supunha que ia bem. De facto, o homem mencionado tinha-me recentemente visitado e eu dei-lhe algum dinheiro, e disse que "provinha do Raymond." Jamais esperei que Raymond tivesse conhecimento disso mas teve, e indicou claramente a pessoa. Não tem conta o número de incidentes que revelam que Raymond acompanha o que a família faz, acerca das suas enfermidades, dificuldades e êxitos, e mantém-se a par do que se passa em casa, e do que fazemos, as inúmeras ansiedades e alegrias, e tristezas. Devo dizer que frequentemente comprova o quão próximo continua em contacto connosco, e mais não direi.

Por fim referirei uma ou duas passagens não evidenciais das comunicações recebidas em 1918. Raymond advertiu Lady Lodge de um erro de data na placa comemorativa do memorial que fora erigido na igreja de S. Jorge, em Edgbaston. Disse, por intermédio de Feda que tinham marcado uma quarta-feira gravada lá em vez de terça-feira (que era o certo, pelo que o dia do mês não corresponde ao dia da semana) mas que isso não o aborrecia, mas o divertia; mas disse:

"Não o podem eliminar. O erro foi cometido e ficará para sempre. É como a consagração de um erro. A mãe compreenderá," disse ele, a rir.

[Reproduzo em gravura esse memorial, onde o erro do dia da semana pode ser verificado.]

Na mesma sessão que tivemos com Sr.ª Leonard, em Datshet, a 2 de Abril de 1918, depois de se referir com intuitos *evidenciais,* a diversas pessoas, Raymond abordou matéria não verificável; falou de coisas do outro lado, das quais não tínhamos tido

conhecimento ultimamente. A mãe dele tinha levado consigo um estenógrafo, de modo que o que Feda diz aparece mais completo do que o usual – e com isto rematarei este já muito dilatado capítulo.

Aqui está o registo -- que apresento pelo que possas valer -- dessa porção de uma longa sessão em que ele falou de forma útil acerca de muita gente, até a mãe o interromper e dizer:

Lady Lodge – Raymond, diz-me algo da vida que levas.

Feda – (*em voz baixa*) Não se importa de falar dessa gente. Ele gosta de falar sobre ela por gostar de coisas que a senhora pode verificar.

Lady Lodge – Julguei que não gostasse de questões-teste.

Feda – É bastante necessário, embora ele sempre deseje falar da vida que leva aqui, mas sabe que será bom para as outras pessoas que a senhora tome nota disto.

Ele – espere um instante – ele está a aprender bastante ultimamente. A aprender, Miss Olive. Está a aprender tanto que contraiu fúria de aprender.

Lady Lodge – Em livros?

Feda – Não; em preleções, a seguir ao que fazem manifestações. O de que mais gosta é de visitar as outras esferas. Gosta disso. Lembre-se da experiência que já foi narrada nesse sentido?

Lady Lodge – Lembro. (Ver cap. XVI)

Feda – Ele já lá foi muitas vezes, depois daquela. Muitas, muitas vezes.

Lady Lodge – Chega lá mais facilmente agora?

Feda – Isto é o que o Raymond diz: "Disse-lha, da primeira vez, que não consegui coordenar completamente as ideias. Da segunda vez foi melhor; senti ter domínio sobre mim própria. Já estou mais habilitado a saber o que esperar. Mas estranhamente, da terceira vez eu fiquei demasiado confiante mas saí-me tão mal como da primeira. Para lá irmos precisamos preparar-nos, e manter um estado de reverência, e não mostrar demasiada confiança na nossa capacidade de suportar as coisas. Recebi muitas lições. Ensinamentos."

A seguir, a feda prosseguiu:

Ele diz que aprendeu tanto, que não consegue encontrar palavras que o traduzam através de uma médium. Tornou tudo quanto se passa no plano terreno sobre religião, certo e errado e a escolha entre um e outro, tornou tudo isso claro. Muitas vezes ele pensa que se pudesse voltar ao plano terreno, poderia pairar pela vida. E crê que, se as pessoas pudessem auscultar o próprio íntimo mais, poderiam alcança-lo e obter boa parte do que ele aprendeu. Mas quando as pessoas querem fazer algo no plano da terra, não entram em si próprias, por recearem chegar a

decisões contrárias ao que desejam. Essa é a razão dos homens não poderem escolher entre o justo e o injusto.

Encontrou muitos amigos seus que foram à mesma esfera, e acha admirável como a encaram de diferentes pontos de vista. Uns pensam uma coisa; outros pensam outra. Diz estar certo de que quando ele lhes fala é como Raymond pensou a princípio. Ele não lhes fala por palavras, mas de alma para alma, de mente para mente. Se fosse com palavras, por que motivo um milhar de nós andaríamos a receber uma mensagem diferente de imediato?

Ele diz: “Sei que muitos procuram provar que existem outros grandes mestres; e podem ter existido; mas quando entramos no mundo do espírito, compreendemos a razão por que não há outro como Ele, nem um.

CRISTO

Raymond foi um dia levado ao... -- ele pode dizer não saber como dizer por palavras onde foi levado, por não achar que as palavras o consigam descrever.

A senhora lembra-se de ele lhe dizer da sua ida através das esferas até à sétima. De como lhe disse que avançou por uma abertura da quarta, da quinta e da sexta, e de como a atmosfera da sétima era diferente a ponto de não conseguir suportá-la? Como se sentisse pouco seguro de si e perdesse o domínio de si próprio. Ele ouve as pessoas da terra falarem da ida a uma dimensão diferente. Pois bem, ele sentiu praticamente isso, como se tudo estivesse ao contrário.

(Feda prosseguiu):

Há algum tempo, antes da última sessão com Soliver (ele nada disse a respeito por nunca estar seguro de o poder explicar), Raymond fez esta pergunta: “Se existe a sétima esfera, que existirá além?” E responderam-lhe: “Deus apenas.” E ele perguntou: “Que quereis dizer com ‘Deus apenas’?” Queria saber se Jesus não era Deus, ou o que podemos chamar de encarnação de Deus. Mas eles disseram: “Tal como tu, conforme te foi ensinado no plano terreno, Jesus é o Filho de Deus, e o espírito de Deus está n’Ele; não a totalidade de Deus, mas a porção de Deus que ele consegue comportar. Por isso é que Jesus foi chamado Filho de Deus, e não Deus.

Raymond continua:

“Eu quis captar o sentido disso; fiquei ansioso por isso; mas disseram-me que antes de ir averiguar, aguardasse preleções especiais a respeito. Muito poucos vão, disseram-me.

Mas quando foi às preleções na minha esfera, percebi que certos conhecimentos materiais e certas coisas mecânicas, que me haviam interessado no plano terreno, me ajudaram a compreender aquilo com que me ia deparar nas outras esferas. Os rapazes conseguirão compreender parte disto; a outra, não.

Assim, levaram-me além da sétima esfera. Não pararam na sétima, mas prosseguiram como que passando pela abertura, e disseram-me para me concentrar e pensar em mim apenas como mente, não como espírito. Para experimentar fazer isso. E que quanto mais eu o experimentasse, mais fácil se me tornaria pensar em mim como um germe.

"Por que não poderei ser eu próprio?" perguntei.

Disseram-me: "Não, não faças de perguntas, pensa de ti próprio como algo muito pequeno. Como mente, só; como poder de percepção apenas." De facto disseram-me para pensar de mim como um óvulo! Eu não sabia de que modo o julgar-me óvulo me pareceu mais fácil; mas ao pensar assim comecei a ver que o movimento do voo se me tornava mais fácil. E lá cheguei ao – não sei como chamá-lo. Cheguei ao que pode ser chamado uma esquina – como a da Land's End na Inglaterra. Compreendo porque me mandaram pensar em mim próprio como algo pequeníssimo; por ter achado uma maravilha que eu não fosse soprado para norte, sul, leste e oeste ao mesmo tempo. O ar parecia como formado de nada mais nada menos que rios eléctricos – como se eu estivesse num rio. Um rio de eletricidade ou força, que fluía ao mesmo tempo em todas as direções. Num instante, fluía para este lado; no seguinte fluía para o outro.

As sensações que tive foram extraordinárias; não me afligia, mas alcancei aquela grande clareza de visão a que já me referi, na sétima esfera, na presença de Jesus. Isto era na presença de Algo que a minha mente não conseguia compreender, mas que a minha alma via e compreendia, que me encontrava na presença do Infinito. Aquilo não tinha forma, nem tamanho; não era quente, nem frio. Não era nada que a nossa mente finita pudesse apreender. Foi o que apurei enquanto lá estive – porém, não agora.

Tinha comigo um dos guias – não sei se já contei – o qual me disse: "Conserva-te pequeno;" e vi que precisava de contrair-me ainda mais.

Não lhe perguntei: "Que força é esta?" mas ele captava-me os pensamentos sem que eu formulasse as perguntas. Disse-me ele: "Estás na presença do Infinito. O que sentes é a Força Vital, que vai de Deus para todas as esferas e alimenta o plano terreno. Sem ela, nada existiria com vida à face do globo. Nem animal, nem planta – sem esta Força que agora sentes."

Senti-me -- não decepcionado -- mas desejara algo passível de ser definido, algo que tivesse forma.

O guia disse: "Não compreendes que só no plano terrestre as coisas possuem formas definidas, de modo que a vossas mentes finitas possam apreender alguma coisa que diga respeito a isto? Talvez que no futuro muito mais seja apreendido. Mas é algo além de nós próprios. É o Infinito. Por isso não o consegues entender."

A minha mente não apreendeu aquilo, mas a minha alma apreendeu; e o guia disse-me, sem que eu nada perguntasse: "A tua alma apreende-o por a tua alma fazer parte daquilo. Só com a tua alma conseguirás compreender aquilo. A mente não necessita preocupar-se com formas nem feitios. Deixa a tua alma alçar-se à sua estatura que a tua mente o seguirá passo a passo.

Ah, nem consigo dar-lhe conta!

Lady Lodge – Será isso a Força Todo-poderosa? O Mal não o combaterá?

Raymond – Não aqui.

Mãe, aqui todos sabemos, qualquer espírito inteligente sabe que o único mal é próprio do plano terreno e de outros planos inferiores – os astrais.

O Bem Infinito está luta contra o Mal no plano terreno e no astral. E o Bem Infinito deverá vencer. O Mal persiste na terra por ser da terra. É o aspecto físico baixo dos homens que cria esse mal; mas quanto mais as almas se desenvolvem, mais se ajudarão a si próprias. Esta Força vai assistir-lhes. Vai conquistar, mas não seria justo esmagar o mal nem por milagre. O homem não poderia aprender. Se o homem não puder compreender a importância da luta, não entenderá a importância do desenvolvimento do Bem no plano físico.

Essa é a razão da guerra estar a prolongar-se tanto. Se a guerra tivesse acabado após alguns meses, os homens estariam novamente prontos para o mal; a Inglaterra em dois anos estaria de novo pronta, e todos os demais países igualmente.

A Inglaterra aprendeu uma lição espiritual que não esquecerá jamais. O meu pai sabe disso – e há de saber mais. Eu e o meu pai não teríamos feito o que fizemos se não fora por causa da guerra. A guerra é a alavanca que está a abrir caminho entre os dois mundos, a combater o mal e a fomentar o bem. Parece horrível; mas se você tivesse visto o que eu vi, compreenderia que o mal não passa de pequena mancha numa imensa superfície de alvura.

Feda – Ele está a perder a força.

Essa é apenas uma das coisas: ele já aprendeu muito. Tem aprendido muito. Não diria que seja muitas vezes capaz de lá ir, mas foi-lhe informada muita coisa sobre essa Força e sobre o como é empregada. "É uma força tão real quanto a electricidade, diga ao meu Pai."